

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DO PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Enmilly da Costa Coffacci

**PENSAR A EDUCAÇÃO ESTÉTICA E A CRIAÇÃO A PARTIR DA VIDA E
CANÇÕES DE DONA IVONE LARA**

Corumbá, MS

2025

ENMILLY DA COSTA COFFACCI

**PENSAR A EDUCAÇÃO ESTÉTICA E A CRIAÇÃO A PARTIR DA VIDA E
CANÇÕES DE DONA IVONE LARA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação Social, Linha de Pesquisa: Práticas educativas, formação de professores(as)/educadores(as) em espaços escolares e não escolares, do Câmpus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientação: Erika Natacha Fernandes de Andrade

Corumbá, MS

2025

ENMILLY DA COSTA COFFACCI

**PENSAR A EDUCAÇÃO ESTÉTICA E A CRIAÇÃO A PARTIR DA VIDA E
CANÇÕES DE DONA IVONE LARA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação Social, Linha de Pesquisa: Práticas educativas, formação de professores(as)/educadores(as) em espaços escolares e não escolares, do Câmpus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Erika Natacha Fernandes de Andrade

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Erika Natacha Fernandes de Andrade (Presidente)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS)

Profa. Dra. Aline de Novaes Conceição (Membro Titular Interno)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS)

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Cunha (Membro Titular Externo)
(Universidade de São Paulo - USP)

Prof. Dr. Leandro Costa Vieira (Membro Titular Externo)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

Profa. Dra. Silvia Adriana Rodrigues (Membro Suplente Interno)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS)

Profa. Dra. Roberta Aline Sbrana (Membro Suplente Externo)
(Sistema SESI SP de Ensino)

Corumbá, MS, fevereiro de 2025

*Dedico esta pesquisa ao verbo que se fez carne e habitou entre nós
cheio de graça e verdade.
Ele me deu a capacidade de escrever e sonhar...*

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma das qualidades mais nobres do ser humano, por isso, agradeço, primeiramente a Deus, pois ele é bom e sua misericórdia dura para sempre.

Aos meus pais que sempre me apoiaram e dedicaram suas vidas ao meu bem-estar. Meu pai George Coffacci, que desde a graduação me esperava no ponto de ônibus incansavelmente, e no meio do seu silêncio pegava minha mochila, dizendo “eu sei que você está cansada”. Minha mãe Fátima Rosa da Costa que me incentivou e me incentiva a continuar buscando os meus sonhos: a senhora é meu porto seguro.

Ao meu irmão Patrick da Costa Coffacci e à minha cunhada Juliana França, que, mesmo de longe cuidam de mim em oração.

Ao meu noivo e futuro esposo, Laerte de Arruda Martins, que me incentiva a nunca parar de estudar.

À minha querida professora, Erika Natacha Fernandes de Andrade, que enxergou potencial em mim, sempre dedicada e empática nas suas orientações. A profa. Erika foi usada por Deus quando entrou no segundo semestre de pedagogia, no Câmpus de Corumbá, pois eu estava prestes a desistir, e suas aulas foram um incentivo para eu continuar.

Ao professor Leandro Costa Vieira, que, desde o início do meu estágio à docência, realizado na disciplina de Arte/Educação, foi acolhedor e generoso, sempre tendo cuidado em suas falas. Prof. Leandro, suas palavras direcionadas a mim estão guardadas em meu coração.

Aos professores da banca de qualificação e defesa: Profa. Dra. Aline de Novaes Conceição, Prof. Dr. Leandro Costa Vieira e Prof. Dr. Marcus Vinicius da Cunha, agradeço pelas leituras cuidadosas e pelas contribuições.

À capes por ter financiado a pesquisa.

E a todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram de alguma maneira a realizar esse sonho.

RESUMO

O presente trabalho *Pensar a educação estética e a criação a partir da vida e canções de Dona Ivone Lara* insere-se na linha de pesquisa práticas educativas, formação de professores(as)/educadores(as) em espaços escolares e não escolares do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus Pantanal (UFMS-CPAN). O objeto de estudo da pesquisa é a educação estética, compreendida como voltada para o desenvolvimento da sensibilidade, da capacidade expressiva, imaginativa e criativa da pessoa. O objetivo geral da pesquisa foi examinar a vida e letras das canções de Dona Ivone Lara para visibilizar posicionamentos que contribuam para a compreensão da educação estética e da atitude criativa no contexto da educação. Configuraram-se como objetivos específicos da pesquisa: (i) conhecer a história de vida (biografia) de Dona Ivone Lara, identificando o que contribuiu para o seu desenvolvimento sensível e criativo; (ii) compreender e visibilizar processos e/ou posicionamentos que emanam das produções musicais de Dona Ivone Lara; (iii) pensar a educação estética e a atitude criativa considerando a vida e as composições de Dona Ivone Lara. Essa é uma pesquisa qualitativa e com finalidades exploratória e descritiva. Operacionalmente, o processo metodológico abarcou: estudo de obras biográficas de Dona Ivone Lara, escolha e análise de canções de Lara, recontextualizações dos posicionamentos emanados nas produções musicais de Dona Ivone Lara, ou das interpretações realizadas, no campo da educação, com vistas a pensar a educação estética e a atitude criativa. Os resultados indicam que a educação estética se desenvolve por meio da participação ativa dos sujeitos em experiências com qualidades sensíveis, não podendo ser dissociada do cotidiano escolar e das interações sociais. Destaca-se a importância da vivência do belo na motivação dos estudantes, possibilitando a imaginação de novos cenários e perspectivas. A arte, nesse sentido, revela-se essencial para estimular a formação de sujeitos éticos e humanizados, não como ferramenta didática, mas como meio de deslocamento das lógicas estabelecidas, impulsionando o pensamento crítico e coletivo. Quanto à atitude criativa, a pesquisa sugere que a imaginação e a criatividade se fortalecem quando as emoções e experiências são amplamente trabalhadas e expressas. O ato criativo tem suas raízes na sensibilidade e nos repertórios individuais, sendo potencializado pelo diálogo com outras vivências e perspectivas, possibilitando a ressignificação de sentidos e a construção de produções autênticas.

Palavras-chave: Dona Ivone Lara. Arte. Experiência estética. Educação. Prática pedagógica.

ABSTRACT

The present work “Thinking about aesthetic education and creation based on the life and songs of Dona Ivone Lara” is part of the research line of educational practices, teacher/educator training in school and non-school spaces of the Postgraduate Program in Education of the Federal University of Mato Grosso do Sul – Pantanal Campus (UFMS-CPAN). The object of study of the research is aesthetic education, understood as focused on the development of sensitivity, expressive, imaginative and creative capacity of the person. The general objective of the research was to examine the life and lyrics of Dona Ivone Lara's songs to make visible positions that contribute to the understanding of aesthetic education and creative attitude in the context of education. The specific objectives of the research were: (i) to know the life story (biography) of Dona Ivone Lara, identifying what contributed to her sensitive and creative development; (ii) to understand and visualize processes and/or positions that emanate from Dona Ivone Lara's musical productions; (iii) to think about aesthetic education and creative attitude considering Dona Ivone Lara's life and compositions. This is a qualitative research with exploratory and descriptive purposes. Operationally, the methodological process included: study of Dona Ivone Lara's biographical works, selection and analysis of Lara's songs, recontextualization of the positions emanating from Dona Ivone Lara's musical productions, or of the interpretations made, in the field of education, with a view to thinking about aesthetic education and creative attitude. The results indicate that aesthetic education develops through the active participation of subjects in experiences with sensitive qualities, and cannot be dissociated from daily school life and social interactions. The importance of experiencing beauty in motivating students is highlighted, enabling the imagination of new scenarios and perspectives. In this sense, art is essential to stimulate the formation of ethical and humanized individuals, not as a teaching tool, but as a means of displacing established logics, boosting critical and collective thinking. As for the creative attitude, research suggests that imagination and creativity are strengthened when emotions and experiences are broadly worked on and expressed. The creative act has its roots in sensitivity and individual repertoires, and is enhanced by dialogue with other experiences and perspectives, enabling the redefinition of meanings and the construction of authentic productions.

Keywords: Dona Ivone Lara. Art. Aesthetic experience. Education. Pedagogical practice.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	08
2 O universo de Dona Ivone Lara: prelúdio para pensar a educação estética	20
3 Natureza, brincadeiras e festas: quando a vida comum favorece a beleza	45
4 Experiências com arte: formação de identidades empáticas e elaboração de propósitos.....	55
5 Amor e empoderamento: atividade criativa que entrelaça o particular e o universal.....	64
Considerações finais.....	74
Referências.....	78
Apêndice A – Álbuns de Dona Ivone Lara.....	89
Apêndice B – Composições de Dona Ivone Lara: autoria solo e com outros parceiros...	97

1 Introdução

A apresentação desta pesquisa começa com relatos de fragmentos da minha vivência, das trilhas que percorri e que me motivam a investigar as experiências estéticas dos artistas. Este estudo busca auxiliar na compreensão das relações entre educação e arte, contribuindo para a discussão sobre a formação de um ser humano emancipado e com pensamento libertário (Andrade; Coffacci, 2022). Início lembrando as minhas experiências com Toquinho...

Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco até o be-a-bá
Em todos os desenhos coloridos vou estar
A casa, a montanha, duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel
Sou eu que vou ser seu colega
Seus problemas ajudar a resolver
Te acompanhar nas provas bimestrais, você vai ver
Serei de você confidente fiel
Se seu pranto molhar meu papel (Toquinho, 1983).

Essa canção me remete à minha infância e adolescência, épocas que me permitiram viver experiências enriquecedoras para o meu desenvolvimento. Foram tempos que me possibilitaram inventar, reinventar, criar e sonhar. Lembro-me de que adorava assistir a filmes e novelas; depois, sozinha no meu quarto, eu imitava as cenas, criava novelas com roteiro e personagens, amava me imaginar em cima de um palco, fazendo performances e inventando canções.

Na adolescência, gostava de participar de projetos escolares que envolviam teatro e dança. Apesar de ter sido uma criança e adolescente introvertida, quando me envolvia no campo artístico, eu me sentia livre, pois isso me possibilitava algum tipo de exploração. Penso no quão importante foi esse processo estético que vivenciei na infância, o direito de brincar, imaginar e inventar. Penso que o direito ao brincar, à imaginação, à criação, e aos bens materiais e imateriais me foram garantidos. Por isso, hoje, luto para que a educação seja um processo de cultivo de criações, transformações e emancipações.

Em 1994, iniciei minha educação escolar em uma escola pública, na educação infantil (pré-escolar). Minha mãe sempre se recorda que eu não chorei no meu primeiro dia de aula; adaptei-me rapidamente à escola. No entanto, com o passar dos dias, percebi que não havia muitas brincadeiras. A rotina era regrada e as cadeiras estavam enfileiradas. Comecei a ter dificuldades em desenvolver o processo educativo, o que afetou meu cotidiano escolar. Somente quando chegava em casa é que me sentia livre para brincar.

Na adolescência, ainda na mesma escola, a rotina se manteve sem grandes alterações. Recordo-me com grande alegria que, no ambiente familiar, meus pais participavam de brincadeiras que envolviam música e interpretação. Era um espaço onde eu e meu irmão nos

sentíamos livres para cantar, dançar e atuar; brincávamos de ser cantores e meus pais eram a plateia - tenho memórias felizes desses momentos. Como disse o poeta Manoel de Barros, “o meu quintal é maior que o mundo” (Barros, 2015). No ambiente escolar, porém, eu me sentia presa, pois sempre tive um pensamento muito questionador, mas não me expressava. Somente no ensino médio comecei a me soltar mais e a participar das atividades artísticas e culturais em datas comemorativas e apresentações festivas.

Em 2015, iniciei minha caminhada na igreja evangélica e descobri a dança nesse espaço, ficando fascinada. Comecei a participar do grupo de dança, tendo aulas de postura, coordenação, expressões corporais e faciais. Isso me ajudou a me soltar, a melhorar minha postura, meus posicionamentos e minha dicção, possibilitando-me superar meus limites e construir meu eu. Atualmente, sou líder do grupo de dança na igreja, organizando oficinas de dança com meninas e auxiliando no processo de construção da identidade através da arte da dança.

Considero o ambiente religioso um espaço educativo não escolar, onde vivo experiências que me estimulam a criar o gosto pela arte, especialmente a dança. Nesse espaço, experimento a arte de criar através das músicas gospel, que contam narrativas por meio do movimento corporal, que são processos dialógicos que impulsionam o ato de criação. Sempre gostei da dança, esse processo de criação com os movimentos corporais, abrangendo toda uma complexidade de elementos que resultam em uma obra artística, é encantador. A dança está ligada a outros campos artísticos, como teatro e música, envolvendo dramaturgia, comédia, musical etc.

Em 2018, iniciei a minha graduação no curso de licenciatura plena em Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal (UFMS-CPAN). Desde o início da faculdade, já tinha o objetivo de desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso no campo da Arte-Educação. No primeiro semestre, durante uma disciplina de História da Educação com o professor Alexandre, tive a oportunidade de conhecer o grupo de estudos coordenado pelo professor Leandro, com foco na Arte-Educação. No grupo de estudos, comecei a refletir profundamente sobre conceitos fundamentais como arte e estética. Questões como “O que é arte?” e “O que é estética?”.

Apreendi que a arte não se limita apenas ao aspecto estético, mas engloba um conjunto de expressões e manifestações que refletem aspectos culturais, sociais e individuais. A estética, por sua vez, abrange não apenas a busca pelo belo, mas também a sensibilidade e a percepção que permeiam as experiências estéticas. Essa reflexão me fez compreender como o campo da

arte emerge do campo da estética, influenciando profundamente o processo educacional. A arte não apenas enriquece a experiência humana, mas também desempenha um papel crucial na formação integral dos indivíduos, estimulando a criatividade, a sensibilidade estética e o pensamento crítico.

Durante a minha graduação, pude explorar diferentes abordagens e práticas na educação, participando de projetos e eventos que ampliaram minha visão sobre o potencial transformador da arte no contexto educativo. Essa jornada acadêmica foi enriquecedora não apenas pela aquisição de conhecimentos teóricos, mas também pelo desenvolvimento de uma visão crítica e comprometida com uma educação que valorize a diversidade cultural e promova o desenvolvimento integral dos estudantes.

No ano de 2019, no segundo semestre do curso, continuei no grupo de estudo do professor Leandro, pois gostei de aprender sobre arte e estética. Neste mesmo ano, eu também conheci a professora Erika, que ministrou uma disciplina de psicologia da educação; durante uma das aulas, ela mencionou o filósofo John Dewey, o que despertou meu encantamento e interesse em conhecer mais sobre sua obra.

Lembro-me de procurá-la no intervalo da aula para expressar meu interesse pelo pensamento de Dewey e meu desejo de escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) explorando a interseção entre educação e arte. Ao longo do semestre, mudei para o grupo de pesquisa “Discursos e Práticas Poéticas na Educação” (UFMS/CNPQ), coordenado pela professora Erika, onde exploramos as teses de pensadores, especialmente Dewey, refletindo sobre as relações entre estética, arte e educação.

No referido grupo de pesquisa abordamos a formação do ser humano na relação com a arte e a experiência estética. Compreendíamos que a formação cultural, artística e estética do indivíduo é indispensável, pelo potencial de auxiliar na reconstrução contínua do ser humano, o que impacta na qualidade do trabalho pedagógico.

Foi nesse contexto que a professora Erika me convidou para estudar o artista Joan Miró e sua obra “*I Work like a gardener*” (Miró, 2017), considerando suas possíveis contribuições para pensarmos o trabalho dos professores pedagogos. Esse estudo culminou em uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que também foi meu TCC. Foram resultados da pesquisa os textos: “A criação na formação do pedagogo. Por que estudar Joan Miró?” (Coffacci; Andrade, 2019), e “O discurso de Miró sobre a criação: contribuições para o trabalho dos professores pedagogos” (Andrade; Coffacci, 2022).

Em 2020, fui novamente contemplada com uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), e, sob orientação da professora Erika, embarquei em outra pesquisa intitulada “O Discurso de Miró sobre a criação: uma análise comparativa com discurso de John Dewey”, aprofundando os estudos iniciados anteriormente. Durante o processo, analisamos como os discursos de Miró e Dewey dialogam e se complementam, especialmente no que tange à importância da experiência estética e da expressão criativa no desenvolvimento humano. Os resultados obtidos foram apresentados no evento Integra - UFMS, um importante espaço científico do Estado de Mato Grosso do Sul, com o trabalho "Reflexões sobre a Educação com base nos discursos de John Dewey e Joan Miró" (Coffacci; Andrade, 2021).

O Integra UFMS é um evento de grande relevância para o estado de Mato Grosso do Sul promovido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Realizado desde 2017. O Integra tem como objetivo principal é integrar e divulgar os resultados das atividades de pesquisas, inovação, empreendedorismo desenvolvidas dentro da UFMS, envolvendo diversos programas acadêmicos e extensões. A importância do Integra UFMS é incentivo à pesquisa, pois é um evento que envolve o compartilhamento de descobertas científicas, novas tecnologias e metodologias de ensino e fortalecimento da relação universidade e comunidade.

Ao longo da faculdade, participei de cursos de curta duração que ampliaram meu contato com as linguagens artísticas e suas aplicações. Entre eles, destaco “A literatura e o universo infantil”, “A formação do contador de Histórias” e “Grafite: Expressão e Transgressão no contexto contemporâneo”.

Essas experiências foram fundamentais tanto para minha vida pessoal quanto para minha formação acadêmica em Pedagogia. A participação em tais atividades proporcionou-me vivências significativas com manifestações da arte. Compreendi a importância de experimentar a arte como uma produção humana e cultural, e reconheci o valor de estudá-la como área de conhecimento. A arte permite às pessoas sentir e perceber a vida com um olhar diferenciado, explorando narrativas diversas que ampliam crenças, sentidos e práticas.

Segundo Dewey (2010, p.92), a arte “prefigura-se nos próprios processos do viver”. Esta afirmação destaca que a arte não é algo distante da vida cotidiana, mas está intimamente ligada a ela. A gênese da arte, e das capacidades sensíveis, imaginativas e criadoras, advém das experiências comuns, das situações simples e rotineiras, que proporcionam um espaço de exploração, envolvimento, tensões, desequilíbrios, problematizações e transformações. A arte

tem o poder de romper com a mesmice e com as repetições dos costumes sociais, oferecendo novos horizontes de expressão e de compreensão do mundo.

Em 2022, iniciei minha trajetória profissional em um espaço educativo extraescolar, particular. Este ambiente é caracterizado por ser lúdico, oferecendo atividades no contraturno escolar como brincadeiras de quintal, oficinas artísticas, contação de histórias, teatro e danças; também é um local para festas de aniversário infantis.

No início do meu trabalho neste espaço, juntamente com um colega de faculdade, participei ativamente das oficinas criativas e na montagem de atividades que explorassem o lúdico. Foi durante esse processo que comecei a perceber minhas próprias dificuldades em desenvolver atividades artísticas que envolvessem o processo criativo de forma efetiva. Além disso, observei que muitas vezes a arte era utilizada como um pano de fundo para outros fins pedagógicos, como aliviar tensões do cotidiano, sem valorizar plenamente seu potencial estético e formativo na construção das individualidades das crianças.

Também em 2022, tive a oportunidade de ser aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, campus do Pantanal, participando da disciplina “A educação em John Dewey: contribuições para a formação de professores”, ministrada pela professora Erika Natacha Fernandes de Andrade. Essa experiência foi fundamental para minha formação, proporcionando-me um ambiente de aprendizado enriquecedor. Durante a disciplina, exploramos intensamente a obra “Experiência e Educação” de Dewey (1976), além de outros artigos que ampliaram minha compreensão sobre as interações entre educação e arte.

Em diálogo com o grupo de pesquisa do qual faço parte, pude refletir sobre a importância de os espaços escolares e extraescolares não minimizarem a importância da arte, relegando-a a um papel secundário de mero entretenimento ou distração. A arte não deve ser vista apenas como um passatempo, mas como uma dimensão fundamental para o desenvolvimento estético, sensível e criativo dos indivíduos.

A arte não é a única, mas a principal via para a experiência estética, compreendida como vivência que afeta e impacta a pessoa de modo singular, mobilizando paixões, provocando rupturas internas e nas condutas usuais. Em meio à experiência estética, a pessoa é incitada pela emoção, vivencia a instabilidade e o estranhamento, sendo impulsionada a pensar e a agir; ela passa a explorar e a problematizar o meio, suas percepções, suas necessidades, as produções culturais, os hábitos e costumes, os modos de fazer e pensar etc. (Andrade; Santana, 2020; Andrade; Coffacci, 2022).

Nas pedagogias que se voltam para a criação – para a formação de sujeitos imaginativos, criativos e poéticos – se torna imprescindível a experiência estética, em outras palavras, uma formação estética que possibilita a ampliação do gosto no sentido de as pessoas conseguirem se relacionar com a vida por meio de diferentes prismas, aprimorando aquelas qualidades que fazem a experiência valer a pena tanto para si quanto para a coletividade (Dewey, 2010; Crick, 2019). Em meio às experiências estéticas, a arte é área indispensável, pois suas produções nos levam a sentir mais, a desenvolver pensamentos mais alargados, e a criar posicionamentos genuínos, éticos e políticos, os quais estão em constate interação com outras realidades e outros pontos de vista. A experiência estética impulsiona a pessoa a imaginar, e a criar, universos diferentes dos vividos nos limites de seus hábitos e de suas possibilidades concretas de existência (Crick, 2019).

Para Dewey (2010, p. 581), a experiência estética e a arte são órgãos incomparáveis da instrução, pois o pensamento pode ser usado criativamente para elaborar “significados que transcendem os hábitos arraigados”, bem como para dar vida a “propósitos que vão além das evidências”. Por isso, segundo o filósofo, o pensamento filosófico e a educação podem aprender com o modo de pensar e imaginar dos artistas, os quais lidam ritmicamente com as dimensões natural e cultural do mundo, transformando-o poeticamente, criando fins que a realidade ainda não consegue identificar objetivamente.

Há pesquisas que têm corroborado a riqueza das produções de artistas; sejam obras (auto)biográficas, escritas, visuais, musicais, dramáticas etc., podem ser assumidas como fontes teóricas para tratar as relações entre a educação e a arte, entre o pensamento artístico e a formação humana (Coffacci; Andrade, 2019; Pare; Andrade, 2019; Andrade; Coffacci, 2022; Andrade; Cunha; Viruez, 2024). Por meio de textos, descrições de processos criativos, desenhos, esboços etc., os artistas elaboram “[...] filosofias e pedagogias da arte, tratando a educação que promove experiências estéticas intensas, que contribui para a formação do artista e/ou do ser humano com pensamento libertário” (Coffacci; Andrade, 2019, p. 2).

Desde a graduação tenho, portanto, me interessado pela experiência estética e pelas práticas que promovem a educação estética. Em 2023, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS/CPAN (PPGE UFMS-CPAN). A presente pesquisa dá continuidade às investigações do Grupo de Pesquisa “Discursos e Práticas Poéticas na Educação” (UFMS/CNPQ), que vêm tratando as narrativas memorialísticas e as proposições estético-artísticas dos artistas; no momento, buscamos visibilizar os posicionamentos da musicista Dona

Ivone Lara – mulher, brasileira, negra, sambista, expressos em suas biografias e produções musicais.

Defendemos que com os artistas – isto é, compreendendo e recontextualizando os seus posicionamentos no campo educacional – podemos contribuir para a teorização da educação estética e de pedagogias comprometidas com a criação nos espaços escolares e extraescolares.

A presente pesquisa, portanto, tem como objeto de estudo a educação estética; o objetivo geral da pesquisa é examinar a vida e letras das canções de Dona Ivone Lara para visibilizar posicionamentos que contribuam para a compreensão da educação estética e da atitude criativa no contexto da educação. Configuram-se como objetivos específicos da pesquisa: (i) conhecer a história de vida (biografia) de Dona Ivone Lara, identificando o que contribuiu para o seu desenvolvimento sensível e criativo; (ii) compreender e visibilizar processos e/ou posicionamentos que emanam das produções musicais de Dona Ivone Lara; (iii) pensar a educação estética e a atitude criativa considerando a vida e as composições de Dona Ivone Lara.

Esta pesquisa conta com o financiamento da bolsa social CAPES, com início em abril de 2023 e término em fevereiro de 2025. No processo do curso do mestrado, para além das atividades envolvendo aulas, participação em eventos científicos e escrita, destaco, no ano de 2024, a realização do estágio docente, no Campus do Pantanal, no período noturno, no curso de Pedagogia, na disciplina Arte e Educação, sob a supervisão do Prof. Dr. Leandro Vieira da Costa. Iniciei meu estágio no dia 19 de março de 2024 e o encerrei no dia 10 de julho de 2024.

Para justificar a presente pesquisa, recorreremos ao artigo “Produções científicas sobre Dona Ivone Lara. Os artistas podem nos ajudar a pensar a educação?” (Coffacci; Andrade, 2024, p. 2), que traz um levantamento bibliográfico, “identificando e debatendo as produções científicas sobre Dona Ivone Lara”. A finalidade dessa produção foi compreender os “campos disciplinares que têm se apropriado do universo de Dona Ivone Lara, esclarecendo, inclusive, se tem havido discussões que intercambiam a vida e a obra de Dona Ivone Lara e os domínios da educação”. Os resultados do levantamento bibliográfico mostram o caráter inédito de pesquisas buscando explicitar e discutir as experiências, os processos criativos e os posicionamentos de Dona Ivone Lara.

Todas as pesquisas encontradas corroboram a grandiosidade da representatividade e do trabalho artístico e social de Dona Ivone Lara. Não foram identificados trabalhos estabelecendo relações entre o universo de Dona Ivone Lara e a educação, embora as discussões levantadas em estudos realizados nos campos da música, da saúde e da linguística, abarcando temas como preconceito, empoderamento da mulher negra, cuidado e tratamento do ser humano na sua integralidade, acolhimento e respeito às necessidades singulares dos sujeitos, arte como meio de expressão etc., também podem ser

pensados como temas caros ao campo educacional (Coffacci; Andrade, 2024, p. 10).

A presente pesquisa de mestrado é uma investigação qualitativa e com finalidades exploratória e descritiva. Segundo Gil (2019, p. 26), por meio das pesquisas exploratórias é possível construir uma visão geral acerca de um objeto ou temática, considerando que o universo investigado “é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis sobre ele”.

As pesquisas descritivas, por sua vez, se voltam para “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2019, p. 27); o objetivo descritivo da presente pesquisa advém do objetivo de descobrir associações entre variáveis, mais precisamente, entre os campos da história de vida, da estética e da arte e da educação.

Quanto aos procedimentos, este estudo é um trabalho bibliográfico que visa a análise dos seguintes materiais: (i) as obras biográficas *Ivone Lara* (Santos, 2010) e *Dona Ivone Lara: a primeira-dama do samba* (Nobile, 2015); (ii) e as letras de canções compostas por Dona Ivone Lara.

Operacionalmente, no processo dos estudos foram executadas as seguintes etapas: (1) identificação, nas obras biográficas, de vivências e posicionamentos de Dona Ivone Lara que contribuíssem para a contextualização de suas obras musicais, ou para a compreensão de processos vividos por ela e que foram importantes para a sua educação estética; (2) identificação dos álbuns e das canções de Dona Ivone Lara; (3) identificação dos sambas de autoria de Dona Ivone Lara e das canções em coautoria com outros parceiros; (4) escolha e análise das canções; (5) recontextualizações dos posicionamentos emanados nas produções musicais de Dona Ivone Lara no campo da educação, ou das interpretações realizadas, com vistas a pensar a educação estética e a formação da atitude criativa das pessoas.

Identificamos 144 músicas em todos os doze álbuns de Dona Ivone Lara,¹ incluindo composições solo, canções de sua autoria em colaboração com outros artistas e músicas de autoria de outros compositores. Dentre as 144 músicas, 23 canções foram compostas exclusivamente por Dona Ivone Lara; das 23 composições de Lara, 4 canções foram regravadas em outros álbuns. Outras 87 músicas são composições de autoria de Ivone Lara em parceria com outros compositores; e dessas, 11 foram regravadas em outros álbuns.²

¹ Ver Apêndice A – Álbuns de Dona Ivone Lara.

² Ver Apêndice B – Composições de Dona Ivone Lara: autoria solo e com parceiros

Para a seleção das canções que foram analisadas nesta pesquisa, consideramos, primeiramente, a escuta e a leitura das 23 canções compostas exclusivamente por Dona Ivone Lara; também foi feita a investigação do que comentadores – pesquisadores e biógrafos – dizem sobre os sambas de autoria de Lara. Foram escolhidas 6 canções, conforme Quadro 1.

Quadro 1. Canções de Dona Ivone Lara selecionadas para análise

1	Andei pra Curimá
2	Axé de Iangá
3	Ela é a Rainha
4	Alguém de Avisou
5	Canto do meu Viver
6	Castelo da Ilusão

Fonte: Coffacci, 2025.

As músicas selecionadas para análise, e indicadas no Quadro 1, são composições que contam a história de Ivone Lara, mostrando o seu vínculo com suas raízes na cultura afro-brasileira. Também são letras que trazem o tema do amor, tão presente em suas composições, além de incitarem reflexões sobre força e empoderamento, retratando a resistência de Lara tanto na sociedade quanto no universo do samba. Demais canções de autoria de Lara não foram selecionadas para análises pelos seguintes motivos: (i) temáticas repetidas que causariam repetições nas análises; (ii) canções que não obtivemos dados consistentes em escritos de comentadores; (iii) letras com muita amplitude polissêmica, desafiando a identificação de sentidos predominantes.

No que se refere às músicas em que Dona Ivone Lara compôs em parceria com outros autores, foram selecionados 2 sambas para análise, como indica o Quadro 2. Foram excluídas das análises todas as canções que, a partir da leitura das biografias, verificamos que as poesias foram escritas – se não na totalidade, mas na maior parte – não por Lara, mas pelos parceiros. Nóbile (2015) indica que alguns sambas bastante conhecidos, compostos principalmente por Dona Ivone Lara em coautoria com Delcio de Carvalho, tiveram um trabalho maior de Lara na melodia e na instrumentação, com poesias escritas majoritariamente por Carvalho. Dos sambas compostos em parceria, foram mantidos para análise aqueles cujas letras retratam aspectos da vida de Dona Ivone Lara, conforme descrito nos textos biográficos estudados.

Quadro 2. Canções de Dona Ivone Lara em coautoria com outros compositores selecionadas para análise

1	Tiê
2	A Menina e o Tempo

Fonte: Coffacci, 2025.

No processo de análise levamos em conta o fato de que as obras artísticas variam em grau de polissemia: uma obra abstrata no campo das artes visuais terá um campo infinitamente mais aberto para a elaboração de sentidos e significados do que uma letra de uma canção que, envolvendo o uso da palavra, trabalhará com sentidos metafóricos e poéticos, mas também se apoiará em certo grau de acordos no que tange aos significados e sentidos das palavras.

Defendemos, desse modo, a possibilidade de análises das letras de canções, dialogando com o contexto de produção da obra artística; é possível pensar como o autor/artista usa a linguagem para alcançar determinados efeitos, transmitir mensagens e envolver o leitor. Nas análises de letras de canções, é possível identificar temas, argumentos e sentimentos trabalhados, aventando relações com vida do/a artista, ou sugerindo reflexões que transcendem a particularidade, estando relacionadas com a vida de modo mais geral, tocando em diálogos mais amplos sobre a condição humana.

Conforme apresentado no Quadro 3, as canções selecionadas para análise foram organizadas de acordo com os temas comuns abordados em suas poesias. A partir da organização das canções em grupos temáticos foram realizadas, à luz da teoria, análises que possibilitaram discussões específicas e a criação das seções da dissertação.

Quadro 3. Canções agrupadas por temas próximos e organização das seções

Infância	Tiê	Seção 3 – Natureza, brincadeiras e festas: quando a vida comum favorece a beleza
	A Menina e o Tempo	
Identidade	Andei pra Curimá	Seção 4 – Experiências com arte: formação de identidades empáticas e elaboração de propósitos
	Axé de Ianga	
	Alguém me avisou	
Amor	Canto do meu Viver	Seção 5 – Amor e empoderamento: a atitude criativa que entrelaça o particular e o universal
	Castelo da Ilusão	
	Ela é a Rainha	

Fonte: Coffacci, 2025.

Para a consecução das análises foi adotada uma interpretação do conteúdo poético, a qual foi colocada em diálogo com as teorizações do filósofo John Dewey, tal como constam na obra *Arte como experiência* (Dewey, 2010). Além disso, foram utilizadas as contribuições de outros autores, como Maxine Greene, em sua perspectiva sobre a imaginação estética e a educação; Ernst Fischer, com suas reflexões sobre a educação estética; Nathan Crick, que explora a interseção entre sensibilidade, estética e comunicação e Gabriel Perissé, com discussões sobre a educação, a estética e a formação docente.

Conforme Cunha e Garcia (2009, p. 178), a partir da leitura cuidadosa da obra de pensadores – e aqui estamos considerando, também, os pensadores/artistas –, é possível

apropriar e internalizar ideias, que o pesquisador integrará ao seu próprio arcabouço de conhecimentos e experiências. Mediante o movimento de recontextualização, ideias são retiradas “de seu tempo e lugar próprios, com o intuito de atender necessidades específicas de um novo contexto de enunciação”. A partir da recontextualização, surgem novas perspectivas e interpretações, ampliando as teorizações filosóficas e pedagógicas.

Dona Ivone Lara não falou sobre educação, ou sobre educação estética; todavia, considerando que as letras das canções da sambista trazem posicionamentos sobre experiências, sobre o ser humano e sobre a sociedade, o intuito foi apropriar as ideias de Lara e recontextualizá-las no diálogo com o campo da educação estética. Imaginativamente, formulou-se a seguinte problematização: se Dona Ivone Lara fosse questionada sobre o que é importante para a promoção da educação estética e para a formação da atitude criativa, o que ela diria?

Silva, Cunha e Cazula (2024, p. 223) discutem o experimento de pensamento, caracterizando-o como “uma forma de argumentar que se vale do gênero ficção para provocar a imaginação do leitor e, assim, viabilizar a comunicação de ideias”. Trata-se de um exercício mental e imaginativo, comumente utilizado na filosofia, que nos permite transportar-nos “para outro tempo, outro mundo, um cenário nunca imaginados anteriormente”. Esse processo envolve a criação de personagens ou a transposição de pessoas reais para outros universos, possibilitando encontros e diálogos que nos oferecem a “chance de viver uma experiência educativa” (Silva, Cunha; Cazula, 2024, p. 223).

“Diferentemente dos experimentos científicos, que se baseiam em dados empíricos, os experimentos de pensamento ocorrem no laboratório da mente, apoiando-se exclusivamente no poder imaginativo de quem os concebe e de seus pares” (Nascimento; Cunha, 2024, p. 5). Neles, hipóteses são discutidas, soluções formuladas e conhecimentos elaborados. Além disso, desenvolvem-se “disposições intelectuais e afetivas voltadas à intervenção na realidade” (Nascimento; Cunha, 2024, p. 16). No campo da educação, em particular, o “experimento de pensamento introduz mais imaginação, subjetividade e emoção no pensamento racional, quebrando a lógica da razão mecânica vigente há séculos” (Nascimento; Cunha, 2024, p. 17).

Nesta pesquisa, inspiramo-nos no experimento de pensamento, sem, no entanto, aplicá-lo em sua forma habitual. O experimento de pensamento requer a criação de um enredo, um drama ficcional, a partir do qual pensamentos e teorizações são entrelaçados para a elaboração de hipóteses e para a criação de cursos de ação, vislumbrando, quiçá, a resolução de um problema. Aqui, neste estudo, apenas nos apropriamos do espírito imaginativo do experimento de pensamento, sem a o desenvolvimento de um drama ficcional; de certa forma, pegamos

emprestado do experimento de pensamento a possibilidade de imaginar uma situação – se Dona Ivone Lara estivesse aqui, conversando conosco, o que ela nos diria sobre... –, sem, no entanto, elaborar um cenário dramático em sua completude. No percurso de recontextualização, a vida e composições de Dona Ivone Lara não são apenas identificadas e preservadas, mas revitalizadas, e trabalhadas imaginativamente, buscando discutir a sua relevância em outros domínios das humanidades, como o da educação.

A presente dissertação está organizada em cinco seções. Após a introdução, na segunda seção, são apresentados dados da vida e da obra de Dona Ivone Lara, os quais se tornam um prelúdio, ou porta de entrada, para a definição de experiência estética e educação estética. A terceira, quarta e quinta seções trazem as análises das canções de Dona Ivone Lara.

Os resultados da pesquisa indicam que a educação estética se desenvolve por meio da participação ativa dos sujeitos em experiências com qualidades sensíveis, não podendo ser dissociada do cotidiano escolar e das interações sociais. Destaca-se a importância da vivência do belo na motivação dos estudantes, possibilitando a imaginação de novos cenários e perspectivas. A arte, nesse sentido, revela-se essencial para estimular a formação de sujeitos éticos e humanizados, não como ferramenta didática, mas como meio de deslocamento das lógicas estabelecidas, impulsionando o pensamento crítico e coletivo. Quanto à atitude criativa, a pesquisa sugere que a imaginação e a criatividade se fortalecem quando as emoções e experiências são amplamente trabalhadas e expressas. O ato criativo tem suas raízes na sensibilidade e nos repertórios individuais, sendo potencializado pelo diálogo com outras vivências e perspectivas, possibilitando a ressignificação de sentidos e a construção de produções autênticas.

2 O universo de Dona Ivone Lara: prelúdio para pensar a educação estética

Dona Ivone Lara, nos abençoa!
 Com teu canto, que alivia alma e afugenta a dor e a
 mediocridade, nos abençoa!
 Com tua música, que faz crer no profundo do
 espírito humano e traz alento ao Rio de Janeiro
 e ao Brasil, nos abençoa!
 Com teu olhar, sábio dos amores e penas que
 Vivemos, nos abençoa!
 Abençoa a nossa gente, tão precisada de
 um orgulho, como que temos em ti!
 Abençoa a teimosia de ainda crermos que
 os abençoados, como tu és, nascem de nós!
 E abençoa meu piano em seu pretencioso desejo
 De louvar a quem já é tão abençoada e cheia de luz!
 Dona Ivone Lara, nos abençoa! (Braga apud Santos, 2010, p. 172).

Santos (2010) nos apresenta a prece do pianista Leandro Braga, redigida para o lançamento do CD *A Música de Dona Ivone Lara*, em 2001, a qual celebra Dona Ivone Lara como uma figura iluminada e inspiradora. Seu canto, música e olhar são descritos como fontes de alívio, esperança e orgulho para o povo brasileiro, especialmente para o povo negro e carioca. A homenagem ressalta sua capacidade de elevar o espírito humano e sua importância como símbolo de resistência e criatividade, enquanto também expressa um desejo humilde de reverenciá-la por sua grandeza.

É a partir desses versos em forma de oração que apresentamos Yvonne da Silva Lara, conhecida, artisticamente, como Dona Ivone Lara. Nascida em 13 de abril de 1921, no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, ela faleceu em 16 de abril de 2018, deixando um legado inestimável.

A pequena Yvonne da Silva Lara nasceu e foi criada em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro, então capital federal do país. Naquele período, o bairro pertencia ao distrito municipal da Lagoa, que contava com pouco mais de 57 mil habitantes. Yvonne, João e Emerentina moravam em uma das 132 casas da Voluntários da Pátria, rua que contava com 356 imóveis (entre moradias térreas, 50 sobrados, 152 prédios de dois andares e 22 edifícios de 3 pavimentos). Em termos de expansão, a Voluntários da Pátria era uma das vias mais movimentadas da região, só perdia para a rua Ruy Barbosa, com 533 imóveis, e para a Real Grandeza, com 392 (Nóbile, 2015, cap. 1, ¶8).³

Segundo Silva (2023), o ano de nascimento de Dona Ivone ainda é motivo de divergências. A escritora Kátia Santos (2010) defende a data de 1921, conforme registrado em sua certidão de nascimento. Contudo, Santos (2010), na obra biográfica *Ivone Lara: a dona da*

³ Citação de E-Book, sem indicação de página: Nóbile, 2015, capítulo 1, parágrafo 8.

melodia, menciona o depoimento concedido por Lara ao MIS (Museu da Imagem e do Som) em 1978, no qual a sambista afirma ter nascido em 1922.

Conforme o relato da própria Dona Ivone Lara, sua mãe precisou alterar a data de seu nascimento, tornando-a mais velha, para que fosse aceita na escola Orsina da Fonseca, para ter a oportunidade de estudar em tempo integral, em uma instituição que propiciava, inclusive, estudos musicais (Santos, 2010). No entanto, mais relevante do que a exatidão da data de nascimento é o reconhecimento do legado de Dona Ivone Lara. Como pontua Santos (2010), o que realmente importa é saber que a sambista transformou a música brasileira, especialmente o samba, com sua genialidade e paixão.

Lara ficou órfã muito cedo, pois perdeu o seu pai João da Silva Lara com apenas dois anos de idade, quando sua mãe estava grávida da sua segunda irmã Elza (Padilha; Peres; Aperibense, 2022). Conforme Nóbile (2015), na virada dos anos 1910 para 1920, mestres da música popular eram reconhecidos pela espontaneidade intuitiva de seus sucessos; nesse contexto, o pai de Lara também se sentia animado para explorar instrumentos de maneira autodidata e amadora, arriscando acordes. Nutrindo curiosidade, exploração e estudos autodidatas, o pai de Lara aprendeu violão de sete cordas, tocando em festas de carnavais, integrando-se em blocos, defendendo, em especial, a camisa do Bloco dos Africanos (Nóbile, 2015).

A mãe de Lara, Emerentina Bento da Silva, foi crooner de um rancho carnavalesco e conheceu João Lara no Bloco Flor de Abacate (Nóbile, 2015). Após a morte precoce do esposo, Emerentina casou-se novamente com Venino José da Silva, com quem teve mais dois filhos. Venino, padrasto de Lara, atuava como gerente da loja de instrumentos musicais Violão Carioca (Padilha; Peres; Aperibense, p. 2).

A mãe de Lara trabalhava como empregada doméstica e demonstrava grande preocupação com a educação da filha. Apesar das dificuldades impostas por sua condição social, Emerentina tinha o desejo de que Ivone Lara estudasse e construísse um futuro melhor por meio da educação. Por isso, tomou a decisão de matricular Lara em um colégio interno, onde ela poderia estudar em tempo integral (Nóbile, 2015). Após deixarem Botafogo e passarem a morar na Tijuca, encontraram, próximo à nova residência, a tradicional Escola Municipal Orsina da Fonseca. Inaugurada em 1896, a escola foi criada como Instituto Profissional Feminino, com o propósito de oferecer ensino científico, artístico e técnico.

O currículo na Escola Municipal Orsina da Fonseca era estruturado para garantir que as alunas recebessem uma formação completa, com disciplinas como Língua Portuguesa,

Matemática, História, Ciência, e Geografia, e valores voltados a disciplina, respeito e moralidade (Leite Junior; Farias; Martins, 2021). Além do ensino tradicional, tinha o ensino na formação feminina para habilidades domésticas, incluindo costura, culinária, e organização do lar, buscando preparar as meninas para papel delas na sociedade brasileira da época. Sua grade curricular abrangia:

[...] aulas de modelagem, desenho, pintura, gravura, litografia, fotografia, escrituração mercantil, datilografia, estenografia, tipografia, brochura e encadernação, telegrafia, costura, rendas e bordados à mão e à máquina, cortes, flores e suas aplicações, chapéus, coletes para senhoras, gravatas, entre outras atividades (Nóbile, 2015, cap. 1, ¶18).

Em 1930, durante a presidência de Getúlio Vargas, as escolas brasileiras adotaram um modelo educacional inspirado na europeização do ensino, no qual a música erudita desempenhava um papel central. Nesse contexto, além dos estudos de música erudita, o canto orfeônico foi integrado aos currículos escolares como ferramenta para fomentar sentimentos de civilidade e nacionalismo. Além disso, buscava-se promover um processo de aculturação entre a ampla e diversa população infantil e juvenil do país, marcada pela miscigenação (Nóbile, 2015). O canto orfeônico consistia em coros e técnicas de canto coletivo e a música erudita era ensinada como uma maneira de cultivar nas alunas o gosto pela música clássica (Leite Junior; Farias e Martins, 2021).

Ivone Lara viveu oito anos no internato da Escola Municipal Orsina da Fonseca. A mãe de Ivone Lara morreu com 33 anos, quando Lara tinha apenas 16 anos. Nos últimos dois anos de internato, já órfã, “não saiu do colégio para passar período algum em família”; Lara dizia “não ter mágoas ou lembranças ruins desse tempo”; pelo contrário, afirmava “que ser interna foi o que de melhor poderia ter lhe acontecido” (Santos, 2010, p. 21).

Nos estudos musicais proporcionados pela Escola Municipal Orsina da Fonseca, Ivone Lara destacou-se nas aulas de canto e no orfeão, sendo reconhecida como dona de “uma das melhores vozes do grupo” (Leite Junior; Farias; Martins, 2021, p. 4). As aulas eram ministradas por Lucília Villa-Lobos, que frequentemente elogiava e incentivava seu talento (Santos, 2010). Outra figura de destaque na escola foi a professora Zaíra de Oliveira, soprano de formação clássica que estudou canto lírico no Instituto Nacional de Música. Zaíra chegou a ser premiada com uma viagem à França, mas foi impedida de usufruir dessa conquista devido a uma trágica e injusta situação de racismo (Nóbile, 2015).

Na Escola Municipal Orsina da Fonseca:

[...] em certa ocasião, Yvonne foi escalada para ser a solista em “O canto do pajé”, de autoria do “chorão Villa-Lobos”, como ela gostava de definir” [...]. Ao fim da apresentação, ela se viu cercada por várias outras crianças, que a

abraçavam. Elas não acreditavam que de dentro daquela negra franzina saía aquela voz que combinava lirismo e expressividade. A glória máxima, naquela curta vida de adolescente, ainda estava por vir, quando, regida pelo próprio Villa-Lobos, ela se apresentou com o Orfeão dos Apiacás na Rádio Tupi. Enfim, Yvonne, que mal tinha completado 13 anos, fora definitivamente fisgada pelo anzol da música (Nóbile, 2015, cap. 1, ¶ 24).

O estudo de canto e música na Escola Orsina da Fonseca foi fundamental na vida de Lara, pois promoveu-lhe um desenvolvimento musical refinado e a ajudou a compor melodias únicas. Ela vivia em dois mundos diferentes, na escola passava o tempo estudando música, em especial um determinado gênero musical, com teorias e aplicações; quando estava no ambiente familiar escutava o samba, e, desse modo, ela não renunciava à sua cultura, ao jongo e à religião do candomblé (Silva, 2023; Padilha, 2021).

O ambiente familiar foi não apenas essencial para o desenvolvimento musical de Dona Ivone Lara, mas também crucial para a construção de sua identidade empoderada. A interação constante com a música popular brasileira e a cultura afro-brasileira, especialmente o samba e o candomblé, constituiu a base de seu amadurecimento artístico. Como destaca Santos (2010), as referências culturais e religiosas moldaram profundamente sua forma de compor e interpretar, conferindo-lhe uma identidade singular no cenário musical.

Ainda na infância, segundo Pacheco (2021), Dona Ivone começou a participar das rodas de jongo, manifestações que celebram e preservam a cultura afro-brasileira. Junto com suas tias e avó, frequentava os terreiros de candomblé, crescendo em um ambiente que exaltava sua cor e herança cultural. A vivência nas rodas de jongo, nos terreiros de candomblé e a valorização de suas raízes foram elementos essenciais para sua trajetória artística e pessoal. Esses aspectos não apenas moldaram sua identidade pessoal, mas também permitiram que ela se tornasse uma das maiores representantes da música e da cultura afro-brasileira, deixando o seu legado de mulher negra (Santos, 2010).

Lara foi interna na Escola Orsina da Fonseca até poucos meses de completar 18 anos. Após o encerramento dos seus estudos foi morar com tio Dionizio Bento da Silva, no bairro Inhaúma, no Rio de Janeiro. Na convivência com seu tio, Lara estreitou laços de amizade com primos que eram vidrados em samba e no carnaval. Lara também se encantava com “as maravilhas que vinham do rádio dos vizinhos nas vozes de Noel Rosa, Dalva de Oliveira, Francisco Alves, Mario Reis, Emilinha Borba, Aracy de Almeida, entre muitos outros astros” (Nóbile, 2015, cap. 1, ¶ 25). Ademais, o tio Dionisio, violonista, cavaquinista e trombonista, era um chorão de linhagem tradicional, recebendo com frequência amigos em casa para rodas

de choro. Também foi com o tio Dionísio que Lara aprendeu os primeiros acordes no cavaquinho.

Naquele ambiente, como se fosse a coisa mais normal do mundo, a pequena Yvonne tinha o privilégio de ver passar por ali solistas, ritmistas e centristas (como eram chamados os que faziam a base, o acompanhamento harmônico) do gabarito de Pixinguinha, Donga, Jacob do Bandolim, Heitor dos Prazeres e Cândido Pereira da Silva, conhecido como Candinho do Trombone Nóbile, 2015, cap. 1, ¶ 25).

A despeito das relações com a música junto ao tio Dionísio, Lara sabia que a situação financeira da família não era das melhores, e seu próprio tio aconselhou-a a arranjar um emprego em uma fábrica de tecidos. Como não queria trabalhar na fábrica como operária, entendendo que aquela atividade não lhe daria um futuro promissor, Lara decidiu inscrever-se para estudar enfermagem e ingressou na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados, onde o curso era gratuito e oferecia alimentação, moradia, uniforme e gratificação mensal (Coffacci; Andrade, 2024).

[...] quando terminei meus estudos, que vim pra casa, o meu tio me chamou e disse “minha filha, o seu tio é pobre, então você tem os seus primos aí, o seu tio luta com dificuldade pra poder educá-los, essas coisas todas, então tem uma coisa, você é bem-vinda aqui, mas terá que colaborar. Eu tinha um primo que trabalhava numa fábrica de tecidos. Então ele virou-se para esse primo e disse assim, “Vê se você arranja um lugar pra Ivone”. Eu não me importei, não. Eu disse “Ta bem, quero colaborar mesmo”. Mas depois pensei, pensei, “Eu estudei tanto...” Não era nada, não. Não era desdouro, não. Mas fiquei pensando... No dia seguinte comprei o Jornal do Brasil. E aí quando eu vou ler, tá lá: “Escola de enfermagem Alfredo Pinto, abertas as inscrições”. Eu cheguei perto do meu tio e disse assim, meu tio olha eu vou me inscrever e se eu passar. Ele disse, Ivone você pode se inscrever, minha filha, você pode, à vontade. Agora só tem uma coisa: se você passar muito bem. Se você não passar o seu primo vai arranjar um lugar pra você na fábrica [...] E aí eu fui, me inscrevi. Os dez primeiros lugares tiveram direito a estudar com ajuda de custos interna, eu estava incluída. Ai eu fiz, recebia 60 mil réis, naquela época. Desses 60 mil réis eu me vestia, e me calçava e ainda ajudava o meu tio, ainda dava metade pra ele. Quando me formei, tive a felicidade também de ficar bem colocada e fui admitida no Serviço Nacional de Doenças mentais. E aí comecei a trabalhar. Quer dizer minha opção foi essa [Enfermagem] por causa disso. Porque, por exemplo, eu não tinha dinheiro pra continuar fazendo outras coisas aqui fora, ou escolher o que quisesse. Não é isso? Então a melhor opção foi essa (Santos, 2010, p. 39-40).

Durante o curso, destacou-se na psiquiatria e trabalhou na emergência da Colônia Gustavo Riedel, que atendia pessoas com doenças mentais. Sua carreira como enfermeira e visitadora social, visitando famílias de doentes mentais, levou à graduação em Serviço Social (Nóbile, 2015; Coffacci; Andrade, 2024). A música era algo paralelo, que fazia por lazer, não era ainda encarado como profissão. O desejo em seguir a carreira musical se dividia com a estabilidade financeira, e foi isso que levou Ivone Lara a fazer o curso de assistência social.

Após sua formação que ocorreu em 1947, ela foi contratada para trabalhar no Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro, ficando ali até se aposentar, em 1977 (Scheffer, 2016).

No Instituto de Psiquiatria, Ivone Lara era responsável por elaborar relatórios sobre os pacientes internados e realizar visitas às famílias desses pacientes, com o objetivo de estabelecer uma comunicação entre eles e incluir os familiares no processo de tratamento. Essa abordagem visava proporcionar um atendimento mais humanizado, considerando o estado mental dos pacientes. Foi nesse período que Ivone Lara conheceu Nise da Silveira, médica psiquiatra e sua supervisora (Leite Junior; Farias; Martins, 2021).

O encontro de Ivone Lara com Nise da Silveira foi crucial para sua formação profissional. Nise, reconhecida por suas contribuições à psiquiatria e ao estudo da arte como terapia, ofereceu a Ivone uma especialização em terapia ocupacional, abordagem que valoriza a importância das atividades diárias e criativas no tratamento de transtornos mentais. A supervisão de Nise da Silveira marcou um ponto de inflexão na carreira de Ivone, e essa experiência teve um impacto profundo em sua abordagem terapêutica humanizada e interdisciplinar (Leite Junior; Farias; Martins, 2021).

Integrar a realidade familiar e social ao processo terapêutico era uma abordagem inovadora para a época, refletindo o interesse de Ivone Lara por aspectos que transcendiam o diagnóstico clínico, considerando as condições de vida e o contexto social do paciente. Esse trabalho era fundamental para promover um tratamento mais humanizado e eficiente, com foco na reabilitação e na compreensão do paciente em sua totalidade, enquanto sujeito social e familiar (Leite Junior; Farias; Martins, 2021).

Embora sua rotina profissional fosse intensamente demandante, o amor de Ivone pela música, especialmente pelo samba, continuava a ser uma parte essencial de sua vida. A carga horária de trabalho tornava difícil conciliar suas duas grandes paixões, mas Ivone encontrou uma maneira de viver o melhor dos dois mundos: ela programava suas férias para o mês de fevereiro, durante o auge do carnaval. Esse período se tornou sagrado para ela, permitindo que se entregasse de corpo e alma à grande festa popular (Leite Junior; Farias; Martins, 2021).

Segundo Santos (2010), há um momento significativo na trajetória de Ivone Lara que reflete as dificuldades enfrentadas por ela em sua convivência com a sociedade da época. Ao deixar a casa de seu tio em Inhaúma e se mudar para Madureira, Ivone passou a morar com uma tia que não apoiava seu envolvimento com o samba. Essa tia, conforme o relato, via o samba como “coisa de gente desocupada”, uma visão negativa que expõe o preconceito social em

relação ao gênero musical e à mulher na sociedade da época. As mulheres eram geralmente vistas como destinadas a cumprir funções domésticas e a ser “prendadas” (Santos, 2010, p. 41).

Nesse período, Ivone Lara já escrevia suas próprias letras de samba. No entanto, devido ao preconceito presente no meio do samba – como em muitas outras esferas da sociedade, dominadas por homens e frequentemente resistentes ao talento feminino –, ela optava por atribuir ao seu primo, Fuleiro, o crédito pelas composições. Essa decisão estava intimamente ligada à visão de que as mulheres, especialmente as negras, não eram reconhecidas como autoras legítimas no universo do samba (Santos, 2010).

Foi durante os encontros com grupos de sambistas e carnavalescos que Ivone Lara conheceu Oscar Costa, filho de Alfredo Costa, diretor da escola de samba Prazer da Serrinha. Casaram-se em 1947 e tiveram dois filhos. Com o casamento, Ivone foi morar em Madureira, vizinha à sede da Serrinha. Ivone Lara se aproximou ainda mais do universo do samba e do carnaval, intensificando sua convivência com sambistas e carnavalescos. No entanto, essa proximidade inicial não foi bem recebida por seu marido, que tentou afastá-la das atividades relacionadas ao samba e ao carnaval (Santos, 2010).

Apesar da resistência de Oscar, Ivone não deixou que isso a impedisse de seguir seu caminho no samba. Com o tempo, o próprio esposo passou a reconhecer que havia se casado com uma compositora e artista de grande talento, ciente da relevância de sua contribuição para o samba. Ele percebeu que, ao se casar com Ivone, não havia se unido a uma mulher comum, mas a uma artista de destaque, cuja importância no cenário musical era inegável. Esse reconhecimento foi fundamental tanto para a relação do casal quanto para a afirmação de Ivone no mundo da música (Santos, 2010).

A escola de samba Prazer da Serrinha, que Lara frequentou antes de se vincular à escola Império Serrano, foi fundada por Alfredo Costa, sogro de Ivone, pai de seu esposo Oscar Costa. Aos poucos, a escola Prazer da Serrinha foi se desfazendo (Santos, 2010). Conforme Santos (2010, p. 43-44), Lara conta que o seu sogro “foi o primeiro cidadão do Samba do carnaval do Rio de Janeiro”.

E meu sogro fez muito pelo samba numa época em que sambista era marginalizado. Era uma época em que as escolas aceitavam gente de todo tipo, mas na casa dele só entrava gente de respeito. Então, quando tinha festa no Prazer da Serrinha, ele não aceitava que o sambista entrasse de chinelo. Tinha que ser direitinho, de sapatinho lustrado e blusão limpinho. As mulheres, então... Tinha que estar todo mundo arrumado e não era pouco. Até que a turma começou achar que ele era ditador, que só fazia na escola o que ele queria (Santos, 2010, p. 43-44).

Em 1947, dissidentes da postura, considerada autoritária, de Alfredo Costa fundaram a escola de samba Império Serrano. Entre os fundadores estava o mestre Fuleiro, primo de Ivone Lara, que também se tornou o primeiro diretor de harmonia da escola, celebrando sua estreia com o título de escola campeã em 1948. Ivone Lara passou a manter vínculos tanto com a Prazer da Serrinha quanto com a Império Serrano (Santos, 2010). Apesar da ligação familiar com a Prazer da Serrinha, Ivone Lara revelava sua paixão pelo Império Serrano, cujas cores verde e branco dominavam seu coração. No início, ela frequentava as atividades da Império de forma discreta, escondendo-se de seu marido para participar dos eventos de samba, mas sem esconder de ninguém sua preferência pela escola (Santos, 2010).

O ano de 1965 foi um marco na vida de Dona Ivone Lara, quando ela se destacou como a primeira mulher negra a assinar um samba-enredo para o desfile da escola Império Serrano do Grupo Especial. Ela participou da composição do samba-enredo *Os Cinco Bailes da História do Rio*, um marco no Carnaval carioca, ao lado de compositores reconhecidos como Silas de Oliveira e Bacalhau (Santos, 2010). Sua entrada nesse universo predominantemente masculino foi facilitada por seu primo Fuleiro, que a indicou para ajudar os compositores a finalizar o samba. Essa conexão abriu portas para Ivone, colocando-a em contato com alguns dos maiores nomes do samba da época e consolidando seu espaço no cenário musical.

Esse momento não só reafirmou a importância de Dona Ivone Lara como compositora e artista, mas também representou um marco histórico no carnaval carioca, pois sua participação na criação do samba-enredo simbolizou a força de uma mulher negra na cultura popular brasileira (Santos, 2010).

A década de 1960 foi marcada por grandes transformações sociais e culturais no Brasil, com o movimento da bossa nova. A expressão “samba de sapatinho” (Santos, 2010, p. 72) reflete a mudança na sonoridade e nas letras do samba, que se tornaram mais acessíveis aos gostos das classes médias e altas da sociedade brasileira. Pode-se dizer que o samba de sapatinho foi um movimento musical da década de 1960 que se distanciou das batidas fortes e das letras de protesto dos sambas de morro. Caracterizava-se por ser mais suave, melódico e, em muitos casos, sofisticado. Essa forma de samba agradava ao público urbano, especialmente nas áreas mais ricas do Rio de Janeiro, que estavam mais conectadas com as influências da Bossa Nova, distanciando-se das raízes populares do samba (Santos, 2010, p. 72-73).

Nesse contexto, Ivone Lara foi uma figura essencial na preservação das raízes do samba. Embora tenha se adaptado ao novo movimento, ela manteve sua identidade cultural, e suas letras continuaram a refletir as tradições do samba e as influências afro-brasileiras. Dona Ivone

Lara soube explorar a sonoridade mais sofisticada do samba de sapatinho, sem perder suas raízes, mantendo vivo o sentimento de pertencimento e a autenticidade de sua arte (Santos, 2010).

A colaboração de Ivone Lara na criação de sambas-enredo representou uma verdadeira revolução, abrindo portas para sua inserção no cenário da música popular brasileira. Esse marco permitiu que ela estabelecesse conexões com outros compositores e artistas de renome, como Paulinho da Viola, Zeca Pagodinho, Dêlcio Carvalho, entre outros, além de aproximá-la de figuras influentes no meio artístico. Ivone Lara se destacou no universo do samba, sendo cada vez mais reconhecida por outros artistas, o que resultou em convites para participar de gravações de discos, especialmente por Adelzon Alves, um dos grandes produtores e compositores da época (Santos, 2010; Silva, 2023).

Adelzon Alves teve um papel fundamental na história do samba e da música popular brasileira, sendo reconhecido por seu trabalho na produção de discos e por sua habilidade em promover artistas de destaque. Foi ele quem reconheceu o talento de Dona Ivone Lara, proporcionando-lhe acesso aos estúdios e facilitando sua participação em gravações de outros álbuns. Esse apoio foi crucial para que Ivone expandisse seu público e compartilhasse sua música com uma audiência ainda maior (Santos, 2010).

Em 1977, ao se aposentar da profissão de assistente social no Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro, Lara decidiu se dedicar integralmente à sua carreira artística. Foi nesse momento que ela assumiu oficialmente sua identidade artística como Dona Ivone Lara, com o lançamento de seu primeiro trabalho solo, produzido por Adelzon Alves (Scheffer, 2016; Silva, 2023).

Ao longo de sua carreira, Dona Ivone Lara gravou 12 discos. A maioria de suas composições foi feita em parceria com Dêlcio Carvalho, outro grande nome da música popular carioca (Santos, 2010; Silva, 2023). Segundo Santos (2010), ambos já eram compositores de sucesso quando se conheceram, mas a colaboração entre eles criou uma parceria “mediúnica”, uma energia criativa única que resultou em canções memoráveis. Músicas como *Sonho Meu* e *Alguém me Avisou*, entre outras, continuam sendo interpretadas por diferentes gerações de artistas, consolidando a influência e a contribuição de Ivone Lara ao samba e à música popular carioca (Santos, 2010, p. 119).

O 1º disco lançado *O samba, minha verdade, minha raiz*, foi lançado em 1978, e foi produzido por Adelzon Alves. Na capa do disco Dona Ivone Lara se destaca como protagonista, tocando seu cavaquinho e cantando, rodeada por homens tocando pandeiros e outros

acompanhando com palmas, formando uma verdadeira roda de samba. Com um sorriso leve, mas ao mesmo tempo demonstrando uma postura de autoridade musical, ela brilha como a rainha do samba. Segundo Santos (2010, p. 99), “é uma das capas mais significativas, simbólicas, bonitas e nostálgicas da história do samba”.

Figura 1 – Capa do primeiro disco



Fonte: Itaú Cultural, 2016.

A imagem trazida no álbum transmite uma energia contagiante, simbolizando a alegria, a força e a resistência da mulher negra e do samba, além de representar um marco na história da música brasileira. Dona Ivone Lara se consolidou como uma das pioneiras na afirmação da mulher no universo do samba, quebrando barreiras e destacando-se em um cenário predominantemente masculino.

Dona Ivone soberana na frente de todos, mestre Fuleiro centralizando a meia roda, compenetrado tocando pandeiro; atrás da sorridente sambista está Delcio Carvalho, o mais jovem do grupo, com seu cabelo Black Power, e parece estar ajudando nas palmas; alguns integrantes da roda toca instrumentos, mas a maioria ali firmando a roda; na parede da casa humilde (do compositor portelense Manacéia), em Oswaldo Cruz, há três gaiolas com pássaros que parecem ser parte da semi-roda (Santos, 2010, p. 99).

Santos (2010) relata que Ivone Lara inicialmente resistiu à ideia de adicionar o título Dona ao seu nome artístico, acreditando que não era adequado para sua personalidade forte. Ela considerava que o título não refletia seu estilo e sua identidade.

Com o prazo para a entrega do disco se aproximando, Adelzon decidiu alterar, mesmo sem o consentimento da artista, o nome artístico de Ivone Lara, acrescentando o título Dona; sua justificativa era a de que essa alteração reforçaria a presença de Lara no mercado musical. Quando o álbum chegou às suas mãos, Ivone já estava inserida no cenário artístico, e a mudança rapidamente surtiu efeito; era tarde demais para Lara manter o seu posicionamento. Sérgio Cabral, renomado crítico musical, havia destacado o novo título em um artigo, ampliando a

visibilidade da cantora – bem como de seu novo nome – e consolidando sua imagem como uma artista respeitada e cativante para a mídia e o público (Santos, 2010).

Produtores entenderam que esse movimento de *marketing* – isto é, de acréscimo do título Dona ao nome da artista – contribuiu para o sucesso do primeiro álbum solo de Ivone Lara, passando à grande massa a ideia de uma artista com solidez musical, poética e expressiva, chamando maior atenção da imprensa, críticos e fãs. Segundo Santos (2010), Adelzon relembra que o disco alcançou grande êxito em apenas uma semana.

No ano seguinte, 1979, Ivone Lança o 2º disco, *Sorriso de criança*, também produzido por Adelzon Alves. Neste segundo trabalho, o disco é mais autoral, com mais composições solo de Dona Ivone Lara, trazendo sua identidade pessoal e musical (Silva, 2023).

Figura 2 – Capa do segundo disco



Fonte: Itaú cultural, 2016.

Na capa do segundo álbum de Dona Ivone Lara, a artista é retratada ao centro, batendo palmas com alegria e exibindo um sorriso cativante, acompanhada por duas crianças. As crianças, além de reforçarem a espontaneidade e alegria transmitidas pelo álbum, podem simbolizar a continuidade cultural, destacando a importância de preservar e transmitir a tradição do samba para as novas gerações (Silva, 2023).

O design da capa, embora simples, também foi profundamente simbólico, destacando pessoas negras em posição de protagonismo, o que se configurou à época como uma poderosa afirmação da identidade afro-brasileira. Essa escolha visual não apenas celebrou a representatividade negra na música popular brasileira, mas reforçou o papel do samba como expressão cultural e social. Mais do que uma ilustração, a capa do álbum transmite uma mensagem de celebração e resistência, valorizando a conexão direta entre a música e o povo, em uma afirmação inequívoca da força identitária do samba e da cultura negra no Brasil (Silva, 2023).

Em 1981, Lara lança o seu 3º disco, *Dona Ivone Lara, Sorriso Negro*, coordenado pelo jornalista Sérgio Cabral. A autoria da canção *Sorriso Negro*, que empresta seu título para o álbum, não é de Lara. Todavia, Santos (2010) relata que a primeira vez que o samba, *Sorriso Negro* foi cantado por Dona Ivone Lara, foi um momento histórico, carregado de emoção. Essa canção foi apresentada em um show realizado em São Paulo, no contexto das celebrações do dia 13 de maio, data que marca a abolição da escravidão no Brasil. Durante o evento, Dona Ivone Lara subiu ao palco para apresentar o samba, encantando o público, que ficou profundamente emocionado. A música não era apenas uma composição artística, mas carregava uma intensa carga simbólica, refletindo a luta e a resistência da população negra no Brasil.

Figura 3 – Capa do terceiro disco



Fonte: Itaú Cultural, 2016.

Na capa de seu terceiro disco, Dona Ivone Lara é retratada sozinha, com um sorriso que harmoniza com o título da obra, *Sorriso de Ivone Lara*. O sorriso é o grande destaque da composição visual, exaltando a beleza e a força do sorriso negro. A fotografia captura uma mulher de presença marcante, cuja expressão combina suavidade e poder. Esse equilíbrio simboliza não apenas sua identidade como artista, mas também seu empoderamento enquanto mulher negra, reafirmando sua relevância e protagonismo na música popular brasileira (Silva, 2023).

O 4º disco *Alegria, minha gente*, é lançado em 1982, produzido por Rildo Hora, um dos grandes nomes da música brasileira, conhecido por seu trabalho com diversos artistas de renome (Santos, 2010, p. 137).

Figura 4 – Capa do quarto disco



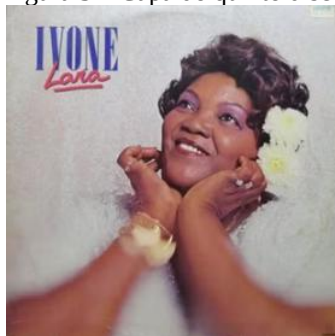
Fonte: Itaú cultural, 2016.

A capa do 4º disco é uma reprodução fotográfica do Morro da Serrinha com suas casas simples. A fotografia do Morro da Serrinha, localizada em Madureira, representa a conexão de Dona Ivone Lara com as tradições do samba. O Morro da Serrinha também é conhecido como o berço da escola de samba Império Serrano, que está ligada à história de Ivone Lara. Ademais, é uma imagem que representa a ideia de permanência às raízes (Santos, 2010).

Em 1985 é lançado o 5º disco, *Ivone Lara*, produzido por Aramis Barros. Para além de parcerias consagradas, e de novos e importantes parceiros, o álbum traz uma homenagem a Clementina de Jesus, mulher negra que foi ícone do samba e da música popular brasileira, e que também iniciou sua trajetória de sucesso tardiamente. Ivone Lara e seu fiel parceiro de composição, Delcio Carvalho, celebram, neste álbum, a memória de Clementina, cuja carreira floresceu aos 63 anos (Silva, 2023).

Esse disco, com sua diversidade de parcerias e homenagens, reafirma o papel de Dona Ivone Lara como uma das maiores referências do samba, além de marcar a continuidade de uma carreira cheia de significados, sempre trazendo temas da cultura negra e do samba de raiz. A capa do 5º disco é focada na figura de Dona Ivone Lara, reafirmando a sua presença marcante no cenário musical (Silva, 2023).

Figura 5 – Capa do quinto disco



Fonte: Itaú cultural, 2016.

Os idos de 1980 foi de grande movimentação para a sambista Lara, consolidando cada vez mais o seu nome e sua importância dentro do universo do samba. Dona Ivone Lara não se limitou apenas a gravar seus próprios discos. A sambista começou a se destacar em participações em outros álbuns, não apenas como uma “corista”, mas cantando e “solando seu lara-lará-lará gostoso”, um contracanto que se tornou característico em várias gravações (Santos, 2010, p. 140). Assim, Lara foi se firmando como compositora e intérprete de destaque, com uma voz e estilo que transmitiam emoção e força (Santos, 2010).

Muitos outros artistas começaram a gravar as canções de Dona Ivone Lara, por exemplo, Maria Bethânia, que gravou o samba *Alguém me avisou*, acompanhada de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Também, em 1986 foi um ano de movimentação internacional para a sambista. Dona Ivone Lara fez várias turnês pelo exterior, levando o samba brasileiro para o mundo. Nessas viagens, ela se apresentava ao lado de outros artistas da música brasileira, como Martinho da Vila e João Nogueira (Santos, 2010).

As viagens e apresentações internacionais foram oportunidades para Dona Ivone Lara expandir seu público e consolidar sua posição como uma grande artista da música brasileira no cenário global. Lara relata que:

[...] lá na Itália foi a coisa mais linda. Eu estava muito bem sambando, dançando, essas coisas todas, e depois eles fizeram o seguinte, teve um dia que era despedida e, então alguns artistas foram escolhidos para fazer aquele show. O Paulinho da Viola não pôde fazer. Ele levou a velha guarda da Portela, mas ficou adoentado. Então, fui escolhida pra fazer, acompanhada pelo falecido João Nogueira e Martinho da Villa. O Martinho tocando pandeiro e João Nogueira tocando tamborim (Santos, 2010, p. 142).

O reconhecimento brasileiro aconteceu também na década de 80. Em 1982, um dos marcos importantes da carreira de Dona Ivone Lara foi o recebimento do prêmio estandarte de ouro, concedida a ela como destaque da Ala das Baianas, cidade alta do Império Serrano. Dona Ivone Lara começou a se tornar uma figura constante na mídia brasileira, especialmente na televisão (Santos, 2010).

Em 1981, ela foi entrevistada por Marília Gabriela, uma jornalista respeitada da época, no programa “De Frente com Gabi”. Em 1985, ela também foi convidada para o programa “TV Mulher”, apresentado por Irene Ravache. Nesse programa, ela teve a oportunidade de compartilhar sua trajetória e discutir suas músicas, ajudando a consolidar ainda mais sua imagem como uma das maiores intérpretes e compositoras de samba (Santos, 2010, p. 147).

Em 1998 é lançado o 6º disco *Bodas de ouro*, comemorando os 50 anos de carreira de Lara, mais uma produção de Rildo Hora. O álbum é uma revisitação da musicista aos seus grandes clássicos; neste disco, ela canta com pessoas consagradas na música brasileira: Gilberto

Gil; Djavan; Martinho da Vila; Zeca pagodinho; Beth Carvalho; Toni Garrido, Almir Guineto, Adriana Ribeiro e Araketu (Silva, 2023).

Figura 6 – Capa do sexto disco



Fonte: Itaú cultural.2016

A capa do 6º disco traz Dona Ivone Lara com uma imagem elegante. A foto é acompanhada por um fundo neutro e uma tipografia discreta, permitindo que a imagem de Dona Ivone, que exala sofisticação e respeito, seja o foco principal; Dona Ivone Lara, celebrando 50 anos de carreira, é o grande destaque (Silva, 2023).

Ela possui a linhagem nobre das rainhas africanas. Junte Cleópatra, Nerfedá e Sabá e pode ser que você consiga chegar a Dona Ivone Lara, que alguém, por instinto, torno este Dona, um apêndice ao seu nome, um título nobiliárquico, definitivo. Pela sua voz canta os anseios ancestrais e as novas esperanças. As dores do amor e alegria de viver. Como pássaro Tiê que ela transformou em música, a sua trajetória é um voo rasante sobre o que de mais brasileiro e carioca cada um de nós possui (Santos, 2010, p. 151).

Em 2001, com 80 anos, Lara Lança o 7º disco, *Nasci pra sonhar e cantar*, agora em formato de CD, produzido por Paulo Cesar Figueiredo, com faixas inéditas escritas somente por Lara. As músicas seguem o estilo que ela sempre cultivou, sambas de raiz, com letras que falam sobre a vida, o amor, e as vivências cotidianas. O lançamento do “CD ocorreu em 2001, tanto na Europa e quanto no Brasil”. Esse CD ganhou premiações, como o prêmio da academia *Charles Cros* de Paris-França, por seu brilhantismo internacional (Santos, 2010, p. 169).

Dona Ivone Lara teve uma carreira internacional de grandes conquistas, realizando turnês por vários países e se apresentando em importantes festivais. Alguns dos principais festivais internacionais que Lara se apresentou foram: “festival de Montreux (Suíça); festival Martinica (América Central); festival New Morning (Paris-França); festival de Vancé (França) e festival Latino-Americano de Milão (Itália)”. Além das turnês internacionais, em 2002, no

Rio de Janeiro, no Canecão, Lara recebeu o Prêmio Shell de Música, uma das maiores honrarias do cenário musical brasileiro (Santos, 2010, p. 169).

O álbum também mostra o amadurecimento de sua arte ao longo das décadas e a força de uma mulher que, apesar de sua idade, continuava a criar, sonhar e cantar com a mesma paixão de sempre.

Figura 7 – Capa do sétimo disco



Fonte: Itaú Cultural, 2016

Na capa do disco, Dona Ivone Lara aparece em uma imagem que transmite um olhar tranquilo, mostrando segurança e paz quanto à sua trajetória. A foto reflete a dignidade e o respeito conquistados ao longo de sua carreira, enquanto o design deixa toda a atenção para sua imagem (Silva, 2023).

Em 2004, Lara lançou o 8º disco, internacional, *Sempre cantar*, com músicas inéditas e alguns sucessos da sua carreira. No Brasil foi lançado em junho de 2004; na Europa e EUA foi lançado em setembro do mesmo ano (Santos, 2010).

Figura 8 – Capa do oitavo disco



Fonte: Itaú cultural, 2016.

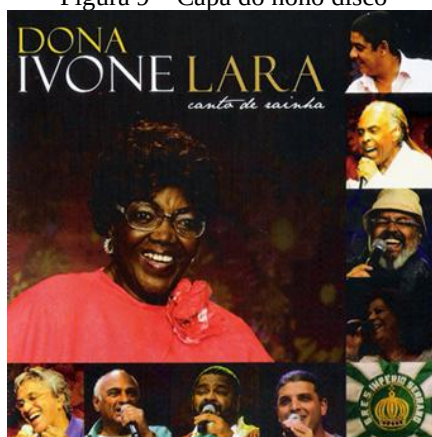
A capa do CD *Sempre a cantar* mostra a elegância e a maturidade de Dona Ivone Lara, e destaca o brilho nos olhos que nunca se perdeu durante a sua trajetória. Novamente, é uma imagem que destaca a grandiosidade da artista, que seguia com mesma paixão e autenticidade (Silva, 2023).

Em 2009, cinco anos depois, Lara lança o nono disco *Canto da Rainha*, que foi gravado ao vivo no Canecão e lançado em formato de CD e DVD. O título do álbum é a canção escrita por Arlindo Cruz e Sombrinha, nos anos 1980. No álbum, a canção *Canto de Rainha* é interpretada no CD, por Arlindo Cruz. O show no Canecão foi lindo e emocionante; Dona Ivone, com 89 anos, se levanta da cadeira de rodas apoiando o braço no ombro de Zeca Pagodinho para dançar (Santos, 2010; Silva, 2023).

O samba que fazem no momento encantando do palco do Canecão é muito bom, não há como reverenciá-lo, o samba, em sua própria festa. É uma cena de consagração do samba. É muito mais que um bailar. O gestual que faz Dona Ivone Lara nos remete as entidades das religiões brasileiras de matriz africana. A forma como balança os ombros, depois o giro (lento e cuidados, por sua condição físicas), com as mãos na cadeira, as paradinhas entre um gesto e outro... Quem já viu não esquece. E quem já viu Dona Ivone Lara dançar parece enxergar até mesmo o que ela não faz no palco. [...] Os gestos iniciais são com clara dificuldade, mas aos poucos vamos reconhecendo o sambar que lhe é característico. E quando, sambando, ela se vira para Zeca e Arlindo, os dois correspondem aos “gestos de santo” que ela faz, que são gestos bem característicos. Zeca chega a dizer segura firme! E ela segue no seu giro lentamente cadenciado enquanto os dois terminam a música. Arlindo Cruz, finalizando, diz: Viva Longevidade de Dona Ivone Lara (Santos, 2010, p. 201-202).

O relato de Santos (2010) mostra uma cena emocionante e simbólica que vai muito além de uma simples apresentação musical. A descrição da performance de Dona Ivone Lara no palco do Canecão oferece uma visão profunda da conexão espiritual e cultural que ela transmitia com sua dança e gestual. Dona Ivone Lara não era apenas uma intérprete do samba; ela era um símbolo vivo do samba de raiz.

Figura 9 – Capa do nono disco



Fonte: Itaú Cultural, 2016.

Na capa do 9º disco, Dona Ivone Lara aparece centralizada como uma verdadeira rainha do samba, e, contornando a imagem de Lara, aparecem os artistas que participaram do DVD.

Na imagem Lara está com visual elegante, de modo que a capa reflete sua realza no samba (Silva, 2023).

No ano seguinte, em 2010, Lara lança outro álbum, *Nas escritas da vida*, “uma escrita que se faz e se firma no canto, na voz, não no papel” (Silva, 2023, p. 32). A capa do 10º disco traz Dona Ivone Lara com o parceiro de composições, Bruno Castro, simbolizando que a ligação entre eles ultrapassava a barreira artística, consolidando uma amizade (Silva, 2023).

Figura 10 – Capa do décimo disco



Fonte: Itaú cultural, 2016.

Ainda em 2010 é lançado o 11º disco, *Bodas de coral no samba brasileiro*, em comemoração aos 35 anos de parceria com Delcio Carvalho, “que certamente fora o seu maior parceiro” na carreira musical. Parceria que começou em 1972 e consolidou-se como uma das mais duradoura da música brasileira (Silva, 2023, p. 33).

Figura 11 – Capa do décimo primeiro disco



Fonte: Itaú cultural, 2016.

A capa do *Bodas de Coral no Samba Brasileiro* traz uma homenagem visual, com os nomes dos compositores no centro da capa, enfatizando a parceria duradoura, simbolizando a unidade e a força, a autenticidade e a maturidade de ambos no mundo do samba (Silva, 2023).

Segundo Silva (2023), em 2012, Ivone Lara lança o seu último álbum, *Baú de Dona Ivone Lara*, sem fins lucrativos. Este álbum foi financiado pela prefeitura do Rio de Janeiro e

foi distribuído gratuitamente pelas bibliotecas da rede pública de ensino. Neste trabalho, os sambas foram interpretados por outras grandes vozes.

Figura 12 – Capa do décimo segundo disco



Fonte: Itaú cultural, 2016

A capa conta com a imagem de Dona Ivone Lara, simbolizando sua caminhada e seu legado para outras gerações. O álbum é um presente cultural para o Brasil. Essa proposta foi importantíssima para a educação, pois possibilitou que o legado de Dona Ivone Lara fosse acessado por todos, especialmente pelas novas gerações (Silva, 2023).

O processo de composição dos sambas de Dona Ivone Lara foi muito mais do que um trabalho artístico; ele foi um momento de partilha, onde a música se tornava o elo entre gerações. Desde seus primeiros passos no samba, ainda na infância, quando aprendeu a tocar cavaquinho, até a criação dos sambas junto a Delcio Carvalho em sua casa aos sábados, Dona Ivone sempre esteve profundamente conectada com as suas raízes familiares e culturais. Ao envolver seus filhos no processo criativo, ela continuou a transmitir e preservar o legado musical do samba, reafirmando seu papel como uma das figuras mais importantes na história da música brasileira (Santos, 2010).

No campo da música, o prelúdio pode ser compreendido como uma peça que serve como abertura para uma obra maior, por exemplo, em óperas ou orquestras. O termo vem do latim *praeludium*, que significa ação inicial de preparação, antes do jogo, ou, simplesmente, introdução. Em um sentido mais amplo, a palavra prelúdio também pode ser usada metaforicamente para designar algo que antecede ou prepara o caminho para outro evento ou ideia. Nesta seção, a descrição, ainda que breve, da biografia de Dona Ivone Lara, tem o simbolismo de um prelúdio. É uma preparação para que possamos nos avizinhar de Dona Ivone Lara, nos apropriar da grandeza de Lara enquanto musicista, artista, mulher, representante da comunidade negra e ativista no cenário brasileiro.

Geralmente, em trabalhos científicos – dissertações e teses – as biografias dos pensadores, ou sujeitos que sustentam as análises, são apresentadas como apêndices. Neste caso em específico, e considerando que este é um estudo no campo da educação, um passeio em meio à extensão do universo laraniano é o nosso passaporte de entrada para que, então, possamos pensar a educação estética e a atitude criativa no diálogo com canções da grandiosa Dona Ivone Lara. Além do mais, uma biografia, resumida e apresentada no corpo do texto, isto é, em lugar notório, pode, quem sabe, ser material a inspirar professores e educadores sociais criativamente, na elaboração de histórias, livros, contações, projetos etc., a serem trabalhados juntos aos estudantes na escola básica, ou em atividades no campo da educação social.

A educação estética tem como objetivos o desenvolvimento da sensibilidade da pessoa, assim como o desenvolvimento expressivo, imaginativo e criativo (Balancieri, 2023). O desenvolvimento da sensibilidade implica, conforme Dewey (1998), a formação da pessoa sensível, que não é indiferente, especialmente no que diz respeito aos assuntos, direitos, histórias e necessidades da humanidade. Abarca, ainda, o desenvolvimento do gosto e de hábitos de estima, simpatia e preferência, que compõem uma intuição espontânea que, enfim, influencia em tudo o que é preferido por uma pessoa de modo mais imediato, interferindo em uma responsividade também mais direta da pessoa frente às qualidades de uma dada situação.

O desenvolvimento da sensibilidade, ou seja, dos movimentos interiores que influenciam sensações, emoções, gostos, preferências, hábitos etc., é algo importante. Uma pessoa pode ser sensível a apenas um padrão de beleza, ou pode considerar o belo a partir de processos e formas múltiplas; outra pessoa pode ser mais ou menos sensível às cores, às obras e estilos artísticos, às produções e poéticas de diferentes tempos e culturas, aos sons, às imagens, às palavras. Um profissional – um educador/professor – pode se abrir para a sensibilidade, ou se entregar para a falta de sensibilidade, no que tange às situações vividas pelos seus semelhantes; poderá, também, desenvolver sentimento – sensibilidade – no que tange à construção de uma bela escola, de um belo espaço de educação social.

Alargar a sensibilidade opõe-se, como é óbvio, ao “estreito”, ao “acanhado”, ao “mesquinho”. Eis como nos formamos esteticamente: alargando a nossa sensibilidade, optando por uma visão visionária, por uma visão clarividente, cuidando do sentimento, não destituído de pensamento, abrindo roteiros não rotineiros em nossas observações e avaliações (Perissé, 2014, capítulo III, ¶ 63).

O desenvolvimento, a expansão, da sensibilidade remete à aquisição de um gosto – olhar, escuta, tato etc. – mais alargado, capaz de ajudar a pessoa a fazer distinções ético-estéticas, por exemplo, mediante a construção contínua de um gosto que, intuitivamente, leva

o sujeito a ter preferência pela paz à guerra, pela justiça à injustiça, pela igualdade ao preconceito. Por sua vez, o desenvolvimento expressivo, imaginativo e criativo das pessoas, também propiciado pela educação estética, possibilita a constituição de comportamentos capazes de vislumbrar a transformação, e até mesmo mundos inéditos, movimentando a continuidade da vida e da sociedade.

Como menciona Jonathan Silva (2018), em *Samba da Utopia*, “se o mundo ficar pesado”, “emburrecer” ou “andar pra trás”, “se a gente desanimar”, “se acontecer afinal, de entrar em nosso quintal, a palavra tirania, pegue o tambor e o ganzá, vamos pra rua gritar, a palavra utopia”. O desenvolvimento da capacidade de expressão, seja por qual linguagem for, especialmente quando intermediada pelo contato com as artes, promove a imaginação e a criação de coisas para o mundo, seja em termos de produções visuais, sonoras, dramáticas, literárias, tecnológicas, corporais etc., ou, como diz a canção de Silva (2018), incentiva criações na forma de ideias, sonhos, conceitos e utopias.

O desenvolvimento expressivo, imaginativo e criativo, assim como o da sensibilidade, não é natural. Dewey (1976) argumenta que o aprendizado e o desenvolvimento pessoal, em qualquer área do conhecimento, são profundamente influenciados pela democratização dos bens materiais e pela interação do sujeito com seu meio, em um movimento que é mutuamente transformador, pois sujeito e ambiente social modificam-se (Dewey, 1976).

A filosofia deweyana defende que a natureza humana é, predominantemente, social (Andrade; Cunha, 2013). O filósofo ilustra essa ideia dizendo que uma criança vivendo no seio de uma família de músicos “terá inevitavelmente estimuladas, por menores que sejam, as suas aptidões musicais”, que serão ainda “mais estimuladas, relativamente, do que outros impulsos que poderiam despertar em ambiente diverso”. É em consonância com os interesses e ocupações do grupo que certas coisas serão valorizadas, enquanto outras serão objeto de aversão (DEWEY, 1959).

O artista suíço Paul Klee aborda situações vividas na infância e adolescência que contribuíram para o seu desenvolvimento sensível e artístico; ele menciona a participação em viagens, em passeios com a família, em excursões com a escola, em visitas a museus, além de muitas idas ao teatro, à ópera; o artista especifica que sua avó lhe ensinou desde cedo a desenhar com lápis de cor, incentivando o gosto pela ilustração de cenas e contos fantásticos (Pare; Andrade; Batista, 2022).

O artista catalão Joan Miró corrobora a ideia de que as habilidades artísticas, imaginativas e criativas do ser humano não são dons naturais, mas frutos das experiências e das possibilidades de vida.

Miró (1990, p. 111) conta que “estava longe de ser um virtuoso”, pois “desenhava muito mal”, “era incapaz de ver um objeto e reproduzi-lo com o senso de sombra, concavidades, tudo isso... Não tinha habilidade, não podia fazer” (Miró, 1990, p. 112). Foram professores como Modesto Inglada, José Pasco Merisa e, principalmente, Francesc Galí que o ajudaram a entender que poderia transformar a sua angústia em luta para alcançar o sonho de ser pintor, consagrando-se “inteiramente à pintura”. Com criatividade, os mestres colocaram Miró em outra terra, não a terra natural, mas a terra fertilizada (Andrade; Coffacci, 2022, p. 10).

Registros sobre o debate acerca do que é inato e adquirido no ser humano remontam a Grécia Antiga, mas na atualidade ainda reverberam discussões acerca das origens das virtudes e das capacidades humanas. Nos espaços educativos não é raro ouvir profissionais dizendo que um estudante tem, ou não, dom para determinada atividade; também são frequentes as falas sobre o gosto, as preferências e as vontades dos educandos, como se fossem naturais, e não passíveis de problematização e de expansão/modificação a partir de práticas pedagógicas que se preocupam com o desenvolvimento da sensibilidade e das habilidades em meio às linguagens.

Aristóteles, em *Ética a Nicômaco* (II, 1, 1103a15-25), argumenta que o desenvolvimento de quaisquer virtudes especificamente humanas não é conferido “por algum favor divino ou mesmo pela sorte” (*Ética a Nicômaco*, II, 1, 1103a15-25). Seja na arte – na arte retórica, na arte educativa, no fazer dos artesãos e musicistas, na arte dos esportes etc. –, no conhecimento científico, na prudência, ou na sabedoria filosófica, o caminho para o desenvolvimento envolve instrução, comunicação de teorias e, necessariamente, práticas habituais, bem como a variável tempo. Para o estagirita, as virtudes não são possuídas previamente, pois “os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo esse instrumento”.

[...] de tocar a lira surgem os bons e os maus músicos. Isso também vale para os arquitetos e todos os demais; construindo bem, tornam-se bons arquitetos; construindo mal, maus. Se não fosse assim não haveria necessidade de mestres, e todos os homens teriam nascido bons ou maus em seu ofício (*Ética a Nicômaco*, II, 1, 1103b 5-10).

O que essa discussão teórica tem a ver com o universo de Dona Ivone Lara, narrado previamente? Primeiramente, a biografia de Lara deixa bem evidente o poder das interações com o meio social, bem como do ensino e da aprendizagem, para o desenvolvimento da sensibilidade e do fazer artístico. A infância de Dona Ivone Lara foi marcada por uma rica

experiência estética que moldou seu talento musical e sua sensibilidade artística. Desde cedo, ela foi imersa em um ambiente cultural e musical que seria crucial para seu desenvolvimento artístico. O início de sua relação com a música foi informal, através da convivência familiar e comunitária, em meio a práticas que adquiriam cada vez mais significado; além disso, Lara também recebeu educação musical formal de qualidade durante o período escolar, em sua infância e juventude.

A história de Dona Ivone Lara nos coloca frente à necessidade da experiência estética para que possamos promover a educação estética. A experiência estética, conforme Dewey (2010), está profundamente conectada ao processo de viver. É uma experiência que envolve uma participação ativa da pessoa, que sente emoções, enfrenta desafios, questiona, imagina e cria. Ao participar de vivências com a música em suas funções sociais, ou seja, não de modo mecânico, Lara entrava no campo da experiência estética, pois se sentia motivada a agir, explorando o ambiente ao seu redor, suas próprias necessidades, e as formas de pensar e fazer. Isso levava Lara, continuamente, à uma transformação no modo como ela percebia o mundo e as relações sociais.

Além de intensificar a capacidade de sentir e reagir emocionalmente, ou seja, indo além da emoção, a experiência com qualidade estética ajuda a valorizar e aprofundar a consciência de maneira contínua (Dewey, 2010). Fica claro que no caso de Lara as experiências vividas com a música não ocorriam de forma isolada, sem um antes e um depois; ao contrário, eram experiências que provocaram continuidades e sequências entre o que já foi vivido e o presente, abrindo possibilidades de novos percursos. Por isso, eram experiências com qualidade verdadeiramente estética.

Ao argumentar que a experiência estética promove a ligação entre eventos do presente e do passado, Dewey (2010) também explica que as experiências cotidianas não são estáticas, mas sim, cercada de tensões e desequilíbrios, provocados pelo choque entre hábitos construídos e novos impulsos que surgem das vivências do presente. O estudo de Balancieri (2023) mostra que, na teoria deweyana, a experiência verdadeiramente estética não ocorre de maneira isolada, ao contrário, é uma experiência que impulsiona continuidades e sequências entre hábitos, costumes e impulsos. O caminho da continuidade é algo dinâmico, pois não se trata de uma vivência momentânea; causando tensões e levando à novos equilíbrios, o princípio da continuidade propicia a criação de novas percepções, novas relações e novos conhecimentos (Dewey, 2010).

Na experiência estética, a formação da sensibilidade passa pelo princípio de continuidade. As emoções, os sentimentos, os gostos e hábitos, são colocados à prova, quando há tensões e choques frente às novas paixões, às novas intuições e aos novos impulsos. Esse processo não é dissociado da valoração, pois a pessoa é levada a uma maior capacidade de discriminação de energias, de juízos e de fins possíveis, podendo alcançar percepções e intuições diferentes ou mais claras, ou até mesmo chegar a posicionar-se e escolher, vislumbrando a criação de propósitos inspiradores (Dewey, 2010).

Juntamente com a ampliação das paixões, com a promoção da continuidade do movimento interno de sentir e pensar, com as qualificações que reorganizam as intuições, faz parte da experiência estética o sentimento de consumação, isto é, o sentimento perceptivo de que a experiência foi bem vivida (Dewey, 2010). A consumação coloca o sujeito em uma situação de reconhecimento de conclusão de um processo, deixando, ao mesmo tempo, marcas que o mobilizam a querer continuar envolvendo-se em outras experiências (Balancieri, 2023).

Ivone Lara cresceu em um ambiente em que a música era profundamente valorizada, tornando-se uma extensão natural do viver. Para Lara e seus familiares, a música não apenas preenchia os finais de semana, mas também era um meio de expressão de amores e dores, de conexão com outras pessoas, de descoberta de novas possibilidades no mundo. Era através dela que se alegravam, divertiam, celebravam e encontravam sentido na vida, sentindo-se parte de algo maior e contribuindo de forma singular para o ambiente em que viviam.

Essa relação íntima com a linguagem musical foi o alicerce perfeito para que Lara aproveitasse as oportunidades de ensino formal de música no contexto escolar, durante sua estadia no internato. Na escola, a presença de professores com profundo conhecimento musical, as chances de participar de grupos e apresentações, o reconhecimento de seu talento e o incentivo recebido foram elementos cruciais para consolidar sua ligação com a arte da música.

Para Dewey (2010), a arte não é a única via para a experiência estética, embora seja a mais poderosa para promovê-la. Na trajetória de Ivone Lara, percebe-se que amorosidade, paixão e conhecimento, vividos tanto em contextos informais e familiares quanto em ambientes formais e escolares, se entrelaçaram de maneira singular. Essas vivências, sejam relacionadas à arte ou a outras atividades, proporcionaram a Lara experiências estéticas significativas, mesmo em um contexto social árido, marcado por desafios como a rejeição ao samba — então associado a estereótipos de atividade de malandro —, a desvalorização da mulher, o racismo contra negros e a marginalização das camadas populares.

Entrelaçando essas diversas experiências, Lara vivenciou consumações que transformaram e fortaleceram sua percepção de si mesma e do mundo ao seu redor. Nesse processo, ela não apenas teve acesso a uma educação musical, mas também construiu uma rica educação estética, que transformou a sua sensibilidade – seus gostos, preferências, hábitos – e que foi essencial para sua formação como artista e como mulher em um contexto de resistência e reinvenção.

Pode-se afirmar, enfim, que a educação estética se desenvolve por meio da oferta de experiências enriquecidas com qualidades estéticas. Nesta seção, utilizando a história de Lara como prelúdio, ou ponto de partida, buscamos construir um entendimento compartilhado sobre o conceito de educação estética e esclarecer os princípios que fundamentam a experiência estética. Nas seções seguintes, ao analisar as canções de Lara, exploraremos outras qualidades que ampliam nossa compreensão sobre a educação estética e a atitude criativa no contexto educacional.

3 Natureza, brincadeiras e festas: quando a vida comum favorece a beleza

Em suas canções, Lara traz poesias que falam da vida, da existência pessoal. Segundo Santos (2010), cenas da vida cotidiana, acontecimentos de uma época, e sentimentos pessoais, são trabalhados poeticamente por Lara e transformados em música. Rechetnicou (2018) corrobora que as letras das canções de Ivone Lara tratam as experiências cotidianas; vivendo nas comunidades onde o samba se faz presente como tradição, as letras de suas canções trazem a sua experiência com o samba e com a música.

Para o filósofo John Dewey (2010, p. 162), “cada um de nós assimila dentro de si algo dos valores e significados contidos em experiências anteriores”; contudo, “o fazemos em graus diferentes e em níveis diferentes da personalidade”, de maneira que “algumas coisas se gravam a fundo, outras permanecem na superfície e são facilmente deslocadas”. Em uma situação de expressão – especialmente de expressão criadora –, “o que se expressa não são os eventos passados que exerceram sua influência moldadora nem a ocasião existente literal”, mas, sim, “a união íntima dos aspectos da existência atual com os valores que a experiência anterior incorporou à personalidade”.

Situações boas e agradáveis, ou mesmo difíceis e desagradáveis, que permeiam a vida cotidiana, podem levar uma pessoa a engajamentos, curiosidades, explorações ou até mesmo à percepção de uma emoção intensa. Essas situações acabam se tornando meios para o espanto ou para o deleite, intensificando o sentimento imediato da vida e contribuindo para delinear e fortalecer gostos, vontades, preferências, pertencças, repulsas, entre outros. A vivência de uma situação pode, inclusive, despertar na pessoa o desejo de agir, compreender ou mesmo reinterpretar os sentidos e significados atribuídos a essa experiência (Dewey, 2010).

Dewey (2010) explica que certas situações da vida, derivadas da experiência cotidiana, não ocorrem de forma mecânica, mas deixam marcas singulares na pessoa, mobilizando e formando interesses e, sobretudo, motivando a expressão – mesmo que seja uma expressão ainda incipiente: um gesto, um sorriso que consuma uma troca significativa. Essas situações envolvem, em seus processos, categorias que dialogam com aquelas que fundamentam o ato artístico: a experimentação, a absorção em uma situação ou atividade, a mobilização da voluntariedade, o engajamento, a expressão e a consumação – ou seja, o sentimento de que algo foi profundamente vivido.

Pelo fato de haver situações na vida que funcionam como pontes para uma experiência estética – isto é, uma experiência que afeta profundamente o sujeito e a prática da vida,

marcando e modificando, em alguma medida, hábitos, modos de pensar e formas de se relacionar com o mundo –, Dewey (2010) afirma que as origens da arte estão nas experiências cotidianas, intimamente ligadas à vida. Conforme Dewey (2010, p. 84): “por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a arte em estado germinal”; por isso, “mesmo em suas formas rudimentares, contém a promessa da percepção prazerosa que é a experiência estética”.

O artista Joan Miró também aproxima o universo da arte à vida cotidiana das pessoas. Miró considera que o desenvolvimento da sensibilidade, do gosto pelo fazer artístico, da capacidade de imaginação e criação, bem como das habilidades artísticas, surge dos encontros da pessoa com a natureza e com as coisas mais simples da vida, que possibilitam exploração, percepção, maravilhamento e transformação. Assim como a arte acontece em meio à vida ou procede dela, Miró esclarece que o ofício artístico tem como propósito o cultivo da vida, ou seja, busca a melhoria das condições e da qualidade da existência humana (Andrade; Coffacci, 2022).

Ao analisarem o desenvolvimento da sensibilidade estética da artista e escritora Carolina Maria de Jesus, Andrade, Cunha e Viruez (2024) destacam como as experiências vividas na comunidade e na escola foram cruciais para o estabelecimento de um vínculo afetivo de Bitita – apelido de Carolina na infância – com elementos que transcendiam sua realidade árida. Histórias contadas oralmente, rodas de leitura de textos jornalísticos e debates, bem como os estímulos recebidos durante o processo de alfabetização e no contato com livros, proporcionaram a Jesus tanto a compreensão das necessidades de sua comunidade quanto a capacidade de imaginar outras realidades por diversos ângulos. Dessa forma, Jesus passou a interagir também com “coisas inexistentes”, isto é, múltiplas realidades que se tornaram acessíveis por meio das experiências compartilhadas em sua comunidade e que alimentaram uma disposição para refletir sobre o que vai além da realidade imediata (Andrade; Cunha; Viruez, 2024, p. 293).

É possível interpretar que as obras *Tiê* (Lara; Santos; Fuleiro, 1979) e *A menina e o tempo* (Lara; Castro; Império, 2012) reverenciam a vida e os valores das experiências em meio à vida comum, tanto as de Dona Ivone Lara quanto as das comunidades que ela representava, como a do samba, das mulheres, das mulheres negras, das periferias e das religiões de matrizes africanas. São obras que nos possibilitam pensar como os aprendizados do passado, as vivências e/ou as situações conhecidas se conectam profundamente com a realidade atual, contribuindo para moldar a personalidade e os valores das pessoas. São sambas que, portanto, ajudam a

confirmar o que outros artistas e pensadores abordam acerca da centralidade da experiência, das explorações e dos saberes, bem como das intuições provenientes da vida real, no sentido de provocar a mobilização de conteúdo para a imaginação.

A canção *Tiê* (Lara; Santos; Fuleiro, 1979) abarca uma letra que remete a um aspecto da realidade, mas não de qualquer realidade, muito menos da realidade vivida pelo que socialmente era, na época, considerado maioria: a vida, as preferências, os gostos e os acessos de famílias de classe média, geralmente, de pessoas brancas. Lara traz, na canção, a singularidade de um personagem que marcou uma forma de infância: a sua infância.

Nóbile (2015, 3, ¶19) relata que Lara “aos 12 anos de idade”, ganhou “um pássaro tiê-sangue dos primos Hélio e Antônio, o Fuleiro”. Proveniente de um contexto familiar “extremamente simples, a menina nutria um carinho todo especial por aquele passarinho”. Como Emerentina, mãe de Lara, “não tinha condições de presentear a filha com uma boneca, o tiê passou a fazer as vezes de ‘brinquedo-filho’”; “o apego com o bichinho foi tamanho que em 1934 a menina transformou o seu amor pelo animal em um samba, ‘Tiê’, feito em parceria com os primos”.

Santos (2010) confirma que, para Lara, tiê era tal como uma boneca que ela nunca teve; o que ela tinha, na sua realidade da infância, era o passarinho, e para ele se dedicou e construiu versos. O fato de Lara ter composto a música aos 12 anos, ainda na sua infância, é, ademais, uma demonstração clara de como a música e a arte estavam presentes em sua vida desde muito cedo, e de como a música foi vivência que permitiu a expressão de sentimentos, de ideias. Lara gravou a canção quarenta anos após a composição aos 12 anos.

Santos (2010) explica que, se, por um lado, a letra da canção *Tiê* está relacionada, melodicamente, à música infantil, por outro a obra como um todo traz uma sonoridade de música de terreiro. No trecho “Tiê, tiê, olha lá... “Oxá Tiê, tiê, olha lá... Oxá”, há referências às vivências de Lara com a sua avó materna, Sabina. Dona Ivone Lara relata que Sabina viera de Angola e que seu português era recheado de palavras africanas (Santos, 2010, p. 32). Oxá era uma expressão usada pela sua avó como forma de reprovação de algum comportamento. Dessa forma, a canção *Tiê* vai além de ser uma composição dedicada a um pássaro, revelando, em uma interpretação mais ampla, aspectos da realidade e das origens afro-brasileiras de Dona Ivone Lara. A canção reflete a habilidade artística de Lara, mas também a profunda conexão que ela mantinha com suas raízes e memórias ancestrais.

Tiê, tiê, olha lá...Oxá
Tiê, tiê, olha lá...Oxá
Passarinho estimado
Que me deu inspiração

Dos meus tempos de criança
 Guardei na lembrança esta recordação
 Representava pra mim
 Carinho, amor e paixão
 Mas o ingrato do tiê
 Desprezou meu coração
 A estrela no céu corre
 Eu também quero correr
 A estrela atrás da lua
 E eu atrás do meu tiê
 Bem que vovó me dizia, criança
 Olha lá toma cuidado
 Oxá, esse seu passarinho
 Está mal-acostumado
 (Lara; Santos; Fuleiro, 1979).

A canção *A Menina e o Tempo* (Lara; Castro; Império, 2012) não foi interpretada pela própria Dona Ivone Lara, mas por Luiza Dionizio, cantora e compositora carioca (Silva, 2023). Trata-se de uma música autobiográfica que retrata, com delicadeza e profundidade lírica, elementos marcantes da infância de Ivone Lara: a música, o samba, o chorinho, o cavaquinho, os pássaros, a natureza, a família, as brincadeiras, as festas populares, o carnaval de rua e a religiosidade (Silva, 2023).

Desde três anos, a menina Ivone experimentava o carnaval de rua no bairro Tijuca, para onde a sua família se mudou. Junto com seus primos, fazia “bloquinhos de sujos” e saía dançando e pulando até a praça Saens Peña, se divertindo (Santos, 2010, p. 29). No samba *A menina e o tempo*, é possível imaginar que Lara agradece pelas oportunidades de se desenvolver em contextos significativos, especialmente no universo da música; ademais, Lara parece mostrar que buscou devolver para a comunidade canções que incentivassem as pessoas a sonhar (Santos, 2010).

No meu tempo de menina
 Tenho muito pra contar
 Brincando e cantando com meu passarinho
 No sonho de valsa do meu cavaquinho
 Tocando chorinho pra lá e pra cá
 No pique do primo
 Levado da breca
 A gente saía na rua em festa
 Cantando e fazendo o povo cantar
 Da infância um alento
 Que não canso de lembrar
 O velho tio tão risonho
 Me dando sonhos pra guardar
 Hoje agradeço a Deus
 Por ter tanto para dar
 Vejo alegria na tristeza
 Esperança na angústia

Luz em cada olhar
 Eu agradeço essa riqueza
 E devolvo com franqueza
 Esse meu cantar
 Tiê, tiê, olha lá.... Oxá
 E devolvo com franqueza
 Esse meu cantar
 Sorria mais criança pra não sofrer...
 (Lara; Castro; Império, 2012).

As canções *Tiê* e *A menina e o tempo*, ao trazerem elementos da vida de Dona Ivone Lara, nos permitem pensar a arte e a experiência estética como vivências em continuidade com os processos normais do viver. *A menina e o tempo* é uma canção que aborda de forma mais direta as experiências estéticas vividas por Lara, enquanto *Tiê* recorre a um personagem próximo de sua infância – o pássaro –, bem como a todo o universo vivenciado com sua avó, para elaborar uma obra que mescla a temática do amor com lembranças do passado.

As letras das referidas canções retratam tanto situações da vida cotidiana que evocaram felicidade quanto um acúmulo de experiências significativas vividas no dia a dia – com o pássaro, com a natureza, com a música, nas festas, com os familiares, na rua, nos sorrisos. São vivências da vida comum que, provavelmente, possuíam qualidades estéticas e que, gradativamente, contribuíram para uma educação estética. Esse processo envolveu a formação da sensibilidade, o desenvolvimento de uma mente capaz de lidar com situações sensíveis, o aprofundamento no conhecimento das artes e a ampliação das capacidades estético-artísticas.

Conforme Dewey (2010, p. 164), quando analisamos e buscamos explicações para “a dança e o canto das crianças pequenas”, certamente “deve haver no presente algo que evoque a felicidade”; todavia, o ato das crianças “só é expressivo quando há nele um uníssono entre algo armazenado das experiências anteriores – algo generalizado, portanto – e as condições atuais”. No caso das expressões das crianças “o casamento entre os valores do passado e os incidentes do presente se dá com facilidade”, pois “há poucas obstruções a superar, poucas feridas a cicatrizar, poucos conflitos a resolver”. No caso das “pessoas mais maduras”, “chegar a um uníssono completo é raro; mas, quando ele ocorre, isso se dá em um nível mais profundo e com um teor de significação mais pleno”.

Dona Ivone Lara alcança esse uníssono em suas criações ao aproveitar suas memórias e coordená-las ritmicamente, integrando-as com diversos outros conhecimentos, paixões, impulsos e intuições. Experiências com qualidade estética incentivam a educação estética e vice-versa; nesse processo de retroalimentação, Lara chegava à sua arte e à sua expressão criativa. Ela aprendeu a viver esteticamente, pensando, imaginando, sentindo, criando e

argumentando em sintonia com os valores transformadores da música, das festas populares, do cinema e das experiências compartilhadas com a comunidade. Movida por esses valores, Lara escolheu e formulou papéis e situações a serem expressos e interpretados.

Já podemos, a partir de agora, começar a discutir a educação estética, quer escolar ou realizada em espaços sociais.

Imaginando se Dona Ivone Lara estivesse no auditório Salomão Baruki da UFMS, Campus do Pantanal, sua presença seria marcante e deslumbrante. Com seu carisma e bom humor, ela certamente contaria sua trajetória única no samba, cativando a plateia. O público, provavelmente formado por alunos, professores e amantes do samba, ouviria atentamente enquanto a sambista compartilhasse as lutas e conquistas que moldaram sua identidade, tanto como artista quanto como mulher negra em um espaço historicamente dominado por homens.

Se questionada sobre o que considera essencial para a promoção da educação estética e para a formação de uma atitude criativa, o que Dona Ivone Lara responderia?

Considerando sua própria trajetória, talvez Dona Ivone Lara nos dissesse, em primeiro lugar, que a educação estética nos espaços educacionais exige a promoção de experiências dotadas de qualidades estéticas. Essas experiências podem ser proporcionadas tanto por meio de atividades artísticas – como música, dança, literatura e artes visuais – quanto em momentos da vida cotidiana, imersos na natureza, nas festas, nas brincadeiras, nas conversas que envolvem trocas, sorrisos e acolhimento.

Dona Ivone Lara nos alertaria que nas escolas, em particular, pode haver um receio de que a experiência estética seja vista como uma perda de tempo, justamente por não estar vinculada diretamente ao ensino restrito de conteúdos disciplinares. No entanto, é essa visão limitada, centrada exclusivamente na racionalidade, que precisa ser transformada nos cotidianos educacionais.

O posicionamento de Lara nos lembraria a afirmação deweyana de que “a plenitude da emoção e a espontaneidade do enunciado”, ou seja, a vontade e a capacidade de imaginar, criar e se expressar, “só vêm para os que se impregnaram de experiências de situações objetivas”; em outras palavras, para aqueles “que se deixaram absorver longamente na observação de materiais correlatos e cuja imaginação se ocupa desde longa data da reconstrução do que eles veem e ouvem” (Dewey, 2010, p. 164). Seria sugerido, portanto, que a criação artística e a expressão criativa são frutos de um mergulho profundo nas vivências concretas e nas interações sensíveis com o mundo, transformadas, pela imaginação, em formas que ressignificam a realidade e ampliam os horizontes da experiência humana.

Com mais ousadia, podemos imaginar outra situação em que Lara retomasse as premissas de Schiller (1989) ao refletir sobre a educação estética do ser humano. Schiller (1989) argumenta que a natureza humana é mista, composta não apenas de razão, mas de razão e sensibilidade. Assim, o desenvolvimento racional e moral de um sujeito exige, simultaneamente, o cultivo de sua sensibilidade. Ao valorizar as paixões, Schiller (1989) – assim como Dewey (2010) – defende que a pessoa não deve permanecer em um estado passivo, sendo conduzida exclusivamente pela emoção ou pela transitoriedade da sensação; por outro lado, também não deve se aprisionar no ciclo monótono da lógica racional. As melhores criações humanas e sociais emergem quando o ser humano vivencia a transição da sensação ao pensamento.

Para Schiller (1989), o belo, ou a vivência da beleza, é o que permite a transição da sensação para o pensamento. Vivenciar situações que despertam o sentimento de beleza não se resume a preencher o abismo que separa a sensação do pensamento, sem envolver a ação ativa do sujeito. Pelo contrário, a experiência do belo proporciona às faculdades do pensamento a liberdade de se exteriorizarem segundo suas próprias leis. Ao vivenciar situações estéticas – seja na criação artística ou na contemplação –, a pessoa entra em um jogo lúdico que mobiliza tanto os impulsos sensoriais quanto os racionais. A tensão entre as necessidades racionais e passionais gera a liberdade; nesse estado de suspensão de juízos, o indivíduo vê sua sensibilidade, espontaneidade, imaginação e intuição estimuladas.

O homem em sentido pleno – o homem lúdico – não busca apenas retirar-se à “clausura” de sua moralidade, mas empenha-se exatamente em dar vida às coisas que o cercam, em “libertar” os objetos que habitam sua sensibilidade, tornando possível um cultivo cada vez maior desta. O homem assim destinado a aperfeiçoar a realidade – seja ele o gênio que cria obras de arte ou o indivíduo de gosto que contempla o belo – é chamado por Schiller de nobre (Suzuki, 1989, p. 8).

A pessoa em formação precisa experienciar a beleza, isto é, essa “alta serenidade e liberdade de espírito, combinada à força e à energia”, pois é isso que lhe confere poder, entendido como vontade. Não se trata de uma vontade direcionada a fazer algo específico, mas de uma vontade de ser, viver, sentir e imaginar. “Deixamos uma bela peça musical com a sensibilidade estimulada, o belo poema com a imaginação vivificada, e o belo quadro ou edifício com o entendimento desperto”, diz Schiller (1989, p. 79). No entanto, se alguém “quisesse convidar-nos ao pensamento abstrato imediatamente após uma alta fruição musical”, nos chamar “para um negócio comedido da vida comum, logo após uma alta fruição poética”, ou “afogear nossa imaginação e surpreender nosso sentimento, logo após contemplarmos belas telas e esculturas, não teria escolhido a hora certa” (Schiller, 1989, p. 79-80).

A passagem do estado passivo da sensibilidade para o ativo do pensamento e do querer dá-se, portanto, somente pelo estado intermediário de liberdade estética, e embora este estado, em si mesmo, nada decida quanto a nossos conhecimentos e intenções, deixando inteiramente problemático nosso valor intelectual e moral, ele é, ainda assim, a condição necessária sem a qual não chegaremos nem a um conhecimento nem a uma intenção moral. Numa palavra: não existe maneira de fazer racional o homem sensível sem torná-lo antes estético (Schiller, 1989, p. 83).

Para Schiller (1989), a arte possibilita o jogo estético que leva ao sentimento da beleza, colocando o indivíduo em um estado de pausa e liberdade, o que aguça a sensibilidade, estimula a imaginação e até aviva o entendimento. Entrelaçando essas ideias com o pensamento deweyano, e até mesmo com o universo de vida e obras de Lara, é possível afirmar que a beleza e a liberdade podem ser experienciadas maximamente pela arte, mas também em diversas outras situações da vida cotidiana.

Nos espaços educativos, a experiência estética estimulará o educando a viver mais sensações e paixões, a ter mais percepções, em meio a um processo significativo – ou lúdico – que permite a transformação das emoções imediatas. Ao passar por uma experiência estética, o estudante vive a beleza: sem cobranças utilitaristas imediatas, ele não apenas percebe algo superficialmente, mas trabalha ritmicamente com seus hábitos, impulsos e entendimentos, até alcançar percepções mais profundas do todo. A partir desse ponto de inflexão, o educando que já está vivendo modificações em seus processos internos, pode se envolver ainda mais na reflexão sobre suas emoções e conhecimentos, momento em que pode visualizar a resolução de problemas ou desejos anteriormente sentidos. Assim, reações imediatas e naturais podem passar a ter sentidos e significados construídos esteticamente.

A educação estética, formando a sensibilidade e capacidade imaginativa e criativa, possibilitará transformação do eu. O estudante, por exemplo, poderá construir novos interesses, questionar o mundo a sua volta, ganhar mais vontade e autonomia para atuar nos espaços sociais, inclusive para sonhar o “bem” pessoal e social (Dewey, 2010, p. 582). A educação estética impulsionará a existência do sujeito, “o qual é transformado no processo e utiliza os novos conhecimentos como instrumentos para futuras reflexões” (Pare; Andrade, 2019, p. 4).

Em sua conversa conosco, Dona Ivone Lara provavelmente ressaltaria que as músicas, as festas, as danças, as brincadeiras, as atividades em família, as risadas e as relações com pessoas e animais vividas em vários momentos de sua vida, especialmente na infância e juventude, foram jogos lúdicos que propiciaram experiências estéticas e intensificaram o sentimento da beleza. Esses momentos contribuíram significativamente para sua educação estética, abrindo portas para a transformação de sua sensibilidade, de suas intuições, de seus

gostos, de suas relações interpessoais e de seu modo de enxergar o mundo, além de aprimorar suas habilidades e capacidades relacionadas à imaginação, criação e expressão.

As experiências de Dona Ivone Lara convergem com o que Dewey (2010) descreve sobre a diferença fundamental entre passar por uma experiência e ter uma experiência. Quando uma pessoa apenas passa por uma experiência, esta não se torna significativa ou integradora; é apenas uma sequência de momentos desconexos. Já quando uma pessoa tem uma experiência, ocorre uma integração ativa, que provoca reflexão, transformação e desenvolvimento.

Enquanto experiências estéticas, não se pode exigir das situações significativas e lúdicas, como as citadas nas canções analisadas, resultados específicos, processos cognitivos definidos, decisões ou ações predeterminadas. Tal expectativa comprometeria o processo de vivência da beleza, conforme descrito por Schiller, além de contrariar o conceito de experiência estética de Dewey, entendido como um processo que intensifica o sentimento imediato da vida, provoca descompassos temporários e transições, e promove um equilíbrio mais amplo das energias que, após, podem fundamentar pensamentos e atitudes.

Pensando, portanto, a educação estética nos espaços educativos, além da organização de experiências que retomem a ligação entre a vida e os processos estéticos, é necessário compreender que, muitas vezes, a alegria, a beleza e o sentimento de consumação vivenciados naquele momento são o que basta e o que será percebido de forma imediata. Schiller (1989, p. 81) denuncia o quão contraditório é propor vivências com a arte “como ensinamento (didática) ou corregedora (moral), pois nada é tão oposto ao conceito da beleza quanto dar à mente uma determinada tendência”.

Sabemos que a sensibilidade da mente depende, segundo seu grau, da vivacidade e, segundo sua extensão, da riqueza da imaginação. Ora, o predomínio da faculdade analítica rouba necessariamente a força e o fogo à fantasia, assim como a esfera mais limitada de objetos diminui-lhe a riqueza. Por isso o pensador abstrato tem, frequentemente, um coração *frio*, pois desmembra as impressões que só como um todo comovem a alma; o homem de negócios tem frequentemente um coração *estreito*, pois sua imaginação, enclausurada no círculo monótono de sua ocupação, é incapaz de elevar-se à compreensão de um tipo alheio de representação (Schiller, 1989, p. 30).

Retomando o argumento inicial de que as escolas e os espaços de educação social precisam propiciar experiências com qualidades estéticas, o que implica a retomada da ligação entre a arte, a percepção estética e a vida, Dona Ivone Lara nos lançaria outro desafio: como fazer isso? Pautando-se em suas canções, Lara nos aconselharia a oportunizar momentos para que crianças possam brincar, para que sujeitos de qualquer idade tenham acesso às artes, às festas da tradição popular, a bons relacionamentos interpessoais, às risadas, enfim, a

experiências capazes de elevar o espírito para além do aqui e agora, gerando o sentimento de consumação.

Dona Ivone Lara nos alertaria que, na educação estética, é essencial haver tempo para o deleite exigido pela experiência estética, sem cobranças didáticas, moralistas, lógicas, racionais ou utilitaristas, justamente para que a vida comum favoreça a beleza. Ela diria que, ao viver a beleza como um momento a ser degustado por si mesmo, seríamos como os passarinhos mencionados pelo poeta Manoel de Barros; eles – os passarinhos – experienciam “a liberdade”; “dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas”; “são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – sem se machucarem”; são, portanto, “disponíveis para sonhar” (Barros, 2015, p. 129).

Se desejamos ajudar os educandos a desenvolverem suas sensibilidades, suas capacidades estético-artísticas e, sobretudo, sua capacidade de sonhar, é fundamental encontrar e vivenciar, com calma e sem pretensões utilitaristas, a beleza proporcionada pelos encontros com a arte e com as situações do cotidiano. Essa experiência, que oferece liberdade estética e uma suspensão das atribuições e deveres, é essencial para que a vida siga em direção à reflexão, às proposições e às ações.

4 Experiências com arte: formação de identidades empáticas e elaboração de propósitos

Em *Diários*, Paul Klee apresenta a sua autobiografia e “aborda períodos de sua vida em que as ‘questões existenciais’ passaram a ganhar ‘importância maior’ que as “artísticas”. O artista compreendeu que ‘primeiro’ precisou se “tornar um homem” e que a “arte” chegou “depois, como consequência”. Por tornar-se homem, Klee entendia o desenvolvimento de sua humanidade. Assim, em outras palavras, Klee concluiu que precisou aprender a viver a vida de maneira rítmica, sentindo, percebendo e coordenando os paradoxos, pois esse seria o único caminho para a humanização (Pare; Andrade; Batista, 2022, p. 171-172).

a pessoa passa a perceber, inquietantemente, forças que emanam do seu interior, relacionadas aos desejos, aos medos, às dúvidas, às alegrias etc.; acontece que, a despeito “da tempestade” que os contrastes entre as paixões causam, é justamente esse movimento rítmico que leva a pessoa a querer “comandar o caos”, (re)organizando e (re)criando os seus modos de sentir, perceber, pensar, agir e compor.

Crick (2019) lembra que, para Dewey, políticas humanistas e em prol da democracia são estéreis se não há incentivos e condições para que as pessoas de uma comunidade sejam expostas às obras de arte – tenham acesso a elas –, permitindo-lhes sentir mais profundamente, pensar de maneira mais abrangente e imaginarem-se em universos diferente dos seus. Dewey considerava que “obras de arte de todos os gêneros e estilos desempenhavam um papel crucial no desenvolvimento da personalidade humana”. A arte seria importante “não apenas no sentido convencional de exaltar os valores comunitários”, mas “como uma provocação às nossas sensibilidades estabelecidas, uma ruptura com nossos hábitos aceitos e um convite para imaginar possibilidades” (Crick, 2019, p. 176).

Para Dewey, o que é importante não é tanto a substância da obra de arte, mas seu efeito: expandir nossos horizontes de experiência para que possamos enxergar o mundo a partir de múltiplas perspectivas (Crick, 2019). Assim como Klee, Dewey compreendia o acesso à arte – ou melhor, as experiências da apreciação e do fazer artísticos – como parte de um processo de humanização, em que o encontro com novas perspectivas, incentiva a percepção de paradoxos, o alargamento da sensibilidade, permitindo às pessoas desenvolverem-se plenamente como seres humanos. A arte, ao provocar e reorganizar nossos modos de sentir, pensar e imaginar, torna-se tanto um reflexo quanto uma condição essencial para o esforço contínuo de tornar-se humano. Nesse sentido, humanizar-se, para ambos, é abraçar o movimento rítmico entre caos e ordem, entre sensibilidade e razão, como um caminho para uma humanidade justa.

A biografia de Dona Ivone Lara mostra que a música e o samba não apenas fizeram parte de sua vida, mas foram fundamentais para a constituição de sua identidade e humanidade. A cultura popular esteve presente durante todo o seu crescimento, e Dona Ivone Lara relata que frequentava sambas escondida de sua mãe no morro do Salgueiro (Santos, 2010). Desde a infância, ela buscava brechas que lhe permitissem existir na arte, no samba, e ocupar esse espaço musical, predominantemente masculino (Silva, 2023).

Assim como Paul Klee e John Dewey versam sobre o papel transformador da arte, a trajetória de Dona Ivone Lara revela como o samba foi uma força humanizadora em sua vida, permitindo-lhe reorganizar e recriar seus modos de ser e sentir, mesmo diante de obstáculos sociais e culturais. Sua história exemplifica o poder da arte – no caso, o samba e as manifestações da cultura popular – como um convite à imaginação e à criação de novas possibilidades, alargando horizontes de experiência e desafiando sensibilidades estabelecidas. A vivência rítmica e emocional em meio às experiências com música não apenas alimentou sua sensibilidade, mas também tornou-se um caminho de resistência e de expansão de sua humanidade, confirmando o papel essencial da arte na construção de uma vida plena e justa.

Maxine Greene (1995) também aborda o papel da arte – seja na fruição ou no fazer – para propiciar o acesso a experiências existenciais, que abordam as diferenças e que podem ser compartilhadas por tantas pessoas, visando, enfim, o desenvolvimento da imaginação “que traz à tona uma preocupação ética, uma preocupação que, novamente, tem a ver com a comunidade que deve estar em construção e com os valores que lhe dão cor e significado”. Greene fala sobre a importância da arte para a humanização, “de estar plenamente desperto, de estar consciente do que significa estar no mundo”, um mundo que, como argumentam as canções de Lara, é plural, e não pode mais ser patriarcal e preconceituoso.

As canções de Dona Ivone Lara, como as que trazemos a seguir, nos convidam a refletir sobre o poder das experiências com a arte e com as festas da tradição popular. São vivências sensíveis que, sejam na escola, na família ou na comunidade, foram fundamentais na formação de uma identidade fortalecida e consciente, promovendo, na artista, o desenvolvimento de forças humanizadoras. Ao mesmo tempo, também são canções, com letras, sonoridades, expressividades e danças que compartilham lutas, especificidades e valores afro-brasileiros com sensibilidade, ludicidade e beleza. São músicas que possibilitam aos espectadores e apreciadores o contato com um universo que pode ser distinto ou similar ao seu, mobilizando encontros com a alteridade, favorecendo a formação de identidades com a preocupação ética e consciente mencionada por Greene.

Maria Teresa Bento da Silva, chamada de Vovó Teresa, era “uma das maiores lendas do jongo cultivado no morro da Serrinha” (Nobile, 2015, 2, ¶3). “Nascida em 1859, Vovó Teresa”, que era tia de Ivone Lara, “tinha especial devoção ao jongo”, também conhecido como caxambu (Nobile, 2015, 2, ¶4). O jongo é uma “dança afro-brasileira de motivação religiosa e caráter iniciático”, e Vovó Teresa ensinava respeito pela ancestralidade (Santos, 2010, p. 179).

Ela aprendera que aquele tipo de canto e dança representava espiritualidade e, por isso, deveria ser encarado com seriedade, “somente por adultos” (Nobile, 2015, ¶4). Havia um claro entendimento de que crianças não dançavam o jongo, apenas batiam palmas. No entanto, com essa regra bem estabelecida, Vovó Teresa “abria uma pequena exceção para levar ao jongo seus filhos Antônio, Hélio, Valentino e a sobrinha Yvonne” (Nobile, 2015, ¶4). Acontecia que, no dia seguinte às atividades no terreiro, Lara, “às escondidas, copiava direitinho os passos da tia” (Nobile, 2015, 2, ¶4).

Nas canções *Andei para Curimá* (Lara, 1978) e *Axé de Ianga* (Lara, 1981), Dona Ivone Lara mistura a própria história de vida “ao Encantando” (Santos, 2010, p. 176), trazendo uma identidade religiosa afrodescendente, celebrando a ancestralidade e a fé. *Andei para Curimá* (Lara, 1978), em específico, é uma faixa “sacudida”, com “a influência do partido-alto, do jongo e do caxambu” (Nobile, 2015, 4, ¶ 11). É uma canção que, possivelmente, narra “a saga de um devoto em busca de uma oferenda”, o peixe curimá, “para o seu santo” (Pacheco, 2021, p. 80).

Conforme Pacheco (2021), a composição apresenta “verbos no infinitivo terminados em vogal acentuada e sem o “r” final, como: “rezá” e “ajudá”, que deixam evidente sua aproximação com a oralidade”, tal “como é realizada a transmissão dos pontos e rezas de religiões de matrizes africanas”.

Além de destacar traços da oralidade, uma característica central das culturas diaspóricas, *Andei para Curimá* (Lara, 1978) valoriza a integração entre música, dança e reza. Essa ligação transforma os espaços em que as músicas e danças são veiculadas em verdadeiros “centros de resistência cultural e racial, ativando memórias sagradas e ancestrais” (Pacheco, 2021, p. 79). A canção também revela o sincretismo religioso presente no samba, referindo-se a práticas e santos tanto de religiões cristãs quanto de religiões afro-brasileiras. A música adquire um caráter coletivo e simbólico, vinculando-se tanto às entidades espirituais quanto aos indivíduos influenciados por toda a energia emanada dos gestos e sonoridades (Pacheco, 2021).

Andei andei, andei, andei, andei
Andei andei, andei, andei, andei para curimá
Numa noite tão vazia
Sem destino pus-me a andar
Procurando uma curimá

Pra meu santo saravá! (mas andei, andei) [...]
 Na Bahia encontrei em Santana um gongá
 Preto velho confirmou que eu era filho de Oxalá [...]
 Ih minha Nossa Senhora
 Me dá meu rosário que eu quero rezar
 Implorando proteção pra todo santo me ajudar (andei, andei) [...]
 Diz José uma reza forte
 Me ensina uma oração
 Pra no juízo final
 Eu conseguir a salvação [...]
 (Lara, 1978).

Ao misturar sua história de vida com o encantamento da religiosidade afro-brasileira e do samba, Lara transforma suas experiências pessoais em algo coletivo e universal. Ela conecta suas vivências e sentimentos à memória ancestral, revelando como sua arte de sambista é profundamente marcada pela ancestralidade e pela identidade cultural que carrega. *Andei para Curimá* (Lara, 1978), assim como outras letras de Dona Ivone Lara, reflete as histórias de resistência de seus antepassados, inspiradas nas narrativas que ouviu de familiares, especialmente daqueles que vivenciaram os horrores da escravidão (Santos, 2010).

[...] o Encantado sempre esteve por todos os lados da cultura popular, pois é ele que alimenta o imaginário criador, criativo. É ele quem liberta dos conflitos comuns aqueles que não crêem que existem muitas camadas habitáveis entre o céu, a terra e as nossas vãs filosofias. São muitas histórias no universo de Dona Ivone que nos ensinam sobre as ações do Encantado (Santos, 2010, p. 176).

Na canção “*Axé de Ianga (Pai Maior)*” (Lara, 1981) também constam representações de resistência e identidade religiosa. Por meio dessa composição, Dona Ivone Lara explora a profundidade de suas raízes africanas conectadas à ancestralidade, enaltecendo as tradições afrodescendentes. A canção não apenas celebra essas tradições, mas também atua como uma forma de resistência cultural, destacando a força, a identidade e a riqueza das raízes afro-brasileiras (Santos, 2010).

Lara apresenta a vida dos negros e dos escravizados como um modelo de existência digno e resiliente. Ela os posiciona como referências de luta pela liberdade e pela dignidade, em uma tentativa de resgatar e validar histórias que foram sistematicamente negadas e inferiorizadas em uma sociedade brasileira que historicamente buscou modelos de referência europeus. Por meio de sua música, Dona Ivone Lara reivindica e celebra um modelo de vida que precisa ser reconhecido, valorizado e integrado às comunidades.

Uma das narrativas sobre a composição de “*Axé de Ianga (Pai Maior)*” (Lara, 1981) sugere que a letra faz alusão a Yanga, um ancestral de Lara que, segundo relatos, oferecia proteção espiritual à família. Yanga teria vivido na Bahia, enfrentando os desafios da

escravidão, mas também ajudando outros escravizados. Além da hipótese de que a canção tenha sido composta em homenagem a esse antepassado, há indícios de que foi inspirada pela viagem de Dona Ivone Lara a Angola, no início dos anos 1980, como parte de uma caravana de 65 artistas brasileiros (Nobile, 2015).

Oi, Ianga, o que tipoi Ianga
 didianga me
 Ianga, Ianga que tipoi Ianga
 didianga me
 Eu carrego na minha munganga eh
 didianga me
 a felicidade deu, aos filhos seus
 ninguém mais lamenta e chora Ianga
 didianga me
 Ianga, Ianga que tipoi Ianga
 didianga me
 Vovô veio de Angola
 com seu mano Tio José
 trouxe cravos, trouxe rosas
 pra salvar filhos de fé
 e rezou a ladainha
 pra Jesus de Nazaré
 Ianga, Ianga que tipoi Ianga
 didianga me
 Eu dei pulos de alegria
 chorei de emoção
 quando a Vovó Maria
 me levando pela mão
 disse filha Pai Ianga
 é a nossa proteção
 Ianga, Ianga que tipoi Ianga
 didianga me
 Tia Teresa nos contava
 a história do vovô
 que tirava irmão do tronco
 escondido do senhor
 pra curar seus ferimentos
 com o banho de abô
 Ianga, Ianga que tipoi Ianga
 didianga me
 (Lara, 1981).

A canção *Alguém me avisou* (Lara, 1981) é uma das mais emblemáticas de Dona Ivone Lara, consolidando-a como uma compositora completa (Nobile, 2015). Trata-se de um samba que também aborda a vida e a existência pessoal. O trecho “eu nasci no samba, não posso parar” afirma a inevitabilidade e a força do samba na vida da artista. Para Dona Ivone Lara, o samba não foi apenas uma forma de lazer, mas algo profundo e intrinsecamente conectado à sua identidade. Essa perspectiva reflete o poder da arte do samba não apenas como um gênero

musical, mas também como um modo de vida, uma conexão com a ancestralidade e com as tradições afro-brasileiras que perduram (Santos, 2010).

Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
 Mas eu vim de lá pequenininho
 Alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho
 Alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho
 Sempre fui obediente
 Mas não pude resistir
 Foi numa roda de samba
 Que eu juntei-me aos bambas pra me distrair
 Quando eu voltar à Bahia
 Terei muito que contar
 Ó, padrinho, não se zangue
 Que eu nasci no samba, não posso parar [...]
 Foram me chamar
 Eu estou aqui, o que é que há?
 Foram me chamar
 Eu estou aqui, o que é que há?
 (Lara, 1981).

A obediência à qual a sambista se refere na letra da canção reflete o comportamento que ela manteve ao longo de toda a sua vida. Quando menina, foi uma boa filha e uma aluna dedicada; ao chegar à fase adulta, buscou continuar os estudos, aperfeiçoar-se no trabalho e construir uma sólida carreira na área da saúde até sua aposentadoria. Como esposa e mãe, assumiu responsabilidades, organizou a casa e cuidou dos filhos (Santos, 2010). Entretanto, na canção, Dona Ivone Lara também revela a delicadeza e a cautela com que adentrou o universo do samba, predominantemente masculino. Ela iniciou sua carreira de sambista com humildade e respeito, consciente dos desafios que enfrentaria como mulher nesse meio (Pacheco, 2021).

Os sambas de Dona Ivone Lara evocam cenários de liberdade, alegria e resistência do povo negro. Suas melodias e letras nos convidam – como mencionado no início desta seção – a refletir sobre os encontros com a alteridade, promovendo a formação de identidades que priorizam a expansão em vez do endurecimento humano. Além disso, estimulam a consciência sobre o valor da comunicação, pois é na dialogia que novas necessidades podem ser visibilizadas e trabalhadas coletivamente.

São canções que, enfim, também nos levam a pensar sobre o poder transformador da arte. Engajados em relações dialéticas provocadas pela arte, e, portanto, imersos em experiências estéticas, somos lembrados, como indica Flaira Ferro em *Germinar*, que “está na hora de reagir, entender que somos gigantes, ocupar o nosso lugar” e “acolher nossas almas”; “nunca é tarde pra replantar, nossa terra é de amor infindo”; então, “a semente vai germinar”, pois “é assim que a vida é”.

Para Dewey (2010), a arte é um processo de fazer ou criar, envolvendo a transformação de materiais físicos — sejam eles o corpo humano ou elementos externos — com o objetivo de produzir algo visível, audível ou tangível. Essa definição amplia o entendimento da arte, destacando-a não apenas como um produto final, mas como um ato contínuo de criação. O artista, ao criar, é afetado e sensibilizado pelo processo, enquanto o espectador, ao apreciar a obra, também participa de um ato criativo, elaborando intuições, sentidos, significados e narrativas.

Dewey (2010) também destaca que uma produção ou habilidade é verdadeiramente artística quando é realizada com amor e profundo cuidado pelo tema em questão. O processo artístico envolve emoções, desejos, materiais e instrumentos, que são vivenciados em seus paradoxos e contradições. Esse processo é coordenado ritmicamente, culminando em um equilíbrio que proporciona um sentimento de consumação. Assim, a arte não é apenas técnica, mas também expressão de uma conexão emocional e intelectual com o que está sendo criado.

Dewey (2010) argumenta que a “arte é um órgão incomparável da instrução”, possibilitando pensamentos que transcendem os hábitos arraigados (Dewey, 2010, p. 581). Quer-se dizer que a arte possui um papel fundamental na formação da identidade e da consciência, especialmente quando se trata de pessoas que entram em contato com os valores de outras comunidades e culturas, abrindo portas, assim, para uma formação ética. Ao proporcionar encontros entre diferentes perspectivas, a arte cria um espaço de interação que leva a pessoa a novas descobertas sobre si mesmo e sobre o mundo.

Como Dewey (2010, p. 475) indica, “as imagens e ideias não nos ocorrem por um propósito preestabelecido, mas em lampejos, e os lampejos só são intensos e iluminadores [...] quando estamos livres de preocupações especiais”. É nesse estado de abertura criativa, ou seja, de vivência estética que nos coloca em suspensão, ampliando a sensibilidade, a percepção, o entendimento e a intuição, que a arte cumpre sua função transformadora, pois ela também encoraja a reorganização das ideias e das experiências para dar forma a um propósito.

Através da arte, as singularidades são trabalhadas e o indivíduo é levado a se descobrir em um constante diálogo entre resistência e criatividade. Esse diálogo não só revela a natureza do eu, mas também redireciona interesses, atenção, desejos e propósitos. A arte, portanto, influencia a formação da consciência e da identidade dos estudantes, proporcionando-lhes a oportunidade de se envolverem com valores de outras comunidades, contribuindo para uma formação ética que transcende fronteiras.

Vimos até aqui que a educação estética não pode prescindir de sua ligação com a vida, ou seja, não pode se apartar dela. Promovendo um jogo lúdico por meio de experiências com qualidades estéticas, a educação estética estimula a identificação da beleza e lança a pessoa em um estado que a afasta das preocupações imediatas, operando, portanto, no alargamento da sensibilidade, na elaboração de intuições e na construção de entendimentos. A educação estética não se realiza apenas por meio da experiência com a arte, mas, inspirados nesta seção pelas canções de Dona Ivone Lara e pelas conceituações apresentadas, compreendemos que a arte – incluindo as de tradição popular e as experiências vividas em comunidades que se valem das linguagens artísticas – possibilita à educação estética promover encontros, ampliar percepções, favorecer conscientizações e contribuir para a formação de uma identidade aberta a novos encontros e reflexões.

“Não se trata de ‘didatizar’ a arte”, ou a educação estética, “mas de descobrir na trama de um romance, nas imagens de um poema, na força expressiva de uma escultura, num quadro, numa sinfonia, uma percepção reveladora do ser humano” (Perissé, 2014, II, ¶49). O dinamismo criador não está apenas no artista. A experiência de “ler uma obra literária de qualidade”, de “ouvir uma canção comovente”, de deter o “olhar sobre um ‘desenho engenhoso’”, de “acompanhar os diálogos de uma peça teatral”, pode levar a pessoa “a uma nova compreensão da realidade” e de si mesma, “a uma compreensão lúdica, isto é, uma interpretação que supera reducionismos, calculismos e outros ‘ismos’ limitantes”; pode, inclusive, “despertar” no indivíduo “o artista que [...] não acreditava ser” (Perissé, 2014, II, ¶52).

A arte educa na medida em que, atraindo nossa visão, encantando nossa audição, agindo sobre nossa imaginação, dialoga com a nossa consciência. Mais do que nos fazer reagir à melodia, à rima, à composição pictórica, às cenas do filme, esses estímulos que nos chegam pela arte criam um espaço de liberdade, de beleza, no qual nos sentimos convidados a agir criativamente (Perissé, 2014, II, ¶51).

Voltemos à nossa conversa imaginária com Dona Ivone Lara. O que mais ela diria sobre a educação estética? Gostamos de pensar que Lara aceitaria a premissa deweyana de que, por um lado, as experiências estéticas com a arte são extremamente potentes, pois provocam “lampejos” que “são intensos e iluminadores” e “nos inflamam, quando estamos livres de preocupações especiais” (Dewey, 2010, p. 475). Tal como ocorre na arte, “as concepções ‘criativas’ na filosofia e na ciência só ocorrem a pessoas que relaxam a ponto de devanear” (Dewey, 2010, p. 474). A artista diria, por exemplo, que suas canções, ao trazerem a cultura afro-brasileira e o empoderamento das mulheres, especialmente das mulheres negras, poderiam levar os espectadores a viver lampejos diferentes.

Dona Ivone Lara, no entanto, acrescentaria que, na educação estética, o processo precisa vislumbrar a elaboração de propósitos para si e/ou para o meio, seja na forma material, ideacional, de comportamentos, de objetivos, de desejos, de ações comunitárias, de projetos de vida ou de sociedade etc. É importante sair do estado de lampejo e devaneio, o que se torna possível quando os materiais sensíveis e os pensamentos são ordenados e organizados, sendo que “esse efeito só se produz quando um propósito controla a escolha e o desenvolvimento do material” (Dewey, 2010, p. 475).

Nas escolas e nos espaços de educação escolar, talvez uma dica de Dona Ivone Lara fosse o trabalho interdisciplinar com a arte e as histórias nas diversas áreas do conhecimento, promovendo encontros e debates sobre divergências e diferenças, com o objetivo de vislumbrar acordos e elaborar propósitos, ainda que provisórios. No encontro provocado pela relação com a arte, as diferenças e as dissidências tornam-se produtivas. Os temas trabalhados na escola seriam, assim, obras construídas por todos.

Uma aula viva: prosa e poesia. Ou até mesmo “proesia”. A proesia está em conjugar informação e beleza, cálculo e imaginação, ciência e inspiração. Projetos que podem ser realizados por um professor, individualmente [...]. Experiências ricas: tecer conhecimento biológico e arte teatral, informática e poesia, física e escultura, investigação histórica e música, ousar tantas outras combinações interdisciplinares, visando à etapa da maturidade, que é transdisciplinar (Perissé, 2014, V, ¶33).

“Por que deixam um menino que é do mato amar o mar com tanta violência?” Essa pergunta nos é deixada pelo poeta Manoel de Barros (2015, p. 24). Inspirados em Dona Ivone Lara, diríamos que a educação estética deve permitir que esse menino, seja ele do mato ou do asfalto, expanda seus afetos e pertencas, que possa amar o mar e a terra, a história e a invenção, os diferentes povos, comunidades e culturas, sem as amarras de um mundo que limita seus sonhos. Assim, que a escola, em sua potência criadora, não o force a escolher entre o devaneio e a razão, entre a ciência e a arte, mas o ajude a traçar caminhos, a elaborar sentidos, a construir futuros, a elaborar propósitos. Pois, se na arte o lampejo nos inflama, na educação estética ele precisa encontrar matéria, corpo e direção.

5 Amor e empoderamento: a atividade criativa que entrelaça o particular e o universal

Na crônica “Em direção ao caminho inverso”, Clarice Lispector (2018, p. 500) sugere que a vida humana traz uma complexa interconexão entre o particular e o universal. A escritora afirma que “todo homem é o homem de todos os homens” e “toda mulher é a mulher de todas as mulheres e cada um deles poderia se apresentar onde quer que se julgue um homem”. Nesse sentido, o individual carrega em si necessidades e propósitos do coletivo, demonstrando que cada pessoa, em sua singularidade, reflete aspectos da condição humana como um todo. A literata, no entanto, considera que “só alguns atingem o ponto de, em nós, se reconhecerem. E pela simples presença da existência deles, revelarem a nossa”.

Lispector traz uma discussão sensível mostrando ser necessário o reconhecimento mútuo para que a universalidade seja revelada. A poetisa mostra que é na interação particular com o outro que emergem dimensões profundas de nossa própria existência, destacando, assim, como a experiência do particular é capaz de compreender e até mesmo transformar o universal.

Ao compor sobre o amor, Dona Ivone Lara cantou a vida como ela é: feita de ciclos, em que cada reencontro e cada despedida trazem uma lição, moldando quem somos e nos inspirando a seguir em frente (Silva, 2023). Lara, por meio de suas melodias e poesias autorais, constrói canções que interconectam as suas experiências às vivências das mulheres, crianças e homens do samba, do terreiro, das comunidades cariocas. Tangenciando o particular e o geral, suas canções sobre o amor não negam as dificuldades da vida, mas, ao mesmo tempo, apontam para a possibilidade de reflexão, reação e renovação (Santos, 2010).

Conforme Nobile (2015, 5, ¶10), ao passo em que trabalhava muito bem em parcerias, Dona Ivone Lara também “confirmava ser uma compositora completa, capaz de escrever versos que se encaixassem perfeitamente nas melodias de beleza primorosa concebidas por ela”. O amor foi tema inspirador da maioria das letras compostas unicamente por Lara. São “letras curiosas se analisadas do ponto de vista do motivo inspirador”. Como os seus sambas tratavam, na sua maioria, de “desilusões amorosas”, ficava para muitos “uma pergunta no ar”: “onde a autora tinha buscado inspiração para aquilo se fora muito bem casada com Oscar durante 28 anos, interrompidos apenas pela morte do marido, em 1975?” (Nobile, 2015, 5, ¶10).

Nobile (2015, 5, ¶10) entende que “a resposta era que ela não precisava escrever” tão somente “letras autobiográficas”; para Lara “bastava versar sobre os temas mais universais do samba, a tristeza e a dor de ser desprezado por um grande amor” (Nobile, 2015, 5, ¶10). Partindo de um sentimento da vida real, o amor, os sambas de Lara alcançam dimensões mais amplas e

sugerem que, mesmo diante do sofrimento, há sempre sonhos e novos amores a moverem a vida (Santos, 2010). O amor é apontado por Lara como uma experiência complexa que pode ser tanto bela quanto dolorosa. A dor não é apenas negativa, mas, igualmente, uma parte do processo de transformação pessoal. Ao experimentar o amor e a dor, os indivíduos podem desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Nobile (2015) destaca que a canção de característica dolente *Canto do meu viver* (Lara, 2001) foi “um samba primoroso, com um equilíbrio preciso entre música e letra, engrandecido mais ainda pelo arranjo de sopros (clarinete, clarone e flauta)”. A música explora a relação entre dor e amor, desilusão e esperança, tristeza e alegria, razão e emoção. Trata-se de uma composição que não apenas expressa sentimentos cotidianos, mas também convida os ouvintes a refletirem sobre temas que ultrapassam a particularidade ou a percepção imediata do sofrimento, do amor que se quer de volta.

Ao analisar *Canto do meu viver* (Lara, 2001), Pacheco (2021, p. 78) ressalta que, em um âmbito particular, o “eu-lírico da canção começa com uma confissão”, em que o personagem admite estar “perdido no canto de seu próprio viver”. A declaração “sem saber a razão de tanto sofrer” intensifica esse sentimento de perda. Contudo, o “eu-poético”, assumindo uma voz mais universal, sugere que, ao enfrentar o sofrimento e buscar intensamente vivenciar o amor, torna-se possível aproximar-se da “razão”. Essa reflexão aponta que o amor é o próprio sentido da vida, o que “faz o mundo se agitar”.

Lara não apenas explora a dimensão pessoal do sofrimento, mas também apresenta uma visão abrangente e cíclica da experiência humana. Mostrando como as pessoas vivenciam ciclos em que dor e amor, tristeza e alegria se entrelaçam ritmicamente, e ao afirmar que é “essa emoção que faz o mundo se agitar”, a compositora revela que os sentimentos opostos são parte inevitável e universal da existência. Por isso, as inquietações emocionais não devem ser vistas como algo negativo, mas como forças que impulsionam a vida e a tornam significativa.

Eu me perdi no canto do meu viver
Sem saber a razão de tanto sofrer
Só quis cantar o amor,
Viver o amor que ataza minha alma
Em uma chama intensa que não se acalma
Hoje falando a sós com meu coração
Sinto que até cheguei perto da razão
É o amor, a pedra mais valiosa
Que pra se lapidar
Necessita carinho
Constante pra ela brilhar
Sentimento profundo a criar
Ansiedade e desejo de querer se dar
Alegria e tristeza e desilusão

E a saudade fazendo uma eterna canção
 E amando quem nunca se perdeu
 Só passou pela vida e não viveu
 Ao deixar esquecida lá no fundo do peito
 Essa emoção que faz o mundo se agitar
 (Lara, 2001).

O samba *Castelo de ilusão* (Lara, 2004) também é considerado uma composição com “caminhos melódicos e versos interessantes” (Nóbile, 2015, 11, ¶ 11). A obra apresenta um ethos melancólico, ou seja, um eu singular que enuncia e expressa um estado de alma profundamente marcado por emoções. Esse eu que sente parece estar em uma encruzilhada, tentando lidar com um sofrimento derivado de uma experiência amorosa desiludida. Ao expor a quebra de expectativas indicada pela oposição entre amor e desilusão, que atravessa toda a letra, o eu enunciador revela não apenas a vulnerabilidade diante do amor, mas também uma potência enquanto sujeito que busca refletir e compreender o que ocorreu. Essa potência se manifesta na tentativa de elaborar os sentimentos desencadeados pela experiência do amor e sua desilusão.

Pode-se dizer que *Castelo de ilusão* (Lara, 2004) não apenas narra um estado de alma, mas também convida o ouvinte a refletir sobre as contradições do amor e o poder humano de compreender, e quem sabe transver e transformar, o sofrimento emocional.

Eu amei com sinceridade
 Meu amor era de verdade
 Sempre sonhei com a felicidade
 Jamais pensei numa desilusão
 Quanto sofri
 Quando vi desmoronar
 O meu castelo de ilusão
 Foi castigo eu não merecia
 Iludiram o meu coração
 Dos amores que eu tanto queria
 Só me restou a saudade
 E decepção
 Mas quanto eu sofri
 (Lara, 2004).

Por meio dos sambas de Dona Ivone Lara, especialmente os que tratam do amor, somos convidados a refletir sobre a urgência de reconhecer situações que permeiam a vida particular humana: as injustiças, desigualdades, sofrimentos, silenciamentos e apagamentos identitários que atravessam não apenas a vida particular, mas a sociedade. Lara abraçou vivamente a sua realidade de vida no samba, e trabalhando criativamente o que via, ouvia, percebia e até sentia, conseguiu transformar as sensações mais diretas em abstrações que dialogam de forma ampla com brasileiras e brasileiros. Lara é uma dessas raras personalidades, descritas por Clarice

Lispector, dotadas da capacidade de se reconhecer no outro e de existir para validar a alteridade no mundo. A riqueza de sua atividade criadora pode ser discutida à luz da perspectiva deweyana.

Ao abordar o papel da emoção no ato expressivo, Dewey (2010, p. 157) explica que ela possui uma força tal que, em vez de se manifestar exatamente como foi vivida na realidade, de forma meramente representativa, tende a estender “seus tentáculos para aquilo que é cognato, para as coisas que a alimentam e a levam à sua conclusão”. Isso significa que somente quando a emoção “se desfaz em fragmentos dispersos”, extraindo “matéria de uma multiplicidade de objetos, numérica e espacialmente separados, organizando uma ‘síntese dos valores pertencentes a todos’”, é possível alcançar a “universalidade” da obra de arte ou do ato expressivo.

Dewey (2010, p. 170) explica que, no começo, “a emoção voa diretamente para seu objeto”, de modo que “o amor tende a cultivar o objeto amado, assim como o ódio tende a destruir a coisa odiada. Mas, na criação, “qualquer dessas emoções pode ser desviada do seu fim direto”. Decompondo-se e reagrupando-se imaginativamente, “a emoção do amor pode buscar e encontrar um material diferente daquele que é diretamente amado, mas que é compatível e cognato por meio da emoção que atrai as coisas para a afinidade”. O material escolhido para novas relações “pode ser qualquer coisa, desde que alimente a emoção”. “Ao consultarmos os poetas”, ilustra Dewey (2010, p. 171), “constatamos que o amor encontra expressão em torrentes impetuosas, em lagos serenos, no suspense que antecede a tempestade, no pássaro equilibrado em seu voo, na estrela longínqua ou na lua inconstante”.

Quando a emoção inicial é transformada e tem sua qualidade alterada, o ato expressivo passa a adquirir uma “natureza nitidamente estética” (Dewey, 2010, p. 170). O amor, a raiva, a injustiça, a dor empática, a estranheza etc., enquanto material da experiência, são trabalhados nas múltiplas manifestações de seu estado; são ordenados e transformados até o alcance de algo emocionalmente gratificante, que é a consumação. A natureza emocional é, portanto, transformada pela entrada em novos relacionamentos, em meio aos quais evoca novas respostas. Isso é possível porque o artista – ou a pessoa que cria – “não se aproxima da paisagem com a mente vazia, mas com uma bagagem de experiências acumuladas desde longa data em capacidades e predileções” (Dewey, 2010, p. 187).

O ato expressivo, não sendo meramente representativo ou imitativo, apresenta “um objeto novo, vivenciado como tendo seu próprio significado singular” (Dewey, 2010, p. 185). Por um lado, “o significado de um objeto expressivo [...] é individualizado”. Por exemplo, um

“estado de tristeza que é retratado” tem “uma habitação local” e não representa “uma depressão desvinculada de tudo” (Dewey, 2010, p. 192). Por outro, a expressão extrai aquilo que o tema tem a dizer à pessoa, “em sua experiência integrada” (Dewey, 2010, p. 195). Assim, toda obra também “se ‘abstrai’, em certa medida, dos traços particulares dos objetos expressados”, remoldando a experiência em direção a uma ordem e união maiores (Dewey, 2010, p. 197).

A temática suprema da pintura de naturezas-mortas é sumamente “realista” – toalhas de mesa, panelas, maçãs, tigelas. Mas uma natureza-morta de Chardin ou Cézanne apresenta esses materiais em termos das relações entre linhas, planos e cores intrinsecamente apreciadas na percepção. Essa reordenação não poderia ocorrer sem uma certa medida de “abstração” da existência física” (Dewey, 2010, p. 197).

Considerando as explicações de Dewey sobre o ato expressivo, é possível compreender por que Dona Ivone Lara fala de amor de forma ampla, relacionando-o a outros sentimentos e provocando reflexões mais abstratas e universais, sem a intenção de representar sua própria vida. Realmente, como Nobile (2015) indica, os sambas de Lara vão além de sentimentos imediatos e pessoais para se tornarem experiências estéticas que dialogam com a vida e com o coletivo.

Esse processo criativo se aproxima do ideário deweyano, pois a expressão artística não se limita a reproduzir o real, mas o transforma, conferindo à experiência uma dimensão mais ampla e significativa. De modo próximo ao exposto no aporte deweyano, Lara, em suas canções, aborda temas como amor, dor e as complexidades da vida de maneira que transcende o pessoal, conectando-se ao coletivo. Ela revela a beleza escondida nas dores, nos amores e nas alegrias da existência, ampliando nossa percepção do mundo e das relações humanas.

A arte, segundo Dewey (2010), nos permite enxergar além das mesmices dos padrões repetitivos, desvelando camadas profundas da realidade. Ela nos possibilita romper com hábitos arraigados e redescobrir novas formas de ver o mundo. Esse poder de transformação está presente na produção de Lara, que reinterpreta criativamente as realidades, convertendo o ordinário em algo extraordinário. Suas canções ressignificam experiências individuais e buscam conectividade com o coletivo, mostrando que a arte é um meio de comunicação, que requer respostas tanto de quem cria quanto de quem aprecia, visando transformar a vida em sua plenitude.

A arte joga fora os véus que escondem a expressividade das coisas vivenciadas; instiga-nos a sair do marasmo da rotina e permite que nos esqueçamos de nós mesmos, descobrindo-nos no prazer de experimentar o mundo à nossa volta, em suas qualidades e formas variadas. Intercepta todos os matizes de expressividade que se encontram nos objetos e os ordena em uma nova experiência de vida (Dewey, 2010, p. 212).

Pacheco (2021, p. 63), ao analisar o samba *Ela é a rainha* (Lara, 2001), exalta o caráter universal que as composições de Lara alcançam, tratando, muitas vezes, “do sofrimento feminino decorrente de um relacionamento amoroso conturbado; ou da mulher desbravadora e forte, que carrega consigo a força de suas ancestrais africanas”.

A canção *Ela é Rainha* (Lara, 2001), interpretada por Dona Ivone Lara, destaca a sambista como um “símbolo da nobreza do Reino do Samba” (Pacheco, 2021, p. 63). De acordo com Pacheco (2021), as vestimentas de Lara refletiam essa imagem de realeza: “saías e vestidos longos, ornamentados com estampas de flores e brilho; o batom sempre presente nos lábios; e os brincos, que se destacavam abaixo do comprimento do cabelo” (Pacheco, 2021, p. 63). Esse cuidado com a aparência transcende a simples estética, funcionando também como uma forma de reafirmar sua identidade e o respeito que ela conquistou dentro do meio cultural (Pacheco, 2021).

A mulher cantada na canção tem sua identidade reconhecida pelo grupo de pessoas que a respeitam; é uma mulher evocada como modelo: “uma artista octogenária”, que “suscitou várias homenagens por suas conquistas, pelo conjunto de sua obra” (Santos, 2010, p. 167-168). O respeito também é evocado como modelo: é preciso respeitar as mulheres, negras, brasileiras, cariocas, plurais etc., até porque o respeito é um ato concreto que pode impulsionar o empoderamento de outras meninas e mulheres (Pacheco, 2021).

É rainha
 É rainha
 É nossa amiga
 E ela não engana ninguém
 É rainha
 É rainha
 É nossa amiga
 E ela não engana ninguém
 Ela é rainha
 Veio do além
 É nossa amiga
 Não engana ninguém
 Com sinceridade
 Todos se dão bem
 Vacilou com ela
 Vai virar refém
 Com sinceridade
 Todos se dão bem
 Vacilou com ela
 Vai virar refém
 É um ditado muito certo
 "Quem vê cara, não vê coração"
 O inimigo está por perto
 E só pensa em confusão
 Se não fosse a rainha

Eu me deixava levar
 Com as histórias de outro mundo
 Que um bicão veio contar
 E é por isso que eu estou
 Mudando meu modo de pensar
 E é por isso que eu estou
 Mudando meu modo de pensar
 (Lara, 2001).

Ao falar sobre a criação, Matisse (1972) diz que o sentimento é primordial; é preciso aprender a sentir e a perceber os sentimentos de forma autêntica e profunda. A partir do encontro com os sentimentos, explica o artista, é necessário explorar e alimentar a imaginação com a ajuda dos elementos retirados do exterior. É preciso, assim, buscar, conectar e ordenar; nesse processo, são indispensáveis liberdade e coragem para ver as coisas como se fosse a primeira vez. Por isso, o artista, na atividade de criação, “é um explorador”. “Que comece por se procurar, por se ver agir. Em seguida, não se force. Sobretudo, não se satisfaça facilmente” (Matisse, 1972, p. 311).

As criações de Dona Ivone Lara, em consonância com as articulações aqui feitas com o ideário deweyano e com a colocação de Matisse, nos inspiram a pensar que o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade criativa implica dar vida a algo que tangencia a realidade, dialoga com realidades amplas e, ao mesmo tempo, traz sempre algo que inexiste, uma vez que traduz experiências, necessidades, pensamentos, desejos etc., de maneiras genuínas. Como indica Matisse, o processo do ato criativo envolve exploração, e, igualmente, tempo, liberdade, coragem e vontade de executar para alcançar um fim que satisfaça plenamente.

Outro aspecto a ser considerado é que os processos envolvidos nas experiências estéticas, em grande parte favorecidos por sua relação profunda com a arte, aguçam o desenvolvimento da consciência. Vale retomar a proposição de Schiller (1989) de que, ao experimentar a beleza em meio a vivências estéticas, o sujeito não apenas sente, mas tem sua percepção e capacidade de discernimento mais ativadas. Na atividade criativa da fruição ou no ato próprio de criação, os encontros com o belo também podem ser pontes para a imaginação e, enfim, para a promoção da consciência e da reflexão.

Greene (1995, p. 19) aborda a importância da imaginação como instrumento para expandir a percepção e a compreensão da realidade. Greene mostra que a capacidade de imaginar significa desenvolver a habilidade de ver as coisas de maneiras diferentes, além do que parece estar estabelecido. A imaginação, para Greene, é uma maneira de romper com a realidade estática: “é enxergar além do que o imaginador chamou de normal ou ‘senso-comum’ e criar novas ordens na experiência”, permitindo uma reconfiguração da realidade.

Indo para a última parte da conversa imaginativa com Dona Ivone Lara, que vimos tramando nesta dissertação com o objetivo de pensar a educação, gostamos da ideia de aventar que Lara recorreria a Crick (2019) para afirmar que, para o professor/educador humanista, dar poder aos estudantes significaria investir em uma educação estética com o objetivo de ampliar a capacidade criativa dos indivíduos, de modo que pudessem reconhecer, cultivar e concretizar potencialidades humanas dentro de um ambiente comunicativo pluralista, que equilibra a diferença com a cooperação.

Retomando o que foi dito anteriormente, Lara deixaria evidente a indispensabilidade da experiência estética, pois, conforme indica Matisse, sobre as ilustrações que fez para os poemas de Charles d'Orléans, “não, não é pura imaginação”; para “compor”, o artista buscou inspiração em personagens da família do poeta, folheou velhas histórias da França, reviu reproduções de quadros, analisou fotografias, estudou de maneira sensível as ilustrações que Baudelaire fez para Edgar Poe (Matisse, 1972, p. 223).

Lara nos lembraria, então, que os estudantes têm mais possibilidades de envolverem-se na criação – de ideias, conceitos, gestos, expressões, produtos artísticos –, assim como na atividade de fruição, à medida que participarem de experiências com qualidades estéticas, que favorecem a escuta, o olhar, o tato, o movimento, a sensação, em meio a um jogo lúdico que, além de mobilizar emoções, estimula a curiosidade, a exploração, a intuição, ativando, inclusive, entendimentos.

Dewey (2010, p. 136) argumenta que “é preciso aprendizado para enxergar através de um microscópio ou um telescópio, ou para ver uma paisagem tal como um geólogo a vê”. De modo semelhante, entender que a percepção estética, a capacidade de fruição ou a atividade de criação “é assunto de momentos ocasionais é uma das razões para o atraso das artes entre nós”. Considerando que o universo de cada artista envolve poéticas, estéticas, plásticas, sonoridades, expressões, conceituações, lutas, entre outros aspectos específicos, o estudo dos artistas, bem como de suas escolhas, vinculações e produções, pode ser um meio profícuo para a proposição de experiências estéticas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da capacidade de fruição e de criação.

Pensemos, por exemplo, no caso do universo de Dona Ivone Lara. Sua biografia pode ser motivo para leituras, contação de histórias e pesquisas sobre as realidades e necessidades de um tempo e lugar. As poesias de suas canções, mesmo as compostas em parceria com outros artistas, podem sugerir debates sobre temas sensíveis que influenciam a formação do gosto e da preferência, fomentando, assim, a formação humanista. Jogos musicais podem aproximar os

educandos do campo específico da música, inclusive propiciando momentos de apreciação estética. Aliás, a vivência da apreciação e da fruição pode integrar diferentes linguagens: fotografias, como as de paisagens do tempo de Lara ou atuais; obras visuais em geral, trazendo artistas que abordam temas que, de alguma forma, dialogam com o universo de Lara; músicas e danças que remetam ao samba, ao jongo ou a outros ritmos tradicionais afro-brasileiros, como um convite à experiência corporal, à memória cultural e ao diálogo entre gerações. Educandos podem se envolver em atividades de criação, como desenhos, poesias, pinturas, fotografias e, especialmente, músicas, mesmo que produzidas em jogos de improviso ou em oficinas coletivas que valorizem o processo criativo e colaborativo.

Ajustando ainda mais o foco no tema da atividade criativa, as obras de Lara nos ensinam – e, provavelmente, essa seria uma boa dica da artista em uma conversa sobre educação – que a expressão composta pelos educandos, construída com tempo, sem imposições, mas com dedicação, por estar intrinsecamente ligada a experiências estéticas, não tem como objetivo atender às expectativas dos professores ou educadores. Além disso, nem sempre estará diretamente vinculada a temas estudados ou apreciados. Considerando o movimento criativo de Dona Ivone Lara e os diálogos com os aportes teóricos, infere-se que a atitude criativa implica, necessariamente, a transformação e a resignificação dos sentimentos em seus estados originais, abrindo espaço para a liberdade de imaginação e a conexão entre imagens, memórias, paixões, saberes e outros elementos, o que dará origem a uma expressão autêntica.

Dona Ivone Lara, a exemplo de *Ela é Rainha* (Lara, 2001), ao apresentar a sua existência, também se pronuncia sobre coletivos de mulheres e sobre os modos sociais de reconhecer e empoderar a mulher brasileira, especialmente aquelas que vivem à margem dos valores e estéticas considerados hegemônicos. Talvez não seja exagero dizer que a realeza de Lara reside na sua capacidade de transitar, por meio de suas criações, do particular ao universal e vice-versa, entoando a humanidade em suas necessidades, nos delicados equilíbrios que envolvem alegrias e dores, e nos processos de empoderamento, muitas vezes silenciados por forças ligadas a ideais quantitativos, economicistas, separatistas, intolerantes e hostis, que não promovem a continuidade da vida.

Que nos espaços escolares e educação social, por meio de experiências estéticas, os educandos possam ser ajudados a terem uma atitude criativa cheia de ousadias e encontros, tal como indica a canção do grupo musical Tukum (2019), cheia de ousadias e encontros; em outras palavras, que meninos e meninas se tornem “ciganos do espaço” ou “poeira cósmica”, “viajando

por planetas”, pois é “escutando histórias e aprendendo um tanto, por diversos mundos”, que “nos espalhamos” (Tukum, 2019).

O amor e o empoderamento, assim como tantas outras emoções e sentimentos despertados pelas experiências estéticas, revelam sua força transformadora quando atravessados pela atividade criativa que une o particular ao universal. Nos versos de Flaira Ferro em *Asas N’Alma* (2023), essa conexão ganha expressão poética. A canção convida mulheres – e a todos nós – a romper com as “teias” que nos “enredaram”, e, assim, nos encoraja: “Canta, dança, corra, mova, ao som de Bach ou Lia de Itamaracá”, pois “Mulher de asas na alma voa. Mulher de alma nas asas voa”.

No movimento estético, as limitações podem ser ressignificadas como potência criadora: “Fique onde quiser ficar. Voe se quiser voar. Pouse se quiser pousar. Mariposa transforma” (Ferro, 2023). A metáfora da mariposa reforça a vivência de estados de liberdade, metamorfose e autonomia, oriundos do poder criativo capaz de transformar vidas e sentimentos. Nas escolas e nos espaços de educação social, Dona Ivone Lara – no encerramento de uma conversa imaginária – poderia nos dizer que a educação estética se conecta à atitude criadora, tornando os educandos tal como mariposas. Vivendo a liberdade mediada pela experiência estética – que, por sua essência, é uma ponte para a reflexão –, a transformação almejada pelos educandos seria a de traçar caminhos que promovam a continuidade da humanização, garantindo direitos políticos que assegurem a dignidade na pluralidade.

Considerações finais

Iniciei a introdução desta dissertação apresentando a minha trajetória. Peço licença, nesta parte final do trabalho, para compartilhar, primeiramente, o processo vivido durante a pesquisa. Posso dizer que experimentei momentos em que o prazer no estudo, na descoberta e na sistematização ocorreu de maneira mais fluida. Refiro-me, especialmente, aos estudos e à organização dos dados sobre a biografia de Dona Ivone Lara, ao conhecimento de sua obra e à apreciação de seus sambas. Trabalhar com sua biografia, realizar o levantamento bibliográfico, identificar e ordenar suas composições foi um processo enriquecedor, que não apenas ampliou meu repertório acadêmico, mas também tocou na minha sensibilidade.

Fiquei impressionada ao perceber que Dona Ivone Lara não brilhou apenas na música brasileira, mas também foi uma pioneira em outros campos da sociedade, quebrando barreiras e abrindo caminhos para outras mulheres. Seu legado humano me sensibilizou profundamente.

Ao analisar as músicas de Dona Ivone Lara, pude refletir mais profundamente sobre o poder da arte para impulsionar relações humanizadas. Ela foi magistral ao utilizar a arte para sensibilizar sobre questões cotidianas, e, ainda, para abordar temas sociais, culturais e políticos. Cada composição se revelou uma verdadeira expressão da arte de transver o mundo: um ato de resistência e uma busca por dignidade, representando um marco na história do samba e da música popular brasileira.

Mas, ao longo do processo, também enfrentei diversos desafios que exigiram muito de mim, especialmente na escrita e nas mudanças quanto à metodologia adotada. Houve um período em que me vi completamente bloqueada: não conseguia avançar, minhas ideias pareciam dispersas e a escrita, estagnada. A pressão do prazo se aproximando tornava a situação ainda mais angustiante, alimentando um ciclo de ansiedade que dificultava ainda mais o ato de escrever. Esse foi um dos momentos mais difíceis, pois me senti paralisada, sem saber como organizar os pensamentos e dar continuidade ao trabalho.

Penso que minha relação com o método de trabalho foi, ao mesmo tempo, a mais desafiadora, intrigante e envolvente, embora repleta de percalços. Deixar de lado as análises das canções de Dona Ivone Lara em parceria com outros artistas para focar, substancialmente, nas composições solo de Lara, separar as canções escolhidas por temáticas e realizar as análises a partir de um recorte específico foi, como diria Miró (2017, p. 41), uma verdadeira “luta”. Mais provocativo ainda foi pensar em um movimento de análise das canções que não buscasse colocar palavras na boca de Dona Ivone Lara que ela não tivesse dito, evidenciando na pesquisa

que as reflexões apresentadas eram nossas, inspiradas nas poesias e nos dados biográficos da artista. Desafios, provocações, lutas, coordenação de energias e formulação de um propósito: a realização de um trabalho que falasse sobre educação em meio a um diálogo sensível com uma artista, uma mulher negra potente e inspiradora. Esse foi o processo que eu vivi; posso nomeá-lo como um processo com qualidades estéticas.

Nessa etapa de finalização do trabalho, entendo que, em alguma medida, buscamos atender recomendações recebidas no período da qualificação, como na escolha das canções analisadas, fundamentadas em critérios mais justificados cientificamente, e na elaboração de um texto que integrasse melhor a vida e a obra de Dona Ivone Lara, já trazendo discussões no campo da educação. No entanto, também temos a sensação e a consciência de que o trabalho apresenta faltas e lacunas. Ainda imersos no cansaço da finalização, percebemos que aprofundamentos teóricos poderiam ter sido desenvolvidos com mais detalhes e calma. O mesmo vale para as aproximações com o campo da educação: quantas reflexões surgiram, quantas discussões realizamos, mas nem todas conseguimos expressar e sistematizar no papel.

Havia, em mim, o receio de me prender a um círculo de explicações semelhantes, o que, por um período, gerou um bloqueio que dificultou a organização das ideias e o desenvolvimento das análises. Tentei ser cuidadosa para evitar repetições excessivas. Não sei se conseguimos... Ouvir as avaliações de outras pessoas e realizar leituras posteriores do trabalho, após um tempo para uma metanálise, nos ajudarão a compreender melhor essa questão. Na realidade, ainda buscamos entender com mais precisão o potencial das análises de obras — canções, produções plásticas e visuais —, especialmente em termos metodológicos, para pensar a educação.

Quanto ao objetivo geral da pesquisa, vale retomar que consistia em examinar a vida e as letras das canções de Dona Ivone Lara para visibilizar posicionamentos que contribuíssem para a compreensão da educação estética e da atitude criativa no contexto educacional. Ao responder ao objetivo do estudo, verificamos que a pesquisa desenvolvida nos ajuda a compreender que a educação estética:

(i) desenvolve-se na participação ativa dos sujeitos — os estudantes — em experiências com qualidades estéticas;

(ii) não pode ser dissociada das situações cotidianas da vida, pois momentos sensíveis nas instituições educativas, como festas, brincadeiras, histórias, interações e convivências acolhedoras, além de vivências com variadas linguagens, constituem vias indispensáveis para a experiência estética;

(iii) envolve a participação dos sujeitos em processos que possibilitam a identificação da beleza. Em outras palavras, na situação educacional, os educandos precisam de momentos em que o sentimento vivido remeta à ideia de beleza, proporcionando uma suspensão das preocupações e angústias do dia a dia. Embora não possamos nos afastar dos desafios da vida, a vivência do belo, em suas diversas manifestações — inclusive nos detalhes e diálogos do cotidiano —, é essencial para que o indivíduo possa imaginar novas possibilidades para si e para o mundo. Nesse sentido, se considerarmos, inclusive, a motivação do estudante para continuar suas atividades na escola ou em outros espaços educativos, viver o belo, criar intuições e imaginar cenários é indispensável, pois é o que sustentará os esforços;

(iv) a arte constitui a experiência mais profícua para abrir portas à vivência estética e para estimular a formação de sujeitos conscientes, éticos e humanizados. Isso não significa que a arte deva ser didatizada ou reduzida a uma ferramenta utilitária para fins externos às suas próprias linguagens. Pelo contrário, a arte, justamente por nos deslocar das lógicas estabelecidas, impulsiona a vontade de debater, refletir e construir coletivamente propósitos para a continuidade da vida pessoal e coletiva.

Ainda no esforço de responder ao objetivo geral, no que diz respeito à atitude criativa, a pesquisa nos permite perceber que a imaginação e a criatividade se fortalecem quando as emoções e paixões são trabalhadas, expressas, sentidas e amplamente reconhecidas. Isso significa que o ato criativo tem suas raízes na experiência e no que a sensibilidade do sujeito capta e valoriza a partir de seus gostos formados. No entanto, a criatividade é potencializada quando a emoção primária, mais próxima da vivência imediata, dialoga com outras experiências e vozes da humanidade, permitindo que sejam ressignificadas e reorganizadas em um produto concreto ou ideacional singular e autêntico.

Para isso, nas escolas e nos espaços de educação social, é essencial compreender a criação como um processo que demanda experiência, repertório, calma, tempo e diálogo. As expectativas em relação à criatividade devem considerar o movimento complexo e maravilhoso que entrelaça o particular e o universal.

Conforme Corrêa e Ostetto (2018), formar pedagogos para a arte de ensinar implica inseri-los em formações estéticas, que podem ser desenvolvidas, sobretudo, por meio de vivências artísticas. A arte afeta e humaniza; quando os professores são impactados por ela e se apropriam dessa dimensão da humanidade, tornam-se mais sensíveis, atentos e capazes de ressignificar as singularidades, o cotidiano, as relações afetivas, os saberes e fazeres dos

estudantes, bem como as experiências e os conhecimentos que precisam ser promovidos nas instituições escolares.

Nas formações continuadas de professores e educadores sociais, talvez um bom caminho fosse, para além do estudo de conteúdos — fundamentais, pois só podemos ensinar aquilo que apropriamos e vivenciamos em suas funções sociais —, a realização de experiências com arte e artistas. Talvez pudéssemos percorrer com os professores e educadores sociais processos parecidos aos vividos nessa pesquisa: conhecer trajetórias, biografias e autobiografias, promovendo debates sobre experiências, poéticas, estéticas, posicionamentos e necessidades expressas pelos artistas; analisar obras, identificando escolhas, temas e ideias, e tecendo diálogos que permitam compreender o que essas produções nos levam a refletir no campo da educação.

A partir disso, podem emergir intuições, compreensões, emoções e percepções a serem trabalhadas, à luz da teoria, em outros momentos formativos. De mãos dadas com artistas, os profissionais da educação podem ter a oportunidade de formular propósitos singulares e autênticos, tanto para seus próprios estudos quanto para a comunidade escolar ou para os espaços de educação social, impactando significativamente, e de maneira bela, a trajetória dos educandos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ataulfo. **Leva o meu samba**. Columbia/Sony Music, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rVg4fxIcRA8>. Acesso em: 22.jul.2024.

ALVES, Ataulfo; GESTA, Paulo. **Na cadência**. Columbia/Sony Music, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rVg4fxIcRA8>. Acesso em: 22.jul.2024.

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes; MERCADO, Aline Cristine Androlage; FERREIRA, Karen Carolynne Oliveira. Brincando com Agripino: experiências estéticas e arte em uma creche de Corumbá/MS. In: RÜCKERT, Fabiano Quadros; MOREIRA, Natalia Claro. **Pensando a cidade: Corumbá em perspectiva interdisciplinar**. Campo Grande: Life, 2020.

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de; CUNHA, Marcus Vinicius. A contribuição de John Dewey ao ensino da arte no Brasil. **Espacio, Tiempo y Educacion**, v. 3, n. 2, p. 301-319, 2016.

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de; SANTANA, Kariny Pereira. Experiência estética e expressividade na creche. **Revista Cocar**, v. 14, n.29, p. 153-172, maio/ago. 2020.

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de.; COFFACCI, Enmilly da Costa. O discurso de Joan Miró sobre a criação: contribuições para a formação de professores. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. x, n., p. 1-22. 2022.

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de; CUNHA, Marcus Vinicius. O discurso Psicológico de John Dewey. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n.53, abr-jun. 2013.

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de; CUNHA, Marcus Vinicius; VIRUEZ, Tatiana Cristina Santana. The Genesis of Aesthetic Sensitivity in Carolina de Jesus: Challenges for Educators. **Studies in Philosophy and Education**, v. 43, p. 289-304, 2024.

BALANCIERI, Silmara Cristina Nery de Freitas. As experiências de artistas de Corumbá/MS e a formação estética nos espaços escolares. **Dissertação** (mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, p. 9-70, 2023.

BARBADO, Adilson; PORTELA, Jorge. **Sorriso negro**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/sorriso-negro/>. Acesso em: 22.jul.2024.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo**. Editora Objetiva LTDA, 2015.

BEM-TE-VI, Carlinhos. **Sambas de terreiro** (Prazer da serrinha). WEA, 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/sambas-de-terreiro-prazer-da-serrinha/>. Acesso em: 22.jul.2024.

BRITO, Lucianna Souza Furtado. Cantando e escutando amores: as obras intelectuais de Dona Ivone Lara e de Leci Brandão sobre relações afetivos-sexuais. **Tese** (Doutorado em Comunicação social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 12-241, 2023.

CABORÉ; Onofre; FILHO, Heitor dos Prazeres. **Lamento negro**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1922135/>. Acesso em: 22.jul.2024.

CAETANO, Antonio. Quando a Maré. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1286268/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

CARVALHO, Delcio; LARA, Dona Ivone. **Derradeira melodia**. Independente, 2010. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=xJ_hDuMnDIY>. Acesso em: 30. jan.2025.

CARVALHO, Marina Maria Pereira de; ANDRADE, Erika Natacha Fernandes. **O Poetry Slam e a Poetização do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil**. In: NONO, Maévi Anabel; SOUZA, Tatiana Noronha de (Orgs). Pesquisas em educação Infantil (recursos eletrônicos). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

CASTRO, Bruno; LARA, Dona Ivone; LARA, André. **O Preá/Luta Imperiana**. Radar Records, 2012. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=1AqtQnrMMe4>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

COFFACCI, Enmilly da Costa.; ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de. A criação na formação do pedagogo. Por que estudar Joan Miró? In: IV Congresso de educação do CPAN, 4. Semana integrada graduação e pós-graduação do CPAN, 3. 2019, Corumbá. **Anais [...]** Corumbá: UFMS, 2019. v. 1, p. 1-13. Disponível em: <https://bit.ly/2XIUrQs>. Acesso em: 20 set. 2019.

COFFACCI, Enmilly da Costa; ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de. A voz de Dona Ivone Lara nos fundamentos da Educação. **(no prelo)**. In: 31º Congresso de Educação do Sudoeste Goiano – CONADE 2024, Jataí, 2024.

COSTA, Ana Paola Laerber. A representatividade Feminina e o Éthos Melancólico no Samba “Nasci pra sonhar e cantar” de Dona Ivone Lara. **Raído**, Dourados, v. 15, n.38, p. 205-217, mai/ago 2021.

CUNHA, Marcus Vinicius; GARCIA, Débora Cristina. A apropriação de John Dewey na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1964). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 90, n. 224, p. 176-203, jan./abr. 2009.

CRICK, Nathan. **Dewey for a new age of fascism**: teaching democratic habits. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2019.

CORRÊA, Carla Andréia; OSTTETO, Luciana Esmeralda. Sobre Formação Estética e docência: as professoras de Educação Infantil desejam mais arte! **Laplage em Revista**. (Sorocaba), v. 4, n. especial, p. 23-37, 2018.

CRUZ, Arlindo; DIAS, Neoci; PAGODINHO, Zeca. **Pra Você Volta**. Som livre, 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/pra-voce-voltar/>. Acesso em: 22.jul.2024.

CRUZ, Arlindo; SOMBRINHA. **Canto da Rainha**. Universal music, 2009. Disponível em <https://www.letras.mus.br/beth-carvalho/890136/>. Acesso em: 22.jul.2024.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. **Experience and education**. Indianapolis: Kappa Delta Pi, 1998.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1976.

Dewey, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação (G. Rangel & A. Teixeira Trad., 3 ed.). Nacional, 1959.

Ética a Nicômaco. Tradução Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2007.

FERNANDES, Cerboncini Dmitri. A Rainha Quelé: raízes do samba empretecimento do samba. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 63, n.2, p. 131-160, jul./dez. 2015.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação e Sociedade**, ano XXIII, nº 79, agosto/2002.

FERRO, Flaira. **Asas N’ Alma**, 2023. Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=qprJCFpY4aM>>. Acesso em: 29. jan. 2025.

FERRO, Flaira. **Germinar**, 2019. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=0Vu6THzEgJw>. Acessar em: 30. jan. 2025.

FULEIRO; COELHO, Delfino. **Vejo em teus lábios risos**. WEA, 1982. Disponível em:
<https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1922137/>. Acesso em: 22.jul.2024.

FULEIRO. **Por querer liberdade**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em <
<https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/por-querer-liberdade/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, Nilson. Já chegou quem faltava. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: <
<https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1285885/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

GREENE, Maxine. **Releasing the Imagination**: Essays on education, the arts, and social change/Maxine Greene, 1995.

IMPÉRIO, Fabrício do; GEORGE, Paulo. **O samba não pode parar**. WEA, 1981.
Disponível em< <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/o-samba-nao-pode-parar/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

IMPÉRIO, Penteado do. **Vem ouvir**. Som livre, 1985. Disponível em:
<https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/vem-ouvir/>. Acesso em: 22.jul.2024.

ITAÚ CULTURAL. Dona Ivone Lara. Disponível em:
<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/dona-ivone-lara/cantei-so-pra-distrair/>. Acesso em: 02. jul.2024.

LAMPERT, Jocie. **Sobre ser artista professor**. In: LAMPERT, Jocie (Org). Sobre ser artista professor. Florianópolis: Udesc, 2016. p. 9-14.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Muro das lamentações**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=08jAhbs8n2c>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Sombras na parede**. Radar Records, 2012. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Y-2uke7yTVo>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Adeus ao senhor da razão**. Radar Records, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Brd7yNu2n2Q>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Destino**. Sony music, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=M-dWyjXmmsg>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Escravo da Dor**. Sony music, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Qn5bbXE99Xw>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Sagrado Lugar**. Sony music, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=glXNn-w68G8>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Esbanjando a alegria**. Sony music, 2010. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=wH7C2rJ_6Ks>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Um grande Sonho**. Sony music, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GJSjqduQiNM>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio; CASTRO, Bruno. **Noite de magia**. Sony music, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LbkjWwJ7Zx0>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Investida fatal**. Sony music, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bk9suB3lhbs>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Dia de samba no Bonfim**. Radar Records, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8kltJMBBgJs>>. Acesso em: 30.jan.2025.

LARA, Dona Ivone; NOGUEIRA, Diogo; CIRANINHO; CASTRO, Bruno. **Império e Portela**. Radar Records, 2012. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kVvwRqwHkmg>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Não é miragem**. Radar Records, 2012. Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=NqRIPCqsvf0>>. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno; IMPÉRIO, Luiz do. **A menina e o tempo**. Radar Records, 2012. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=nC-4TxiGq64> >. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Divina Missão**. Sony music, 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Jt4F6qQujBQ>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Canção em Madrigais**. Sony music, 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KbnDNLnZV1Q>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno; VERDE, Mauricio. **No coração de Madureira**, Sony music, 2010. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=mddDyLIvq68> >. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Convicção tardia**. Sony music, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=C6YDGE9XR0> >. Acesso em: 30. jan. 2025.

LARA, Dona Ivone; PAULO; PINHEIRO, César. **Bodas de ouro**. Columbia/Sony Music, 1998. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/bodas-de-ouro/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno; VERDE, Mauricio. **Na própria palma**. Lusáfrica, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/993924/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **A cigana**. Lusáfrica, 2004. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/993933/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Não chora neném**. Columbia/Sony Music, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2PLKlxjzdKQ>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Candeeiro de vovó**. Columbia/Sony Music, 1998. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/710081/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Hermínio Bello de. **Mas quem disse que eu te esqueço**. Columbia/Sony Music, 1998. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/45563/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; VELOSO, Caetano. **Força da imaginação**. Columbia/Sony Music, 1998. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/forca-da-imaginacao/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; ARAGÃO, Jorge; CÔRREA, David. **Enredo do meu samba/Mel da boca**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/enredo-do-meu-samba-mel-da-boca-medley-part-almir-guineto/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Coração por que choras?**. WEA, 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1146746/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Meu samba é luz, é céu e mar**. Som livre, 1985. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/meu-samba-e-luz-e-ceu-e-mar/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Nos Combates Desta Vida**. Som livre, 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/nos-combates-desta-vida/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; ARAGÃO, Jorge. **Carlos Drummond de Andrade (E agora José)**. Som livre, 1985. Disponível em: <https://viladeutopia.com.br/26165-2/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; HORA, Rildo. **Menino Brasileiro**. Som livre, 1985. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/837596/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; VIOLA, Mano Décio da. **Sem Cavaco, não**. Som livre, 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/45565/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Doces Recordações**. Som livre, 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/924239/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Rainha Quelé**. Som livre, 1985. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/rainha-quele/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CRUZ, Arlindo. **Não fique a se torturar**. Som livre, 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arlindo-cruz/567197/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; SANTOS, Hélio dos. **Resignação**. Som livre, 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/resignacao-2/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Nasci pra sonhar e cantar**. WEA. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/nasci-pra-sonhar-e-cantar/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Seria Guiomar**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/392049/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **De braços com a felicidade**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1728081/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Alguém me avisou**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/45561/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Hermínio Bello. **Unhas**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/unhas/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Me deixa ficar**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1751370/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Nunca mais**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1293374/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Em cada canto uma esperança**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1285885/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Nas sombras da vida**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/nas-sombras-da-vida/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Samba, minha raiz**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/samba-minha-raiz/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Andei para Curimá**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/45562/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Espelho da vida**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/924240/>. Acesso em: 22.jul.2024. DONA,

LARA, Dona Ivone. **Minha verdade**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/924241/>. Acesso em: 22. jul. 2024.

LARA, Dona Ivone. **Com ele é assim**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1751369/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **LP Sorriso de Criança**. EMI-Odeon. 1978. Disponível em: <https://immub.org/album/samba-minha-verdade-samba-minha-raiz>. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **LP Sorriso de criança**. EMI-Odeon. 1979. Disponível em <https://immub.org/album/sorriso-de-crianca>. Acesso em:02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **LP Sorriso negro**. WEA. 1981. Disponível em: <https://immub.org/album/sorriso-negro>. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **LP/CD Alegria da minha gente** (Serra dos meus sonhos). 1982. Disponível em <https://immub.org/album/alegria-minha-gente-serra-dos-meus-sonhos-dourados>. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **LP Ivone Lara**. Som Livre. 1985. Disponível em: <https://immub.org/album/ivone-lara>. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **CD Bodas de Ouro**. Columbia/Sony Music. 1999. Disponível em: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/bodas-de-ouro>. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **CD Nasci pra sonhar e cantar**. Lusafrika. 2001. Disponível em https://www.discogs.com/pt_BR/release/5564574-Dona-Ivone-Lara-Nasci-Pra-Sonhar-E-Cantar. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **CD Sempre a cantar**. Lusafrica. 2004. Disponível em: <https://immub.org/album/sempre-a-cantar>. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **CD Canto da Rainha**. Universal Music. 2009. Disponível em: [https://www.google.com/search?sca_esv=51ee16a319c01a23&q=DISCO+9+%E2%80%93+CANTO+DE+RAINHA+\(2009\)](https://www.google.com/search?sca_esv=51ee16a319c01a23&q=DISCO+9+%E2%80%93+CANTO+DE+RAINHA+(2009)). Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **CD Nas escritas da vida**. Sony Music. 2010. Disponível em https://www.discogs.com/pt_BR/release/9897980-Dona-Ivone-Lara-Bruno-Castro-Nas-Escritas-Da-Vida. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **CD Bodas de coral no samba brasileiro**. Independente. 2010. Disponível em: < <https://immub.org/album/bodas-de-coral-no-samba-brasileiro>>. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **CD Baú da Dona Ivone**. Radar Records. 2012. Disponível em: <https://immub.org/album/bau-da-dona-ivone-1>. Acesso em: 02.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Aprendi a sofrer**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/aprendi-a-sofrer/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Sorriso de criança**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/45567/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Adeus a solidão**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1300521/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **O meu amor tem preço**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/o-meu-amor-tem-preco/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Quisera**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1285757/>>. Acesso 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Sonho meu**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/45566/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Liberdade**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1299950/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Acreditar**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/169360/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Confesso**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1767316/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; OLIVEIRA, Silas de; BACALHAU, Antônio. **Os cinco bailes da história do Rio**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/imperio-serrano-rj/473141/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Meu fim de carnaval não foi ruim**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/meu-fim-de-carnaval-nao-foi-ruim/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; ARAGÃO, Jorge. **Tendência**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/489906/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Axé de Ianga** (Pai Maior). WEA, 1981. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/axe-de-inga-pai-maior/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Roda de Samba pra Salvador**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/samba-de-roda-pra-salvador-nao-chora-meu-bem/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; SOMBRINHA. **Receio o amor**. Lusáfrica, 2004. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/993949/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **Vem novamente**. Lusáfrica, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/993950/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Nas escritas da vida**. Universal music, 2009. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/nas-escritas-da-vida/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Preá comeu**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1729574/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **A força do Criador**. Lusáfrica, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/993943/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CASTRO, Bruno. **Luz da Paz**. Lusáfrica, 2004. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/837595/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; HORA, Rildo. **Coração apaixonado**. Lusáfrica, 2004. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/993945/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone. **Castelo de Ilusão**. Lusáfrica, 2004. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/993947/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Delcio. **O trovador**. Lusáfrica, 2004. Disponível em <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/993948/>. Acesso em: 22.jul.2024.

LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; FARIAIS, Magnos Nunes; MARTINS, Sofia. Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devi-negro da história da profissão. **Cadernos brasileiros de terapia ocupacional**, 29, e2117, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. Editora Rocco LTDA. Rio de Janeiro-RJ, 2018.

LOPONTE, Luciana. Gruppelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 429-452, abr.-jun., 2017.

MARTINS, Zilda; AZEVEDO, Lídia Michelle; SILVA, Renata Nascimento da. Dona Ivone Lara vive: Redes sociais e luta política. **Contemporânea/Comunicação e Cultura**, v. 19, n.03, p. 213-228, set-dez 2021.

MATISSE, Henri. **Escritos e reflexões sobre arte**. Tradução Maria Teresa Tendeiro. Editora Ulisseia, 1972.

MIRÓ, Joan. **Miró: I work like a gardener**. New York: Princeton Architetural, 2017.

MOREIRA, Wilson; LOPES, Nei. **Uma rosa pro Cartola**. WEA, 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1922138/>. Acesso em: 22.jul.2024.

MOCIDADE, Paulinho; BRINJELA, Jurandir. **Se o caminho é meu**. Som livre, 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/se-o-caminho-e-meu/>. Acesso em: 22.jul.2024.

NASCIMENTO, Elena Barbosa; CUNHA, Marcus Vinicius da. Experimento de pensamento retórica e educação. **Revista em Educação em Questão**, Natal, v. 62, n. 74, p. 1-23, 2024.

NOBILE, Lucas. **Dona Ivone Lara a primeira-dama do Samba**. Copyright. Sonora Editora 1ª Edição - 2015.

OLIVEIRA, Silas de; SANT'ANA, Joacyr. **Chapadão de Gloria**. EMI-Odeon, São Paulo, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/169361/> >. Acesso em: 22.jul.2024.

OLIVEIRA, Silas de; VIOLA, Mano Décio da. **O império tocou reunir**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/o-imperio-tocou-reunir/>. Acesso em: 22. jul. 2024.

PADILHA, Maria Itaria; PERES, Angélica de Almeida; APERIBENSE, Pacita Geovanna de Souza. Dona Yvone Lara e o compasso entre arte e a ciência. **Escola Anna Nery**, 26, 2022.

PARE, Selma Gonçalves; ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de; BATISTA, Tatiana da Silva Ramos. Problematizando a cultura escolar a partir do discurso de Paul Klee sobre a criação. In: RUCKERT, Fabiano Quadros; MARIANO, Jorge Luis Mazzeo. **Cultura escolar em perspectiva democrática: saberes e práticas**. Campo Grande/MS: Editora UFMS, p. 162-182,2022.

PARE, Selma. Gonçalves; ANDRADE, Erika, Natacha Fernandes de. Experiências de Paul Klee: contribuições para a educação. In: IV Congresso de educação do CPAN, 4. Semana integrada graduação e pós-graduação do CPAN, 3. 2019, Corumbá. **Anais [...]** Corumbá: UFMS, 2019. v.1, p. 1-14.

PELADO, Tião. **Adeus de um poeta**. WEA, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/adeus-de-um-poeta/>. Acesso em: 22.jul.2024.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 –

Coleção temas & Educação.

RECHETNICOU, Mirian Marques. A, B, C, D do samba: Construção de identidade vocal no samba – papel das cantoras Alcione, Beth, Clara Nunes e Dona Ivone Lara. **Dissertação** (Mestrado em Música) – Instituto de Artes/departamento de música, Universidade de Brasília, p. 1-114, 2018.

SANTOS, Hélio dos. **Cantei só pra distrair**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1922141/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

SANTOS, Hélio dos; SILVA, Rubens da. **Prazer da Serrinha**. EMI-Odeon, 1978. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/prazer-da-serrinha/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

SANTOS, Kátia. **Ivone Lara**. A dona da melodia. Coleção personalidades negras. Rio de Janeiro: Garamond LTDA, 2010.

SCHEFFER, Graziela. Serviço social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional. **Serviço Social e Sociedade**, n.127, p. 476-495, set/dez. 2016.

SCHILLER, Friedrich. **A Educação estética do homem**. Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki, Editora Iluminuras LTDA, 1989.

SILVA, Jonathan. **Samba da utopia**. Gravadora: Tratore, 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KDXX7m3iBzc>>. Acesso em: 29.jan.2025.

SILVA, Maria Verônica da. Dona Ivone Lara: reminiscências de um canto feminino negro. **Dissertação** (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, centro de Educação e Humanidades Instituto de Letras, p. 12-144, 2023.

SILVA, Tatiane da; CAZULA, Isabela Martins; CUNHA, Marcus Vinicius da. O drama como recurso educativo em Jonh Dewey: imagine!. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v.10, n.2, p.218-229, 2024.

SIQUEIRA, Juliano. Os Escritos de Peciari: notas sobre arte e pedagogia no atelier do **Mestre**. **Revista Apotheke**, Florianópolis, ano 3, v. 6, n. 1, p. 166-189, jul. 2017.

TOQUINHO. **O Caderno**. 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x82gV2JM6Mw>>. Acesso em: 28. fev. 2025.

TUKUM. **Ciganos do espaço**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n8eNM4IxZDg>. Acesso em: 29. jan. 2025.

VIOLA, Mano Décio da; MARTINS, Abílio. **Amar como eu amei**. EMI-Odeon, 1979. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/1285526/>>. Acesso em: 22.jul.2024.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ALBÚNS DE DONA IVONE LARA

Disco 1. Samba, Minha Verdade, Samba, Minha Raiz – 1978

Samba minha verdade, Samba minha raiz é o primeiro álbum solo, com 12 músicas – lançado em 1978, pela gravadora EMI-Odeon:

Música	Ano	Composição	Gravadora
Minha verdade	1978	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	EMI-Odeon
O império tocou reunir	1978	Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola	EMI-Odeon
Com ele é assim	1978	Dona Ivone Lara	EMI-Odeon
Espelho da vida	1978	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	EMI-Odeon
Já chegou quem faltava	1978	Nilson Gonçalves	EMI-Odeon
Em cada canto uma Esperança	1978	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	EMI-Odeon
Samba, minha Raiz	1978	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	EMI-Odeon
Andei para Curimá	1978	Dona Ivone Lara	EMI-Odeon
Quando a Maré	1978	Antonio Caetano	EMI-Odeon
Nas sombras da vida	1978	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	EMI-Odeon
Prazer da Serrinha	1978	Hélio dos Santos e Rubens da Silva	EMI-Odeon
Aprendi a Sofrer	1978	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	EMI-Odeon

Disco 2. Sorriso de Criança – 1979

Sorriso de criança é segundo álbum, com 11 músicas – lançada em 1979, pela gravadora EMI-Odeon:

Música	Ano	Composição	Gravadora
Sorriso de Criança	1979	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	EMI-Odeon
Cantei só pra distrair	1979	Hélio dos Santos	EMI-Odeon
Adeus à solidão	1979	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	EMI-Odeon
O meu amor tem preço	1979	Dona Ivone Lara	EMI-Odeon
Quisera	1979	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	EMI-Odeon
São Paulo, Chapadão de Glórias	1979	Silas de Oliveira/Joacyr Sant'Anna	EMI-Odeon
Sonho meu Liberdade Acreditar	1979	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	EMI-Odeon

Amar como eu amei	1979	Mano Décio da Viola/Abílio Martins	EMI-Odeon
Confesso	1979	Dona Ivone Lara	EMI-Odeon
Por querer liberdade	1979	Fuleiro	EMI-Odeon
Muro das Lamentações	1979	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	EMI-Odeon

Disco 3. Sorriso Negro – 1981

Sorriso Negro é o terceiro álbum, com 12 músicas – lançada em 1981, pela gravadora WEA:

Música	Ano	Composição	Gravadora
A Sereia Guiomar	1981	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	WEA
De Braços com a Felicidade	1981	Dona Ivone Lara	WEA
Alguém Me Avisou	1981	Dona Ivone Lara	WEA
Unhas	1981	Dona Ivone Lara e Hermínio Bello de Carvalho	WEA
Me Deixa Fica	1981	Dona Ivone Lara	WEA
Nunca Mais	1981	Dona Ivone Lara	WEA
Sorriso Negro	1981	Adilson Barbado e Jorge Portela	WEA
Adeus de um Poeta	1981	Tião Pelado	WEA
Os Cinco Bailes da História do Rio	1981	Dona Ivone Lara; Silas de Oliveira e Antônio Bacalhau	WEA
Meu Fim de Carnaval Não Foi Ruim	1981	Dona Ivone Lara	WEA
Tendência	1981	Dona Ivone Lara e Jorge Aragão	WEA
Axé de Ianga (Pai Maior)	1981	Dona Ivone Lara	WEA

Disco 4. Alegria da minha gente (Serra dos meus sonhos dourados) – 1982

Alegria da minha gente (serra dos meus sonhos) é o quarto álbum, com 9 músicas – gravada em 1982, pela gravadora WEA:

Música	Ano	Composição	Gravadora
Roda de Samba pra Salvador	1982	Dona Ivone Lara	WEA
Preá Comeu	1982	Dona Ivone Lara	WEA
O Samba Não Pode Parar	1982	Fabrizio do Império e Paulo George	WEA
Lamento do Negro	1982	Caboré; Onofre e Heitor dos Prazeres Filho	WEA
Nasci para Sonhar e Cantar	1982	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	WEA

Sambas de Terreiro (Prazer da Serrinha)	1982	Carlinhos Bem-Te-Vi	WEA
Coração por que choras?	1982	Dona Ivone Lara	WEA
Vejo em Teus Lábios Risos	1982	Mestre Fuleiro e Delfino Coelho	WEA
Uma Rosa pro Cartola	1982	Wilson Moreira e Nei Lopes	WEA

Disco 5. Ivone Lara – 1985

Ivone Lara é o quinto álbum, com 12 músicas – gravada em 1985, pela gravadora Som livre:

Música	Ano	Composição	Gravadora
Se o caminho é meu	1985	Paulinho Mocidade e Jurandir Brinjela	Som livre
Vem Ouvir	1985	Penteado do Império	Som livre
Rainha Quelé	1985	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	Som livre
Meu samba é luz, é céu e mar	1985	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	Som livre
Nos Combates Desta Vida	1985	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	Som livre
Carlos Drummond de Andrade (E agora José)	1985	Dona Ivone Lara e Jorge Aragão	Som livre
Menino Brasileiro	1985	Dona Ivone Lara e Rildo Hora	Som livre
Sem Cavaco, não	1985	Dona Ivone Lara e Mano Décio da Viola	Som livre
Doces Recordações	1985	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	Som livre
Não Fique a se torturar	1985	Dona Ivone Lara; Arlindo Cruz e Sombrinha	Som livre
Resignação	1985	Dona Ivone Lara e Hélio dos Santos	Som livre
Pra Você Volta	1985	Arlindo Cruz; Neoci Dias e Zeca Pagodinho	Som livre

Disco 6. Bodas de Ouro – 1998

Bodas de Ouro é o sexto álbum, com 13 músicas – lançado em 1998, comemorando 50 anos de carreira. Esse LP é de regravações importante ao longo da carreira. Foi gravado pela gravadora Columbia/Sony Music.

Música	Ano	Composição	Gravadora
Samba de roda pra Salvador	1998	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	Columbia/Sony Music
Alguém me avisou	1998	Dona Ivone Lara	Columbia/Sony Music
Não chora neném	1998	Dona Ivone Lara	Columbia/Sony Music
Sonho meu	1998	Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho	Columbia/Sony Music

Candeeiro de vovó	1998	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Columbia/Sony Music
Mas quem disse que eu te esqueço	1998	Dona Ivone Lara e Hermínio Bello de Carvalho	Columbia/Sony Music
Acredita	1998	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Columbia/Sony Music
Sorriso negro	1998	Adilson Barbado e Jorge Portela	Columbia/Sony Music
Força da imaginação	1998	Dona Ivone Lara e Caetano Veloso	Columbia/Sony Music
Enredo do meu samba/Mel da boca	1998	Ivone Lara; Jorge Aragão David Côrrea (Mel da boca)	Columbia/Sony Music
O samba não pode parar Leva o meu samba Na cadência	1998	Fabricio do Império e Paulo George Ataulfo Alves Ataulfo Alves e Paulo Gesta	Columbia/Sony Music
Alvorecer	1998	Don Ivone Lara e Delcio Carvalho	Columbia/Sony Music
Bodas de Ouro	1998	Dona Ivone Lara/Paulo e César Pinheiro	Columbia/Sony Music

Disco 7. Nasci pra sonhar e cantar – 2001

Nasci pra sonhar e cantar é o sétimo álbum, com 12 músicas – gravada em 2001. pela gravadora Lusáfrica.

Música	Ano	Composição	Gravadora
Deus está te castigando	2001	Dona Ivone Lara	Lusáfrica
Nas asas da canção	2001	Dona Ivone Lara e Nelson Sargento	Lusáfrica
Um grande sonho	2001	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Lusáfrica
Agora	2001	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Poeta sonhador	2001	Dona Ivone Lara e Paulo Costa Alves	Lusáfrica
Canção da felicidade	2001	Dona Ivone Lara	Lusáfrica
Tendência	2001	Dona Ivone Lara e Jorge Aragão	Lusáfrica
Nasci pra sonhar e cantar	2001	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Canto do meu viver	2001	Dona Ivone Lara	Lusáfrica
Chorei, confesso	2001	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Sereia Guiomar	2001	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Axé (Pai Maior)	2001	Dona Ivone Lara	Lusáfrica

Disco 8. Sempre a cantar – 2004

Sempre a cantar é oitavo disco, com 13 músicas – gravada em 2004, pela gravadora Lusáfrica.

Música	Ano	Composição	Gravadora
Na própria palma	2004	Dona Ivone Lara; Bruno Castro e Mauricio Verde	Lusáfrica
A cigana	2004	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Você confessou	2004	Dona Ivone Lara	Lusáfrica
A força do Criador	2004	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Lusáfrica
Luz da Paz	2004	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Lusáfrica
Coração apaixonado	2004	Dona Ivone Lara e Rildo Hora	Lusáfrica
Vida que a gente leva	2004	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Castelo de ilusão	2004	Dona Ivone Lara	Lusáfrica
O trovador	2004	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Receio o amor	2004	Dona Ivone Lara e Sombrinha	Lusáfrica
Vem novamente	2004	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Nova era	2004	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica
Sem dizer a adeus	2004	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Lusáfrica

Disco 9 – Canto da Rainha – 2009

Canto da Rainha é o nono álbum, com 14 músicas - gravada em 2009, pela gravadora Universal music.

Música	Ano	Composição	Gravadora
Sorriso negro	2009	Adilson Barbado e Jorge Portela	Universal music
Alvorecer	2009	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Universal music
Sama de roda pra Salvador	2009	Dona Ivone Lara	Universal music
Força da imaginação	2009	Dona Ivone Lara e Caetano Veloso	Universal music
Mas quem disse que eu te esqueço	2009	Doa Ivone Lara e Hermínio Bello de Carvalho	Universal music
Nas escritas da vida	2009	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Universal music
Enredo do meu samba	2009	Dona Ivone Lara e Jorge Aragão	Universal music

Acreditar	2009	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Universal music
Sonho meu	2009	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Universal music
Tendência	2009	Dona Ivone Lara e Jorge Aragão	Universal music
Canto da Rainha	2009	Arlindo Cruz e Sombrinha	Universal music
Não chora, neném	2009	Dona Ivone Lara	Universal music
Dizer não pro adeus	2009	Dona Ivone Lara; Bruno Castro e Luiz Carlos da Villa	Universal music
Serra dos meus sonhos dourados	2009	Carlinhos Bem-Te-Vi	Universal music

Disco 10. Nas escritas da vida – 2010

Nas escritas da vida é o décimo álbum, com 12 músicas – gravado em 2010, pela gravadora Sony Music.

Música	Ano	Composição	Gravadora
Nas escritas da vida	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
Divina missão	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
Canção em Madrigais	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
No coração de Madureira	2010	Dona Ivone Lara; Bruno Castro e Mauricio Verde	Sony music
Convicção tardia	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
Esbanjando a alegria	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
Noite de magia	2010	Dona Ivone Lara; Delcio Carvalho e Bruno Castro	Sony music
Investida fatal	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
Destino	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
Escravo da Dor	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
Sagrado Lugar	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music
Um grande Sonho	2010	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Sony music

Disco 11. Bodas de coral no samba Brasileiro – 2010

Bodas de coral no samba Brasileiro, com 14 músicas – gravado em 2010, pela gravadora Independente.

Música	Ano	Composição	Gravadora
Derradeira melodia	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Alvorecer	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Sorriso de criança	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Amor sem esperança	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Sonho e saudades	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Nem é preciso falar	2010	Dona Ivone Lara; Delcio Carvalho e Paulinho de Carvalho	Independente
Ainda baila no ar	2010	Dona Ivone Lara; Delcio Carvalho e André Lara	Independente
Sol de verão	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Cigana	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
A festa	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Vai na paz	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Candeeiro de vovó	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Nos combates dessa vida A sereia Guiomar	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente
Sonho meu Acreditar	2010	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Independente

Disco 12. Baú da Dona Ivone Lara – 2012

Baú de Dona Ivone Lara, com 10 músicas – gravado em 2012, pela gravadora Radar Records.

Música	Ano	Composição	Gravadora
Dia de samba no Bonfim	2012	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Radar Records
Outra vez	2012	Dona Ivone Lara e Nei Lopes	Radar Records
Império e Portela	2012	Dona Ivone Lara; Diogo Nogueira; Ciraninho e Bruno Castro	Radar Records
Vento da tarde	2012	Dona Ivone Lara; Delcio Carvalho e André Lara	Radar Records
Não me maltrata	2012	Dona Ivone Lara; Sombrinha e Bruno Castro	Radar Records
Não é miragem	2012	Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho	Radar Records

A menina e o tempo	2012	Dona Ivone Lara; Bruno Castro e Zé Luiz do Império	Radar Records
Adeus ao senhor da razão	2012	Dona Ivone Lara e Bruno Castro	Radar Records
O Preá (Incidental) Luta Imperiana	2012	Bruno Castro; Dona Ivone Lara e André Lara	Radar Records
Sombras na parede	2012	Dona Ivone Lara; Delcio Carvalho e André Lara	Radar Records

APÊNDICE – B

COMPOSIÇÕES DE DONA IVONE LARA: AUTORIA SOLO E COM PARCEIROS

Músicas	Composições
Minha verdade	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Com ele é assim	Ivone Lara
Espelho da vida	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Em cada canto uma esperança	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Samba, minha raiz	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Andei para curimá	Ivone Lara
Nas sombras da vida	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Aprendi a sofrer	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Sorriso de criança	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Adeus à solidão	Ivone Lara e Delcio Carvalho
O meu amor tem preço	Ivone Lara
Quisera	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Sonho meu	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Liberdade	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Acreditar	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Tiê	Ivone Lara; Hélio dos Santos e Fuleiro
Confesso	Ivone Lara
Muro das lamentações	Ivone Lara e Delcio Carvalho
A sereia Guiomar	Ivone Lara e Delcio Carvalho
De braços com a felicidade	Ivone Lara
Alguém me avisou	Ivone Lara
Unhas	Ivone Lara e Hermínio Bello de Carvalho
Me deixa ficar	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Nunca mais	Ivone Lara
Os cinco bailes da história do Rio	Ivone Lara; Silas de Oliveira e Antônio Bacalhau
Meu fim de carnaval não foi ruim	Ivone Lara
Tendência	Ivone Lara e Jorge Aragão
Axé de Ianga (Pai Maior)	Ivone Lara
Rodas de samba para Salvador	Ivone Lara
Preá comeu	Ivone Lara
Nasci pra sonhar e cantar	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Coração por que choras?	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Rainha Quelé	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Meu samba é luz, é o céu e o mar	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Nos combates desta vida	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Carlos Drummond de Andrade	Ivone Lara e Jorge Aragão
Menino Brasileiro	Ivone Lara e Rildo Hora
Sem cavaco, não	Ivone Lara e Mano Décio da Viola
Doces recordações	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Não fique a se torturar	Ivone Lara; Arlindo Cruz e Sombrinha
Resignação	Ivone Lara e Hélio dos Santos
Não chora, neném	Ivone Lara
Candeeiro de vovó	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Mas quem disse que eu te esqueço	Ivone Lara e Hermínio Bello de Carvalho
Força da imaginação	Ivone Lara e Caetano Veloso

Enredo do meu samba	Ivone Lara e Jorge Aragão
Alvorecer	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Bodas de ouro	Ivone Lara e Paulo César Pinheiro
Deus está te castigando	Ivone Lara
Nas asas da canção	Ivone Lara e Nelson Sargento
Um grande sonho	Ivone Lara e Bruno Castro
Agora	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Poeta sonhador	Ivone Lara e Paulo Costa Alves
Canção da felicidade	Ivone Lara
Canto do meu viver	Ivone Lara
Essência de um grande amor	Ivone Lara e Sombrinha
Chorei, confesso	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Ela é rainha	Ivone Lara
Na própria palma	Ivone Lara; Bruno Castro e Mauricio Verde
A cigana	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Você confessou	Ivone Lara
A força do Criador	Ivone Lara e Bruno Castro
Luz da paz	Ivone Lara e Bruno Castro
Coração apaixonado	Ivone Lara e Rildo Hora
Vida que a gente leva	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Castelo de Ilusão	Ivone Lara
O trovador	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Receio o amor	Ivone Lara e Sombrinha
Vem novamente	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Nova era	Ivone Lara e Delcio Carvalho
Nas escritas da vida	Ivone Lara e Bruno Castro
Dizer não pro adeus	Ivone Lara; Bruno Castro e Luiz Carlos da Villa
Divina missão	Ivone Lara e Bruno Castro
Canção em Madrigais	Ivone Lara e Bruno Castro
No coração de Madureira	Ivone Lara; Bruno Castro e Maurício Verde)
Convicção tardia	Ivone Lara e Bruno Castro
Esbanjando a alegria	Ivone Lara e Bruno Castro
Noites de magia	Ivone Lara; Delcio Carvalho e Bruno Castro
Investida fatal	Ivone Lara; André Lara e Bruno Castro
Festa de Santo Antônio	Dona Ivone Lara
Destino	Ivone Lara e Bruno Castro
Escravo da dor	Ivone Lara e Bruno Castro
Sagrado lugar	Ivone Lara e Bruno Castro
Um grande sonho	Ivone Lara e Bruno Castro
Préa/Luta Imperiana	Ivone Lara; Bruno Castro e André Lara